

LILIAN FARIAS

Autora de *O Céu é Logo Ali*

MULHERES QUE NÃO SABEM CHORAR

*Eu a amava, só não sabia
o que fazer com o amor.*





Mulheres que não sabem chorar

Lilian Farias

Sumário

Álamo-branco

Malva-rosa

Verbasco

Cipreste

Nigela

Lilás

Mil-folhas

Rosa branca

Flor-da-paixão

Orquídeas

Escovinha

Petúnia

Glória-da-manhã

Tanaceto

Madressilva

Prímula silvestre

Esporinha

Gengibre

Acanto

Sálvia

Áster-italiana

Urze

Verônica

Camélia

Dedico este livro a todas as mulheres que outrora sofreram para que, hoje, eu fosse livre de corpo, alma e mente. Às mulheres da minha família, que emanaram em minhas células a força das guerreiras que amam a liberdade e que vivem da liberdade. À minha mãe, grande apoiadora e parceira, Elza, mais uma Maria entre tantas Marias que lutam todos os dias.

A Adriana Lohanna Dos Santos, uma Mulher Sergipana que, entre preconceitos e abusos, luta pelo direito de ser mulher nesta senzala machista que querem nos impor.

A Robertson Esquilo Lins, que consegue ver amor, luz e esperança nas minhas humildes palavras e, principalmente, no mundo.

Dedico a Renê Moura, amigo e parceiro.

A Andréa Karla Menezes Pires, que cativou lugar especial no meu coração feminino.

Preciso dedicar a mim, que presenciei todos os amores e aflições das *Mulheres que não sabem chorar*. Este livro começou a ser escrito em 2010, mas as histórias aqui presentes estão na minha memória de muito antes.

Histórias da rua, das vizinhas; das parentas; das minhas ancestrais; das amigas; das vendedoras de verdura; das professoras; das viciadas; das mães; artistas; putas; muitas putas; escritoras; bruxas e xamãs... Mulheres que cederam suas histórias e em cada palavra deixavam as lágrimas correrem, ou não. Entre o amor e o ódio das palavras proferidas por essas mulheres, fui moldando meu ser e uma Lilian renascia.

Dedico, por fim, mas não menos especial, porém com uma carga de emotividade maior, a todas as mulheres que cederam suas histórias e depoimentos para que *Mulheres que não sabem chorar* tivessem vida. Por mais que eu não concorde em algum momento, jamais poderia silenciá-las no âmbito de seus segredos mais profundos a mim revelados.

“Lendo o livro Mulheres que não sabem chorar, da autora Lilian Farias, entrei de cabeça nas histórias de muitas mulheres e tive a absoluta certeza de que nós mulheres devemos e temos o direito de chorar! Somos fortes!”

(Paula Juliana – Overdose Literária)

“A minha personagem favorita foi Olga, por sentir que ela era mais livre, mais sentimento, mais emoção e pela carga e peso de sabedoria que essa mulher carregou. No início não gostei muito da Marisa, mas não consegui ter raiva dela... Não sei o porquê!”

(Priscila Domingues – Eu Sou Pri)

“Fui surpreendida pelo final, porque, desde o começo do livro, imaginava algo totalmente diferente. Quando finalizei a leitura, fiquei um pouco sem reação, pois parecia ter sido muito sem noção, mas depois refleti e descobri que eu não mudaria nada, pois o desfecho foi totalmente cabível para a situação. Por quê? Deixarei a curiosidade para vocês!”

(Dani Kaulitz – Nuclear Story)

“Ler Mulheres que não sabem chorar me fez ver o mundo de uma maneira diferente, e, cá entre nós, gostei bem mais dessa nova maneira.”

(Dryh – Shake de palavras)

Jardineiros

Prezado leitor

Chamo-me Adriana Lohanna e venho convidar você a viajar pela leitura deste livro que conta a história de mulheres como eu: batalhadoras, sofredoras, mulheres que vivem marginalizadas, obrigadas a viver em uma sociedade hipócrita e dominada pela misoginia e pelo machismo.

E eu, como exemplo dessas mulheres, sou vítima do machismo e da falta de respeito à identidade de gênero em nossa sociedade desde quando nasci, pois sou uma mulher transexual e sofro na pele hoje muito mais do que mulheres que desde o nascimento têm um órgão feminino entre as pernas, pois, além da misoginia aparente vivenciada por nós mulheres, sofro também as marcas da transfobia; da falta de informação sobre a identidade de gênero e, principalmente, sofro porque as pessoas em nossa sociedade não conseguem entender que não nos definimos por um simples pedaço de carne que temos entre as pernas; sofro por essa sociedade ainda não entender que “Não se nasce mulher, mas, sim, torna-se mulher” (Simone de Beauvoir).

Este livro narra a história de vida de mulheres que como eu não têm o direito de amar e ser amadas; de gritar seu amor e de realmente assumir quem são. Tudo isso, pelo simples fato de que, hipocritamente, esta sociedade não nos dá espaço, pois vive rotulando a vida de todos e doutrinando a maneira que as pessoas têm que viver, e, dessa forma, vitimando os que divergem desse modelo posto pelo heterossexismo e pela “falocracia” vivenciada por todas.

Pois é, vivi na pele as dores e amarguras de ter nascido “em um corpo errado” em minha história de vida; apanhei por ser diferente; tive negado o meu direito à “Identidade”, ceifadas todas as formas de expressão do meu ser feminino. A mim, esta sociedade deu o espaço dos esquecidos e dos “anormais”. Como transexual não tenho direito de “ser”; de viver como qualquer outro ser humano.

E o direito de amar também me é ceifado a todo momento, pois sou vista como uma doente, como a escória da sociedade, e assim a possibilidade do amor se torna bem vaga e difícil.

No entanto, devido a todo esse processo de sofrimento e de coerção social, mulheres como eu, e como as mulheres de que se fala neste livro, infelizmente perdem a capacidade de chorar, pois é necessário muito esforço, vontade e força de viver para encarar esse sistema que nos vitima em cada esquina, em cada lar, em cada espaço social onde transitamos.

Contudo, felizmente continuamos nessa luta, vivendo cada dia uma pequena batalha na busca do respeito e pela aceitação do ser humano em todas as formas de diversidade, pois acreditamos ser isso possível principalmente a partir do conhecimento, uma vez que este é que fará

a desconstrução dos estereótipos, a quebra dos tabus e principalmente o entendimento de que nós mulheres ou até homens que divergem deste modelo somos também seres humanos e merecemos ser ouvidos e também vistos, e é disso que trata este livro.

O que se busca aqui é a visibilidade de uma forma de amor que não é aceita pela sociedade, que está hoje silenciosa, no entanto, sendo o silêncio sobre o tema uma forma de exclusão. Escrever pode ser uma tática eficaz para captar algumas impressões fortes.

Boa leitura!!!

Adriana Lohanna dos Santos

Mulher transexual, coordenadora estadual de políticas públicas para a população LGBT da sedhuc/SE.

Professora licenciada em letras/inglês, assistente social, pesquisadora na área de gênero e diversidade sexual, ativista do movimento LGBT.

Sinto-me privilegiada pela alegria de ter cabido a mim, uma simples mulher sem muitos títulos, fazer o prefácio deste livro. Sim, simples mulher, mais uma Andréa, entre tantas outras. No entanto, também dentre tantas uma mulher que não aprendeu a chorar, assim como Ana. Sim, sou uma sobrevivente.

Mas aqui estou, de pé ou sentada, desarmada ou não, com lágrimas nos olhos. Lágrimas que, a cada dia, buscam a coragem necessária para serem derramadas por cima do embuste, o qual uma sociedade machista impõe sobre mulheres. Sim, a sociedade machista, a principal ‘enclausuradora’ de meninas e que, no afã de sua loucura, tenta castrar o nosso choro. Ela simplesmente nos ‘ensina’ a não chorar.

Choremos.

Na leitura de *Mulheres que não sabem chorar*, Lilian Farias nos leva a uma introspecção latente. Somos levadas a reconhecer nossos vários ‘eus’, a enxergar nossos medos, angústias e desesperos. Feridas na alma, muitas vezes travestidas de sorrisos amarelos nas personagens que, de forma profunda, nos representam.

A trama tem como principais personagens Olga e Marisa. Narra a história de vida dessas duas mulheres, cerceada pelas muitas dores pelas quais passaram e rodeada por temáticas como vício, violência contra a mulher, incluindo histórias de mulheres em manicômios na década de 80 – as temáticas foram cuidadosamente abordadas com propriedade de conhecimento –, homoafetividade, machismo e o feminismo como ponto de equilíbrio, e quantas mais vertentes os leitores possam encontrar a partir do olhar para suas próprias existências.

A relação homoafetiva entre Olga e Marisa, apesar de ir muito além do encontro de mãos, bocas e línguas, nos apresenta a beleza de uma vida sexual descortinada por palavras desnudas de qualquer pudor. Pudor este descartado por escritores como Hilda Hilst, Nelson Rodrigues, Rubem Fonseca e muitos outros, por compreenderem que a vida não é prosaica e que desejos e prazeres são inerentes ao ser humano, mas que a carga da censura faz emergir um turbilhão de neuroses. Freud explica, a Literatura entende e sua transgressão sai pelos poros.

Uma leitura prazerosa pela opção da autora em não criar obstáculos com palavras rebuscadas, ao mesmo tempo em que apresenta uma leitura um tanto intimista, com toques espiritualistas, que não causa qualquer incômodo ao leitor mais cético, apenas beleza poética à prosa.

Um encontro com o espelho não é fácil, mas nos ensina a chorar. Por isso, choro.

Andréa Karla M. Pires

É com grande alegria que leio este livro, capaz de fazer pulsar das entranhas da vida as estranhas forças das mulheres, que se espalham pelos ventos e germinam a terra com suas sementes de liberdades, ateiando fogo às percepções e fluem carinhosamente como água que banha o corpo humano e o planeta. Digo estranhas forças elementares porque ainda é muito para a humanidade vivenciar tamanha intensidade de beleza, êxtase e amor da mulher e dos seres humanos.

Lilian Farias, esta escritora com muita coragem e sensibilidade, é capaz de lembrar-nos que a vida que baila incessantemente, às vezes, é aprisionada por padrões mentais que descolorem todos os arco-íris, escondendo algo que está fora da existência e manifesta-se denunciando o que impede a intimidade e o que torna as coisas vulgares.

Provoca imaginações sensoriais pelo corpo. Imaginações e sensações que se misturam no ilimitado espaço que chamamos de corpo. Corpo que nos surpreende sempre quando não estamos presos a sensações culturais. Corpo que desfruta do prazer quando é banhado por linguagens, e sentiria ainda mais quando nos permitíssemos ir além dos condicionamentos morais. Prazer de ser tocado pra lá do corpo, aguça o arrepio dos êxtases e a curiosidade dos encontros das expressões amorosas.

Denuncia uma série de burocracias mentais e sociais que criamos em cima do namorar, das cobranças que existem entre as pessoas, principalmente exigindo resultados, como fazem as empresas. Talvez por isso o namoro tenha perdido um pouco o caminho.

Porque o namoro não é resultado, é para se deslumbrar com o outro, é ampliar as sensações de percepções. As maneiras é que são diversas, deixando enlouquecida a cultura da certeza linear.

De antes da polêmica deste livro, muito antes de ser lançado, é estranho como, numa sociedade, dentro do nível da racionalidade, falamos de amor e, ao mesmo tempo, negamos as expressões amorosas em todos os lugares.

E quando se reprime a expressão amorosa, aí se provoca o maior distúrbio social, que é a própria violência, a não aceitação do diferente.

A diversidade é que faz a vida dar seus passos. É o entendimento desse diferencial, também em nós, que talvez possa aceitar o diferencial que está fora. Do contrário, nós nos tornamos ditadores; as outras expressões não valem. Acho que todas as expressões são válidas, contanto que revelem o cuidado, o afeto, a cumplicidade e também a intimidade num sentido mais

amplo, em que possamos encontrar vida em todas as expressões amorosas.

Existem expressões amorosas que fazem com que nos permitamos; nos abramos para a vida, e outras que fazem com que nos fechemos, que é a depressão. Perceber as expressões amorosas externas faz com que nos abramos. Acho que há uma mistura de moralismo que talvez tenhamos recebido, somado ao medo dessas expressões corporais, de sensações que temos.

Ao mesmo tempo, devido às nossas repressões, não queremos revelar a alegria de ver em nós e no outro as expressões diferentes. É preciso deixar os sentimentos comungarem com as ideias. Não sei se seria muita hipocrisia, hoje, querer limitar os tipos de relações amorosas permitidas. Penso que é preciso deixar as pessoas serem felizes.

Se o feliz dela é estar com o igual, vamos celebrar o igual; se for com os diferentes, vamos celebrar os diferentes, mas o importante é deixar as pessoas escolherem suas melhores expressões amorosas, contanto que não invadam o espaço das outras pessoas: terão apenas que fazer uma escolha responsável.

Mas é ainda um grande debate, uma grande discussão tanto filosófica quanto psicológica para ser colocada nas escolas, nos encontros, nos meios de comunicação. Porque quase nada se valorizou das expressões amorosas em suas múltiplas possibilidades.

A beleza deste livro é a busca de uma morada no abraço da outra, é querer morar dentro da outra para permitir se encontrar dentro do outro. E essa é a busca de se encontrar, de se permitir, de se entender, de buscar ser amado para dar sentido à vida.

Cada página é uma ampliação de sentidos e, parafraseando Lilian Farias, “a ordem dos fatores altera a percepção”.

Boa leitura!

Robertson Ferreira “esquilo” Lins.

Psicólogo.

Aprendiz da Formação Holística de Base - UNIPAZ/PE

Pós-Graduando em Psicomotricidade Relacional / ICONE-FACHO-PE.

Facilitador e Didata em Biodanza pela International Biocentric Foundation - Registo RE 0537

Pós-Graduando em Ecologia, Educação e Espiritualidade / Instituto Teológico Franciscano - Petrópolis/RJ

Esta obra é baseada na história real de várias mulheres, que, nos
desencontros da vida, decidiram esvaziar...

Álamo-branco

A chuva havia cessado e os ventos que sopram hoje são os ventos de lamento.

Estou no ano de 2044. Trinta anos depois de as auras da lamúria soprarem pela primeira vez.

Eu me chamo Ana, uma sobrevivente das mulheres que não sabiam chorar. Talvez para contar a história e não deixar que gerações futuras padeçam com as doenças da alma.

Talvez...

Eu vou narrar o que sei dessa história, contar para todas as mulheres por que devemos chorar; por que devemos esvaziar como uma nuvem cinzenta de chuva que precipita.

Foi uma época em que todas aprenderam, mas só eu resisti. Não por almejar estar viva, queria ter enterrado minhas dores junto com as outras, a vida não me foi tão generosa, então tive que aprender a resignificar.

Viajei pelo mundo e conheci muitas histórias de mulheres e o quanto são parecidas em sua essência.

Todas nós, independente do modo, que nos reconhecemos como mulheres, carregamos um mundo em nossas entranhas.

Dentro das minhas palavras, ouviremos muitas Anas, Marias, Franciscas, Olgas e Albertas existentes e vagando pelo mundo.

Ultrapassamos as barreiras de tempo e espaço quando encontramos, em nossas vidas, os milhares de anos de dor, perseguição e sofrimento que precisam ser finalizados.

Em comum, descobri que todas, sem exceção, gritavam por mudanças. Não eram tempos para o amor. Vivíamos sufocadas e silenciadas. Quando o primeiro grito saiu, foi muita dor. Decerto, muitas dores.

Ao terminar de conhecer as histórias dessas mulheres, entre elas a minha, conte a sua para o mundo, não se cale mais, mostre ao mundo a força da mulher.

Depois de tudo que sofri e aprendi sobre minha natureza feminina, vivo hoje com a minha companheira e temos três lindos filho e filhas.

O amor que impera em nossos relacionamentos deve vir com os ciclos de doenças quebrados. Quebrei o ciclo que rondava a minha família.

Quebrei muitos ciclos, que por anos perpétuos fizeram a minha história e das minhas mulheres sem nossa autorização, mas acabou. Vi definhar minha mãe, Olga e Marisa com suas cargas mazeladas.

Quando conheci minha companheira, parecia um bicho acuado. Não reconheci o amor de imediato, foi necessário tempo e esforço. Exatamente como um árduo trabalho manual, mas esse,

além de manual, era da alma. Quando conheci Verônica, uma dor maior que o universo me acometia. Estava anestesiada. Sabia que já a havia visto, mas nunca com o esplendor que emanava naquele dia.

‘Re-conheci’ Verônica numa tarde de sol, segunda-feira. Estava cansada de uma longa caminhada e sentei ao seu lado no banco de uma praça. Ela sorriu para mim e eu registrei sua imagem junto à luz do sol. Tão bela e poética. Foi amor e nos amamos até hoje. Mas o grito silencioso que percorria as minhas células e me fazia sentir dores nas juntas, primeiro, foi desenjaulado.

Malva-rosa

Marisa, no auge de seus 55 anos, resolveu olhar para o regresso. Partiu rumo ao conhecido que o horizonte jamais poderia oferecer.

Uma saudade latente tomava-lhe de ímpeto, de modo que o passado e o futuro tornaram-se unos. Havia vazio, uma falta inexplicável, e ela não sabia a que atribuir.

Diariamente, perdia-se no tempo, mas acordava com a briga dos filhos. E, com seu forte olhar carinhoso, os deixava calmos. Espantosamente, Marisa nunca desejou filhos. Também jamais desejou ter olhar carinhoso.

Ela há muito se perdera em algum lugar dos seus desejos, bem como seus desejos perderam-se em algum lugar da sua existência.

O olhar carinhoso era um contraponto à sua personalidade hostil e o carinho para com os filhos não ultrapassava os olhares; mesmo quando a morte assombrava a família, o lado invasivo era mais cômodo.

E o corpo de Marisa, diferente do da maioria, ontem tinha 55 anos e 20 dias, hoje tem 55 anos e 21 dias e amanhã terá 55 anos e 22 dias.

Para que Marisa pudesse manter determinado equilíbrio, seria necessário compreender essa situação. Contudo, promíscuo era o lirismo do seu olhar carinhoso. Ora, a ordem dos fatores altera a percepção e, se ela indesejavelmente cultivou essa simbologia, cabe-nos perguntar: carinho ou defesa? Vida ou anestesia? Olhos ou pedra?

Algumas circunstâncias em Marisa eram tão na medida que chegavam a assustar; ela trocava harmonia por comodismo.

Sua vida estava mais para vulgar por enquadramento de padrões que para existência; poderia dizer que um suicida tinha mais estima pela vida que ela. E a fúria dessa escolha devastadora do viver se materializava em suas ações.

Pela paixão, desde a infância, cultivada por flores, virou florista. O que de fato intrigava aquela mulher peculiar eram as floreiras; precisamente, a ação do homem junto às flores. Fato do passado que nunca esquecera: qual a necessidade de retirar os espinhos das rosas para admirá-las?

Cercada pela dúvida de infância, a solidão dessa interrogação sem respostas criou raízes em seu corpo. O deserto era pouco para explicar tantas perguntas. Talvez a única fonte de amor entre Marisa e o mundo estivesse nas flores; o zelo e o carinho para com todas as flores a fizeram estudar para cuidá-las.

Essa foi a vez que contrariou os pais, na escolha do que faria da própria vida profissional, e ser bem-sucedida tornou-se uma obsessão, mais de meio século de obsessão

enraizados em suas entranhas. Seria difícil, um dia, caso desejasse, mudar, mas não impossível.

Repetitiva às dúvidas, sempre mordida os lábios de aflição, mas enganava a todos com uma camuflagem que queimava suas veias. Ao menos, sabemos que cada segundo da dúvida fora saboreado por Marisa, que gostava de brincar com sua indulgência de Amélia.

Marisa privou-se de sentir e tentou compreender o incompreensível, e murchou mais que floresceu. Ela amava as flores, mas as ignorava na essência; julgava demais, tinha verdades demais, o tempo era uno e foi incapaz de refletir sobre as realidades que a cercavam.

Talvez essa paixão avassaladora pelas flores fosse seu corpo tentando reagir a esse mundo alucinado em que fora obrigada a ser **'gente'** e que só ela poderia mudar.

Marisa era mãe, mulher, companheira e Marisa. Apreciava uma quebra de rotinas e conservava as rotinas diariamente. *“Eu sei, leitor, que é contraditório!”*.

Casou-se aos 25 anos, aos 27 já era mãe de gêmeos (Maria Flor e Alberto). Aos 30 ficou viúva. Aos 31, as finanças da família passavam por apuros e Marisa resolveu trabalhar com o que mais conhecia: flores.

Com 33, rapidamente firmou-se como uma grande empresária. Com 34, decidiu embrulhar o luto de viúva e foi à caça: 1º namorado; 2º namorado; 3º namorado; 4º namorado; 5º namorado; 6º namorado em menos de oito meses.

O modo impulsivo com que trocava de namorados não era uma certeza do que queria, era apenas para ter o que dizer nas rodas de conversas familiares, que ela alimentou até a morte dos pais. Não aceitava ser vista pelas mulheres casadas como a pobre viúva.

Quando os pais morreram, essa guerra já estava ganha, não iria mais necessitar usar aquela máscara e foi se distanciando do resto da família. Inclusive porque detestava emprestar dinheiro para os parentes mais próximos e abrigá-los em sua casa. Outro fator que a deixou feliz com a morte dos pais foi a herança. Dinheiro era sempre bem-vindo!

Seus pais, Lucy e João, formavam um casal **perfeito**. Ela, sempre muito religiosa e engajada nas obras sociais da igreja, mãe 'zelosa' e mulher de cuidados. Lucy teve cinco filhos, dos quais quatro morreram de fraqueza, e sobrou Marisa, que, por muito tempo, foi alimentada pela avó. Sem leite para dar aos recém-nascidos, não se importou em mandá-los para o interior para ter uma ama de leite.

Marisa ficou aos cuidados da avó até os 10 anos de idade, quando esta morreu. Lá, ela ajudava nos afazeres domésticos, nos cuidados com o jardim, foi alfabetizada e ouvia música, tinha pouco contato com os pais e, nos raros momentos, a insatisfação por tê-los por perto era constante.

Quando foi morar com os pais, começou a perder peso rápido, visto que sua alimentação era precária, sua mãe estava sempre ocupada com a igreja e o pai ficava o dia inteiro fora de

casa, no trabalho.

A situação melhorou porque aprendeu a cozinhar, a empregada da casa estava proibida por Lucy de cozer, inclusive de se alimentar com a comida da casa no horário de trabalho.

O pai, João, era mais velho que a mãe, um homem conservador e austero; quando se aposentou, passava muitas horas em casa e, com o ônus da aposentadoria, foi ficando depressivo e mais envelhecido que o natural. Lucy sentia certa afeição por ele, mas não passava de um casamento forçado pelos pais, nunca o amor. Amor mesmo, ela nutria por outro homem.

Enquanto Lucy tinha vigor irreprimível, João ia murchando no sofá da casa. Apesar disso, foi nessa época que a situação nutricional de Marisa aliviou, pois, com o marido em casa, Lucy precisava cuidar da alimentação dela. A atividade não a alegrava. Nunca desejou ser mãe, casar-se ao bel-prazer dos pais. Ainda pensou em abortar, mas sua mãe assegurou que esse era seu passaporte para uma vida tranquila e estável.

Anos depois, Marisa descobriu que a mãe mantinha uma relação amorosa com o padre da cidade, teve dúvida de quem era o pai, e aquilo foi uma tortura inacabável.

Iniciou uma verdadeira perseguição ao padre, que não passava de um sedutor. Ele mantinha casos com outras três senhoras da comunidade e todas eram casadas, mas, em cartas que a mãe escondia num baú, Marisa soube que seu pai era João, o caso da mãe com o padre iniciou depois do seu nascimento.

Razão real de a mãe tê-la mandado para o interior e a deixado lá por tantos anos.

Quando fazia qualquer coisa errada, era forçada a ficar por horas ajoelhada no milho, trancada num quarto e faminta.

Por vingança, quando tinha 16 anos prometeu a virgindade a um garoto da escola caso ele a ajudasse numa retaliação à mãe. Ele, lógico, ajudou. A ideia não era fazê-la ser pega com a boca na botija, e sim mostrar a toda a sociedade os outros casos do padre.

Mantinha sua mãe imaculada, mas a dilacerava por dentro.

Conseguiu o que queria, num dia de igreja cheia a sociedade vira o padre Roberval com duas de suas amantes fazendo uma orgia.

Ela marcou o encontro com o reverendo e outras três mulheres num horário que não teria missa. Os meninos corriam desembestados, dizendo à mulherada que tinha missa marcada no mesmo horário.

O padre foi mandado para outra paróquia, as mulheres, expulsas de suas casas pelos maridos, e a mãe estava com o coração destruído.

No início, ela pediu ajuda a um único menino da escola, mas cinco a ajudaram, e ela retribuiu sexualmente a todos.

As punições de Marisa não diminuíram com aquilo, pelo contrário, só aumentaram, mas sempre que olhava nos olhos da mãe via a intensidade do sofrimento, e aquilo era uma tocha de fogo que alimentava sua ira e a fazia esquecer-se das dores e das punições.



Aos 35, Marisa expandia os negócios e participava ativamente da vida de Maria Flor e Alberto. Participação que oscilava de tempos em tempos. Ela determinava tudo na vida deles.

Entre milhares de cursos e viagens de férias, a cada dia eles demonstravam mais cansaço físico e intelectual. Ela estabelecia regras para cada um, Beto precisava ser o primeiro nos esportes e Flor a primeira da turma de dança. Além disso, precisavam manter notas acima de 9,5 para não serem torturados.

Se entrassem em discussão na escola, deveriam bater no oponente e, caso isso não acontecesse, apanhariam o dobro em casa, nunca perder era o lema.

Marisa também incentivava a disputa entre os irmãos, mas, em sua dureza materna, não notou que ali já havia mais que um laço fraternal, eles se tornaram unos e amigos. Dessa amizade nasceu a força para aturarem os desmandos da mãe e maquiar a realidade que ela criou para a vida deles.

Com 37, fez uma mudança radical no guarda-roupa, cabelos e adjacentes. Com 38, 39 e 40 seguiu a rotina de namoros ininterruptos. Seus relacionamentos eram confusos e mantidos por guerras de poder; dominadora, seu amor durava enquanto era divertido manter um homem sob seus desígnios, depois enjoava e o trocava como quem muda de sapatos.

Pouco importava o que Marisa seria, mas o que ela deixou de ser. O futuro era o agora, e o passado insistia em repreender-lhe. Os cigarros ocupavam os seus lábios e agora sua saúde parecia não pertencer mais à razão.

Marisa nasceu numa primavera chuvosa, e ela não chorou. Era uma criança calma que pouco demonstrava os interesses naturais de um bebê faminto. Também demorou a aprender a falar e a andar.

Vinda de uma família rigidamente religiosa, a exigência era que ela adotasse todas as doutrinas religiosas daquele grupo familiar. O que nunca aconteceu. A única fé de Marisa era nos cigarros comprados numa birosca da esquina. As marcas digitais já estavam impregnadas com o sabor do vício, também saturado de puro sufoco.

Esperou que com o casamento permanecesse livre das regras e restrições, isso não aconteceu, tão pouco com a morte do marido viu-se em estado de plenitude.

Certamente, as restrições de Marisa eram internas, nenhuma ação externa poderia salvá-la daquele círculo de prisões, a maneira oposta de descobrir o mundo seria mais saudável, enquanto ela projetasse nos outros a própria liberdade, jamais encontraria paz interior.

Asfixiada por anos de convívio com uma família que não admitia diferenças, Marisa necessitou manter no próprio corpo esses conceitos. Ela nunca viveu várias vidas todos os dias, o direito concedido pelos pais foi o de viver uma única história, a mesma que cercava aquela família há milênios.

E essas ideias enclausuradas entre abafos e mágoas criaram mulheres cheias de decepções e angústias, que nada tinham a ver com a própria essência.

Com o tempo, tudo foi se tornando rotineiro, o sofrimento passou a ser tão normal quanto beber água. Toda a treva foi estagnando nas gerações de outrora até chegar em Marisa, que obteve aparato suficiente para não confrontar esse ciclo daninho. A sagacidade do destino pôde pôr essa mulher à prova. Todavia, até quando ela poderia resistir à própria vida?

Em dezembro de 1980, numa celebração de fim de ano, Marisa conheceu Fernando. Não era o primeiro namorado. A postura daquele homem causou-lhe boa sensação.

Além de um intelectual bem-humorado, era charmoso e parecia ter respostas para todas as perguntas. Ele fumava, e a forma como manuseava o cigarro entre os dedos despertou em Marisa uma sensação de desejo e liberdade.

Falava francês, espanhol e inglês fluentemente. Não era o homem mais bonito da festa; era o mais cobiçado. E ver os olhares das outras mulheres naquele ser tangível e mortal oportunizou, dentro dela, um combate contra todas 'as' presentes. Quanto mais observava o movimento do cigarro e a popularidade dele, mais sua libido aumentava.

Ela se aproximou e pediu cigarro, nunca havia fumado. Ele, auspicioso, deu-lhe o cigarro e prontamente acendeu-o, aquela aproximação poderia ter sido uma história de amor, era, na verdade, a construção de uma realidade de poder.

E se cigarros e um homem ao seu lado poderiam sustentar essa realidade, ela não pensaria duas vezes. Sua primeira tentativa de sedução fora arruinada por várias oponentes dispostas e aglomeradas numa atmosfera sexual, glamorosa, rica e poderosa, explodindo nela o desejo de seduzir; o pedido do cigarro fora concedido e junto a ele o provável desprezo de Fernando, que não demonstrou nenhum interesse e persistiu dissipando mistério no salão.

Ela analisou cada passo dele e de todos que o cercavam, manipulou as pessoas por informações e, em minutos, sabia mais sobre ele do que ele próprio. Outros rapazes cortejaram-na; nenhum com o brilho de Fernando, obrigando-a a recusar todos os convites e focar em elaborar sua estratégia de conquista. E quando o jovem, por um mínimo tempo, ficou só, ela iniciou seu plano,

confrontando a inteligência do rapaz e deixando-o confuso quanto às próprias ideias.

– Você tem o melhor cigarro. Esqueci os meus. Quando estou sem cigarros tudo parece tão mórbido – ela falava, direcionando olhar para Fernando. – Parece que o cigarro tem o dom de aproximar todos os tipos de indivíduos. – Ele logo ofertou outro cigarro, mas, dessa vez, curioso pela abordagem.

– E que tipo de indivíduos ele aproximou agora? – questionou, demonstrando interesse pela possível resposta.

– Não me importo em ser ousada quando quero alguma coisa – ela sabia que a confusão que despertou nele foi a carona de que precisava para se aproximar, e sentiu um extremo prazer ao ver que também se tornara o centro das atenções de todos os olhares presentes. – Estou com sede, vou beber algo – quanto mais mantivesse o jogo do desprezo, mais o teria no alvo. E, em matéria de desprezo, Marisa sempre fora brilhante.

– Você insinua que me falta ousadia?

– Não, afirmo que temos visões diferentes, mas cultivamos o mesmo amor: cigarros.

– O que sabe sobre as minhas ideologias?

– Em longo prazo, nada. Contudo, o enfoque narcisista que se revela em suas ações é geometricamente sua prioridade nesta noite – aquelas palavras eram hostis, ela sabia. Também sabia que era o veneno ideal para sua caça. Tão galanteado até aquele momento, viu-se desolado pela única que demonstrou repúdio à sua cultura.

Ela levou o prêmio para casa, namoraram e casaram. Irrigada pelo poder, o casamento durou até que a morte os separou; ambos sabiam que, apesar de algumas características em comum, o registro que o tempo desconstruiu foi a suportável vida do contente que se prolongou até a morte.

Morte que representou uma mudança radical na sua vida; se, por um lado, ela representava o papel de viúva sofrida e mãe solteira, por outro se vinculava à vida de mulher de negócios. Era uma nova fonte de poder, não financeiro, propriamente dito; mas o financeiro foi uma deliciosa consequência da sua ambição imaterial.

Com o dinheiro deixado de herança pelos pais e pelo marido, materializou o sonho da floricultura. Ao mesmo tempo, exercia a função de mãe, mulher social, viúva sofrida, sempre muito dissimulada e irônica.

O prazer das sedução continuou; momentâneos. Detestaria ver-se em outro casamento. O resultado, com o tempo, foi uma mulher metódica, rica, de personalidade forte, cheia de singulares conceitos sobre a vida e atarefada em demasia.

Verbasco

Quando a gente vive com medo, tudo é pretexto para repudiar o novo. Nós nos proibimos e nos machucamos sem sequer ter experimentado. Mantive a maioria dos meus relacionamentos na tempestade da indiferença, mesmo as amizades eram construídas à base da desconfiança. Impotente, sabendo da verdade sobre mim – eu era uma mulher num perpétuo alvéolo –, jamais teria coragem de descortinar meu desejo e procurar Verônica.

Eu, truculenta; ela, perfeita.

Por certo, eu era uma boneca de vitrine – bela por fora, que enchia os olhos de quem passava, que todos queriam levar para casa; mas triste por dentro. Ainda assim, sonhava com as histórias que me tiravam da tortura da infância. As histórias fúteis e tolas, e nada empoderadoras, que me ajudaram a seguir viva. Contos de fadas que, por ínfimos momentos, me faziam aquietar e esquecer. Faziam-me confiar na humanidade e crer que eu também poderia ter um final feliz. Suspirar na raridade das doçuras com que, porventura, o corpo seria agraciado, embora ilusórias e pouco duradouras. A vida ainda pulsava em mim naqueles instantes. Meus verões eram frios, aliás, todas as estações.

Depois que convivi com Marisa e, em seguida, soube de Olga, experimentei um vazio desmesurado. Inicialmente, pareceu-me desumano; com o passar dos anos, o tempo fez-me perceber que nada estava perdido. Tudo era uma questão de oportunidades. Ainda me restava decorar, por dentro, uma alma vazia. Uma infância tempestuosa; uma adolescência limpando os destroços deixados pelas tempestades da infância. Adulta, uma mulher sem coragem para enfrentar seus próprios monstros. Cansada demais para tentar. Ferida demais para reagir. Anestesiada. Sem lugar neste mundo. Apática à vida.

Eis que surge Marisa, como um sopro de esperança, dando-me as oportunidades. Eu queria ser como ela: confiante. Aquele ar de quem sabia de tudo, tinha todas as respostas. Seus olhos se movimentavam com a vida que almejava quando criança. Marisa e Verônica são histórias antagônicas com ligação muito forte na minha existência. Durante minhas noites frias e intermináveis, o sorriso de Verônica voltava à mente, martelando. Quase certa de que não conseguiria dormir, vagava pela cidade. Aventura pouco adequada, eu sei. Principalmente, em tempos que mulheres eram assassinadas nas ruas violentamente. Mas como matar a saudade de algo que não aconteceu? A propósito, saudades do que nunca vivi foi o que restou de uma infância conturbada.

Surpreendi-me, pois, parecendo uma ideia absurda, me uni inicialmente à Marisa e escrevi o epitáfio de um passado asqueroso. Em seguida, renasci, me unindo à Verônica.

Com meus problemas guardados em algum lugar inacessível até a mim, tentava estudar. Cursava o segundo ano de Serviço social numa Universidade Federal. Brigava com os professores

e reprovava com frequência nas disciplinas. Fiquei o dobro de tempo na faculdade, em parte por indisciplina minha e em outra por pura vaidade dos professores. Ao concluir, com quase trinta anos, decidi fazer Psicologia, e, dessa vez, fiquei apenas dois anos além do previsto para o curso, motivos similares ao anterior. Pois bem, minha performance universitária foi grande e isso rendeu grandes ensinamentos. Primeiramente, colegas que estudaram comigo nos primeiros anos de Serviço social logo viraram meus professores na faculdade. Mas isso é o de menos. Realmente, como os cursos foram passando por distintas mudanças ideológicas na grade, conheci na prática o Determinismo sem fundamento a uma ciência humana e agregadora. Capaz de desconstruir barreiras sociais e materializar o empoderamento. Por mais que não tenha sido exemplar, sai às ruas e ouvi pessoas. Não procurei títulos em vão. Mas ocorreu o oposto do que esperava. As pessoas com quem conversava nas ruas foram as que me ensinaram, e, a partir daí, a teoria teve sentido. Meus colegas, depois meus mestres, riam de mim, achavam perda de tempo. Achavam-me inútil. Meu tempo destinado às respostas foi otimizado para ouvir, causou reboliços, lógico. Estranhavam quando eu, grossa, silencieei. Mal sabiam eles que eu já tinha planos. Seria perder tempo debater com gente ignorante, precisava do diploma, queria continuar meus trabalhos sociais.

Recentemente, fui presa por estar no lugar certo na hora errada, fazendo meu trabalho – cuidando de pessoas. Minha mãe foi me soltar.

- Será que você ainda tem jeito?
- Jeito para quem?
- Não me venha com sua filosofia infame. É para isso que serve seu curso?
- Você deveria experimentar. Pode ser que fique mais feliz!
- Eu repudio o que você se tornou.
- Eu repudio o que são forçadas todas as mulheres a se tornarem.

Eram os rápidos encontros que tinha com minha mãe; geralmente, quando necessitava de algo ou estava em apuros, aparecia. Relâmpago.

- Ainda continua vestida com esses trapos?
- São mais apropriadas.
- Para quê? Pedir esmola?
- Não, para ser eu mesma.

Sem perder o costume, o sermão advertindo sobre minhas roupas *inapropriadas* começavam. Mal calava a boca de uma reclamação, iniciava outra.

- E o seu irmão?
- Eu não sei, ele escolheu o caminho dele.
- Mas soube que estava doente.

– Sim. Mas é necessário romper para continuarmos vivas.

– Tente entrar em contato com ele. Soube que está num hospital. Sei que você ele receberá. Nunca me perdoou.

– Verei o que posso fazer.

– Prometa!

– Só por isso me tirou daqui? Só para me comprar?

– Você sabe que não é isso. Ele continua sendo seu irmão.

– Ele fez as escolhas dele.

– Ele continua sendo meu filho e você também.

– Verei o que posso fazer.

Dei de ombros e a deixei imóvel, olhando-me partir.

Mais uma noite de insônia, insegura sobre como agir. Tecnicamente, tinha um irmão que ignorava e que estava doente, hospitalizado. Desde criança, vivia debilitado. Tudo o que representava a aflição do meu passado me deixava nervosa, incluindo familiares e a representação da família. Por isso, fui morar só. Uma amiga era assistente social no mesmo hospital em que estava internado. Pedi a ela os horários que ele não recebia visitas.

– A única pessoa que vai vê-lo, uma vez por dia, é o pai.

– Novidade.

– Ele é metódico, vem sempre no mesmo horário e fica exatos trinta minutos. Evita conversas e está sempre de cabeça baixa.

– Imagino. Que horas essa visita vem?

– Às 16 horas.

– Então faltam vinte minutos. É suficiente.

– É melhor se apressar.

Há tempos não via o Bruno, e o corredor do hospital aparentava ser maior que de costume, ou talvez minhas pernas não obedecessem, quem sabe o calor excessivo, já que minhas mãos suavam. Depois de percorrer um caminho interminável, finalmente cheguei à porta do quarto dele, ainda indecisa em abrir. Uma enfermeira segurando uma bandeja cheia de remédios abriu a porta, forçando-me a entrar junto.

Os olhos dele estavam mais abatidos. Parecia mais velho, muito mais velho que o proposto para a idade. Advertiu com um sorriso que sabia da minha presença. Por segundos nos limitamos a breves olhares. Por espinhos profundos que apertavam nossos corações, já não esperava por abraços.

– Quais as notícias? – perguntei ainda com o mesmo sorriso saudosos.

– Só estava com saudade das enfermeiras, por isso voltei – ele continuava brincalhão.

Acho que a doença não afetou o humor. – Câncer no fígado.

– Muito ousado de sua parte.

– Gosto das coisas bem-feitas – rimos.

A enfermeira observava sem compreender nada. Até que finalmente saiu do quarto e nos deixou.

– Vim a pedido da mamãe.

– Imaginei. Deve ter sido uma tortura.

– Nada que uma dose de vinho não resolvesse.

– O que anda fazendo da vida?

– Estudando. Sendo presa, às vezes. Nossa mãe quer saber de você. O que devo dizer?

– Você foi presa? Continua conversando com moradores de rua?

– Sim. Três vezes. Coisa boba. A repressão ainda é grande. Mas a eficiência da justiça depende da classe social e da raça, você sabe.

– Não, não sei. A vida não deu tempo para tudo isso.

– É verdade – disse em tom de lamento.

– Quando irá perdoá-lo? Ele é doente, precisa de cuidados. Está fora do meu alcance.

Aquelas palavras pareciam lâminas afiadas entrando em minha carne e provocando dor. Meu rosto foi tomado pela cólera e a garganta doía entalada com o passado. O mundo girava, meus olhos se depararam com o relógio, ainda tinha dez minutos, mas a vertigem que me acometia acelerou para dez segundos. Sem saliva e forças para continuar, balbuciei...

– Preciso ir...

– Espere. Fique – suplicou baixinho.

A escuridão que imperava nos meus olhos fez meus pés acelerarem à saída. Foi rápido até a porta. Não me despedi de minha colega de faculdade. Já do lado de fora, um calafrio na espinha subiu, deixando-me mais pálida, esperando que eu virasse e me defrontasse com meu maior pesadelo. Sem dúvidas, era ele. Parado. Com as mãos nos bolsos. Olhando em minha direção. De sobressalto, corri o quanto pude, sem olhar pra trás. Quando o desespero minimizou, desacelerei os passos e caminhei, sem rumo, até chegar ao parque.

Sentei num banco, com os olhos cheios de lágrimas. Ao redor, crianças jogavam futebol, umas garotas tagarelando e senhoras aparentando jogar conversa fora. Ainda estava confusa, ofegante, cansada.

– Precisa de ajuda?

– Oi?

– Sou Verônica. Vi que está nervosa, chorando, e te trouxe água.
A voz musical adentrou nos meus ouvidos.

Cipreste

O mundo ainda girava, a ressaca dos dias passados fazia-se presente. Os olhos de Olga pareciam mais cinzas. Nem ela se conhecia, nenhuma pessoa a conhecia de verdade. Um tipo de sujeito inexistente que se enxergava nos drinques de whiskies misturados a vodcas e o que mais contivesse álcool. Inclusive o perfume que ganhou da filha no natal passado.

Apesar de inexistente, era uma flor em todos os aspectos. As nuances de Olga confundiam a todos, sua aparente estupidez e sua física figura banhada pelo vício eram um cartaz de repúdio, de contrapartida seus olhos viam além do que qualquer mortal poderia discernir.

As condições físicas dela eram deploráveis. O mau cheiro, roupas rasgadas e sujas, cabelos despenteados e, às vezes, com piolhos, as unhas quebradas. Uma figura de puro incômodo aos demais seres existentes. Cursando de 50 anos, era uma dócil viciada.

Sem destino ou camuflagem, ela era o que era. Mesmo sabendo que se tornou uma pedra, pouco se importava e seguia o caminho do vício deliberadamente. Nos poucos e raros momentos de sobriedade, cuidava de um pequeno jardim na frente da casa que ela intitulou de “As flores não morrem”.

Para nosso azar, Olga não está sóbria, acabou de chegar à casa tropeçando nas pernas. E, como se não bastasse a embriaguez, mais uma vez discutiu com a vizinha.

Olga e Marisa eram vizinhas há vinte longos anos, e há vinte anos elas brigavam com tanta força que haviam virado motivo dos falatórios diários dos outros moradores do bairro. Se um cachorro vadio rasgava o lixo, elas brigavam; se o carro estivesse mal estacionado na rua, briga; se fizessem um pouco mais de barulho, até polícia dava. Elas se esperavam para brigar; sinceramente, tanto ódio parecia mais amor.

Por vários momentos Marisa roubou os pensamentos de Olga e vice-versa. Pensamentos estes que eletrizavam seu corpo, elas acreditavam no fervilhar do ódio e do repúdio. A confusão de sentimentos durou anos.

Para o momento, outra coisa mais importante clama por nossa atenção: hoje, depois de tanto álcool, Olga passou mal. Por sorte, sua filha foi visitá-la e a levou para o hospital. Maria, filha única, estava angustiada. Não suportava o vício da mãe, não desejava a sua morte.

As visitas à mãe eram poucas e sempre com a esperança cravada na cura. Nunca desistiu, porém cansou da batalha e foi viver a própria vida. Essa relação seria interrompida logo por um fator que Olga não esperava; que, na verdade, nenhuma mãe espera, deseja, almeja, quer...

Ao acordar, Olga se deparou com uma filha triste e envelhecida 20 anos, sem cabelos e sem humor. Tomada pelo susto, não se reconheceu naquele lugar.

Um nó na garganta, uma dor no corpo inteiro e uma cabeça que parecia montanha-russa

que não tira férias. Seus olhos não acreditavam no que viam, e, naquele instante, desejou que tudo o que viveu fosse fruto da irreabilidade do vício. Não era.

Por mais que desconhecesse o que acontecia com a filha, seu coração de mãe sabia que boas notícias caíam como fantasia para o dia; que o pior a esperava. A certa sensação de algo perverso para o futuro deixava sua boca sedenta por álcool. E a única coisa que veio ao seu encontro foram os olhos da filha, cheios de ternura e de qualquer coisa a mais que Olga não ousava pronunciar.

O ar que adentrava em seus pulmões pesava 100 quilos, sua saliva faltou-lhe; seu coração, já mergulhado na escuridão, sentiu que não havia mais esperança; a mulher agora era uma prisioneira do azar. A única certeza eram as lágrimas que teimavam a rolar pelo seu rosto, que transpirava bebida alcoólica, e a falta de verbos para aquele momento.

E, pela primeira vez em muitos anos, o desejo do álcool deu lugar ao desejo da saudade. Pela primeira vez, Olga sentiu um sabor, o sabor do passado.

O passado trouxe consigo a mãe e a felicidade enterrada em algum lugar de seus devaneios. Trouxe as ilusões, sonhos e amores que também foram esquecidos quando aquela mulher optou pelo vício. Doce passado que despertou aquela mulher para a realidade. Dura realidade que esperava a mulher que acabava de nascer para a vida.

Nenhuma palavra foi trocada entre mãe e filha. Tudo o que precisava ser dito era dito com os olhos. Tudo o que precisava ser compreendido era compreendido com a alma. E tudo que estava enterrado, foi desenterrado pelo amor. Aquelas duas mulheres se olharam por longos e eternos minutos. Apesar das sombras, a ternura ressurgia: mãe e filha, somente.

Dois meses depois, Olga enterrava a filha, que tinha um câncer e não resistiu. Sua única filha, seu único ato de amor verdadeiro. Olga acabava de enterrar seu amor. E nenhuma viva alma estava por perto para lhe servir de consolo. Ela bem conhecia a solidão, não desejava naquele momento a solidão. Não mesmo.

O fato é que só a dor da solidão, que vive pela eternidade sofrendo, é companheira das mães em luto. E Olga sabia que enfrentaria um luto eterno. Ela possuía um talento sobrenatural para o sofrimento, e a morte da filha deixou-lhe um vazio profundo na alma e só agora sabia que poderia mobiliar a casa.

Antes de morrer, Maria fez um pedido à mãe, que cuidou dela, zelosa, nos últimos dias.

– Pare de beber. Por mim, aprenda a viver a vida, faça o que o destino me impossibilitou. Por mim, mãe. Por mim – seguir aquele pedido parecia impossível, não segui-lo era pior.

– Sei que vai conseguir, é uma boa mulher. Sempre foi. O mais importante é dar o primeiro passo, procure ajuda, empenhe a energia do vício em cura, você consegue. Sua força é maior do

que imagina – a morte ensinou-a a acreditar no inacreditável. A ver luz nas trevas. E na penumbra do seu fim, dar vida à própria mãe.

– Você fala como se fosse a minha mãe. Descanse, filha. Não gaste suas energias comigo – a mãe renega esse novo parto.

– Eu nunca lhe disse isso, apesar da vontade. A vida quer que eu vá muito jovem, olhe para todas essas pessoas neste hospital, lutando por um segundo de vida, olhe para mim. Meu futuro é mais incerto que o seu, a morte me é mais certa em poucos dias. E você, você ainda tem a chance que todas as pessoas que aqui estão, inclusive eu, de viver. Viva como se fosse eu. Não ligue para o seu passado; ele passou. De todos os doentes deste hospital, você tem a chave da vida – enquanto dizia, Maria tossia fortemente e, quase sem fôlego, continuou: – Você é afortunada, ganhou na loteria, provavelmente viverá por anos; corte o cordão com o vício e, sozinha e em silêncio, reflita sobre o meu pedido. Antes, me prometa com todas as suas forças que vai tentar...

– Querida, você está ficando fraca, pare com isso.

– Vamos, prometa. Prometa! – sua voz saía desesperada nos últimos lamentos. – Prometa!

Prometa foi a última coisa que Maria disse, ela lutou pela mãe até o fim. E foi isso que Olga relatou nas primeiras reuniões do A. A.; procurou ajuda e deu o primeiro passo.



“Meu nome é Olga Maria da Conceição e Silva, tenho 50 anos e sou alcoolista. A angústia maior foi ver que, enquanto ela morria, lutava por minha vida (choros). Eu bebo para esquecer; esquecer aqueles que me esqueceram, esquecer da dor de ser esquecida. Sempre tive muito medo... aos poucos, desejei esquecer.

Eu prometia que ia beber pouco, seria apenas um gole e nada mais; me enganava, achando que o que eu estava fazendo era controlado... em poucos segundos, já havia esquecido meus anseios, quando os efeitos do álcool passam, os mesmos problemas surgem, só que com ressaca moral.

Inventava motivos para beber, estava com uma dor, estava gripada, ressaca só se cura com mais álcool, me tranquei no quarto por anos para esconder as garrafas de cachaça que roubava das confraternizações de trabalho, na casa de amigos, vizinhos. Com o tempo, os convites para essas festas foram diminuindo, já estava conhecida pelos pequenos furtos; soube, por minha filha, que roubei dinheiro da carteira do amigo da família, fomos todos expulsos da festa, eu não sei, não lembro.

Há mais de vinte anos que estou nesta vida, não sei o tempo exato, talvez trinta, perdi a

noção. Perdi muito peso, cheguei a pesar 45 quilos e já acordei até em outros estados. Estou aqui por minha filha, foi doloroso perceber que ela lutou pela vida e morreu e eu estou aqui, viva. Eu não dei valor a ela, não valorizei meu marido nem meus amigos (choros).

Faz três meses que não bebo, sinto falta; logo após a morte de Maria, fui para uma clínica de repouso; o pai dela, um dia, me largou, eu nunca soube o motivo ao certo; inicialmente, eu fiquei com a guarda de Maria, mas não consegui manter isso, nenhum juiz do mundo deixa uma criança sob os cuidados de uma doente.

Meu ex-marido ainda é vivo e me odeia, eu não o culpo, acho que até eu me odeio. Sim, na verdade me odeio, não consigo aceitar que deixei minha filha morrer. Meus amigos tiveram razões para me abandonar, eu os maltratei, roubei a casa deles, fiz barracos, não recordo de nada, são os relatos que ouvia enquanto estava sóbria. Nesses últimos meses, muita gente disse que eu não tenho recuperação, que logo voltarei ao vício, talvez elas estejam certas. Eu tenho dúvidas e desejo intensamente; hoje, eu não bebi e isso me faz feliz. Cada vez que sinto vontade, penso na Maria, em seus últimos segundos de vida, lutando por mim.

Eu perdi tudo, meu amor-próprio, minha dignidade e não sei onde encontrá-los; ninguém quer ficar perto de mim.

Eu vivo de uma renda mensal que meu ex-marido me envia; meus pais, antes de morrerem, deixaram alguns imóveis aos cuidados dele e ele generosamente me manda uma mesada, é um bom dinheiro; geralmente gastava tudo em poucas horas. Depois que Maria foi morar com o pai, eu passava muito tempo nas ruas.

Diariamente, eu dormia nos bares, e quando acordava pedia outro gole. Houve épocas que vendi parte da mobília da casa, mas as pessoas não queriam comprar por se tratar de móveis antigos, o que tinha de ouro e mais valor, meu ex-marido levou, disse que era para o futuro de nossa filha. Vendi meus livros da faculdade, algumas poucas joias.

Meu carro foi apreendido, não sei o motivo, nunca me interessei por isso. Eu era respeitada na faculdade, no trabalho e no meu bairro, onde conheço quase todo mundo. Sempre morei naquela casa, inclusive quando casei, meus pais saíram e foram morar próximo da praia, era o sonho deles, eu fiquei com a casa.

Quanto mais tempo sóbria eu ficava, mais sofria com tudo aquilo, não desejei causar mal àquelas pessoas, também não conseguia sozinha, creio que ainda não consigo; aonde vamos, tudo é atraente, se ligamos a TV, rádio, lojas, nas ruas e em qualquer lugar. Houve uma época em que eu achei que na hora que eu quisesse, eu ia conseguir, bastava e conseguia, fiquei limpa por três dias: quarta; quinta e sexta; esses três dias foram torturantes.

Eu via o quanto as pessoas esperavam de mim, não podia fraquejar, estava amedrontada,

minha filha já fazia planos de morar comigo, não gostava da madrasta. Além disso, o ódio e a desconfiança no olhar das pessoas, o clima tenso que se instalava quando eu chegava foram meu veneno; na sexta à noite, fui caminhar, passei na calçada de bares fechados, como aquele ambiente era familiar, o cheiro me enlouqueceu, não suportei, não suportei (choros).

É muito mais fácil conseguir um gole que ficar sem nada, tudo conspira a favor do álcool; tudo conspirava contra mim.

O mundo me rejeitou e levou a minha filha, levou o amor dos amigos, levou tudo e não me levou, agora tenho que seguir com a minha promessa, quero conseguir, eu juro que quero conseguir! Me internaram algumas vezes e eu fugi, batia nos enfermeiros, nos médicos, tenho uma cicatriz de uma vez que tive um ataque de abstinência, não sei como, me feri e feri várias pessoas. Hoje, admito que sou doente, que só não consigo e todos me viraram as costas.

Nada me agradava, eu só queria álcool para esquecer e sempre esquecia. Tudo em mim dói, a consciência e meu corpo doem, minhas lembranças fazem minha alma doer; mas nesses últimos meses de tratamento já engordei oito quilos, estou me achando mais bonita, sensual, meu apetite sexual retornou, não com a mesma intensidade da juventude, mas retornou.

Na juventude, eu tinha muito fogo (risos), quero recuperar tudo isso, quero que, de onde minha filha estiver, tenha orgulho de mim, ela acreditou em mim, mesmo nos últimos instantes, ela acreditou em mim.

No hospital, enquanto cuidava dela, não bebi tanto, e lá tinha tantas pessoas lutando por vida, querendo um pouco do que eu tinha para continuar a jornada, havia muitas crianças, coitadas, acho que olhei para elas com a mesma pena que as pessoas olham para mim e me senti culpada por isso, fiquei dois dias sem ver minha filha, estava embriagada, dormi nas ruas mais uma vez.

Eu estava sóbria no dia em que ela morreu, no dia do enterro também, não sentia vontade, mas sentia necessidade. A dor que se instala em mim é maior que eu! Minha vontade é beber para esquecer, só que, agora, eu vou até o final.

Preciso de ajuda; preciso mesmo. Não sei onde fica o ponto final; se isso é um pote de ouro do arco-íris. Quando era criança, acreditava no ouro do arco-íris, talvez exista; talvez seja a vida que deixei escorrer. Eu vou até o final. Mesmo com medo de ser rejeitada; eu vou até o final. (choro)”

Nigela

Um dia tão importante para mim, e tinha que ser estragado por ‘pessoas’ inconvenientes. Isso aqui é um tumulto. E o pior de todos os tumultos. Deveria haver alguma lei para esse tipo de gente sem pudores e respeito às concepções das boas famílias. O melhor que tenho a fazer é não deixar esse incidente estragar meu dia e de meus filhos.

Foi assim que comecei minha manhã, num dia tão importante para os meus filhos, e, não sabia eu, que era o início de um grande drama. De qualquer forma, a minha vizinha sempre estava aqui para me incomodar ou para deixar sua marca registrada de viciada em meu dia perfeito!

– Crianças, estão prontas? Logo, o voo sairá!

– Calma!

Meu coração já está partido de deixá-los fazer esse intercâmbio, um ano sem meus filhos. Estou tentando encarar como umas férias. Concordo que esse é um pensamento perigoso, afinal, uma mãe nunca tira férias de filhos. Essa foi a alternativa que encontrei para deixá-los partir. Resta-me acender um cigarro e esperar o tempo passar para que eu possa abraçá-los.

O mais dramático de tudo é reconhecer que agora sou o terceiro plano na vida deles, ou mesmo que sempre fui.

A sensação é igual à traição, mesmo sabendo que não houve traição. São tão confusos os sentimentos da partida. Esqueceram de me avisar que quando os médicos cortam o cordão umbilical é apenas ilustrativo, meu coração de mãe não reconhece nem aceita esse corte.

– Lembrem-se de ligar para dar notícias! – disse aos meus dois amores.

– Claro, mamãe. Logo estaremos de volta. Te amamos. Até daqui a 365 dias... – os risos tomaram conta do aeroporto. – Europa, aqui vamos nós.

Eu nunca me interessei em ser mãe e agora não consigo controlar o choro. Queria que eles continuassem em minha barriga. A vida toma rumos que nós não conseguimos controlar.

Lembro-me que eu ia abortar. O melhor que eu tenho a fazer é voltar para casa e prosseguir com a minha vida de sempre. O que eu vou fazer hoje? Em outros tempos estaria preparando o jantar para depois organizar a parte administrativa da loja. E agora? Como vou gastar o meu tempo?

Brega é a palavra ideal para tudo o que está acontecendo. É imperdoável que uma mulher como eu esteja vivendo isso. Aqui quem reage é o coração de mãe, e não de uma mulher. Minha mãe não era assim. Ela jamais foi assim. Nem sequer se importava com a minha partida eterna.

Tão preocupada em ser caridosa que adormeceu a mãe que existia nela. *‘Amai o próximo*

como a ti mesmo' era só o que ela sabia dizer. Ela não amava a filha, não se amava e queria amar o próximo.

Que ironia. Eu nunca entendi essa coisa onde você deixa sua própria vida para cuidar da dos outros e deve amar o próximo como a ti mesmo... é um abuso à minha inteligência. Papai, o dia inteiro arrastando o chinelo pela casa, sem o mínimo de dignidade ou personalidade. Tudo naquela família fedia a falta de amor-próprio. Não sei por que esses sentimentos me parecem cruéis, não os deixo de sentir: a morte deles é um tipo de compensação, de alívio.

Ainda sinto o sabor da humilhação na escola, com todas as minhas colegas. O quão bizarro era a minha família. O quão desumano foi aquele seio familiar. O que anima é que todas aquelas lerdas que fizeram parte de minha infância, hoje, não são nem metade do que sou. Não conseguiram erguer metade do meu patrimônio.

Umas inúteis totais em suas vidinhas medíocres. Que importa? Isso tudo faz parte de um passado que não me serve para nada. Meu presente é o meu tudo e o futuro é hoje. Só preciso reorganizar a minha solidão de mulher e, agora, de mãe.

Não será difícil, é só unir a minha solidão de filha. Ao menos os cigarros sempre estão aqui... O cigarro é meu companheiro inseparável. Eu posso controlá-lo; eu sou a dona do tempo. E me dá um prazer indescritível. Melhor que o sexo. Não sei se já contei que o meu primeiro fumo foi para conquistar o meu marido. Grande partido. Isso tem mais de vinte anos. Hoje, ele é basicamente meu amigo. Pensar que, naquela época, o cigarro foi sinônimo de liberdade, modernidade; depois do primeiro cigarro, precisei continuar com a farsa, hoje, sei que me apaixonei pelos cigarros do Fernando. Eu amei aqueles cigarros desde o primeiro instante.

Amei os cigarros, menos o Fernando, eu o admirava no início, depois passou, enjoiei. O cigarro também sempre foi mais delicioso que o sexo que experimentei. Os homens que conheci pouco me satisfaziam. Aliás, conseguia mais resultado com meus dedos que com o pênis deles. Lastimável.

Novos tempos surgem, contudo, me mantenho apaixonada pelo fumo, a inocência dos fumantes apaixonados se fora há muito. Eu preciso me atualizar e manter minha mente viva. Vou passar na loja e depois vou tomar um bom vinho e ouvir música em algum barzinho da cidade.

Até onde externar a solidão é banalizar o próprio 'eu'? Será que sair é sinal de fraqueza ou ficar em casa trancafiada olhando o mundo pela janela é sinal de derrota? Como saber o que fazer? Como escolher o melhor caminho, se não vi uma definição de vitória? Se estivesse gripada, teria uma razão para me manter intocada no meu recinto lar. Não tem nenhuma razão que me impeça de fazer uma escolha. Nunca fui de fazer amigos e não sinto vontade de tê-los.

Ao menos os amigos, nessas horas fatídicas, derramariam lágrimas em consolo da minha

velha solidão. Amizades é decididamente algo que não consta na minha lista de prioridades. Viajar não é a melhor alternativa neste momento do ano. Com o movimento na loja, deixá-la agora seria suicidar meu trabalho de anos.

Com tanta funcionária estúpida, carrego aquilo sozinha nas costas. Acho que outro cigarro virá a calhar. O pior é que nem saí do aeroporto ainda. Fico aqui feito tola e esqueço-me do que é realmente importante: trabalhar.

A vida não para.

Admito que, neste momento de minha vida, estou perdida, desolada; pessoas como eu transitam rapidamente por essas situações. É um só um momento. Tenho os meus defeitos, bem como todo mundo os têm, a fraqueza e a derrota nunca fizeram parte deles.

Ligar o carro e sair daqui é o primeiro passo dessa nova jornada longe dos filhos. Eu não posso acreditar que não consigo ligar o carro, meu único desejo é chorar. Eu lembro-me deles tão pequeninos, nos meus braços, esperando pelo leite materno, pelo meu toque.

Depois de longos nove meses, eu pude finalmente ver o rosto dos meus filhos. Foi um dia feliz, não fiquei chorosa e abobalhada como as outras mães na maternidade. Sentimento que vivencio hoje. É tudo tão estranho.

Naquela época, o que fazia era arrumar e lavar as fraldas sujas e me sentia uma inútil. Não podia aceitar que uma mulher como eu ficasse enterrada a cuidar da casa e dos filhos, a vida era tão curta. Relembro que, quando o pai deles morreu, senti mais alívio que tristeza, além de ele ser imprestável, cuidava muito mal das finanças. Brigávamos e não queria que as crianças presenciassem aquilo. Sabíamos que eu era muita mulher para pouco homem, queria minha independência, e ele, uma vida tranquila. Na vida tranquila dele, não incluía meus desejos. Desconheço se meus desejos podem encaixar na vida de outrem. Afinal, são só meus.

As crianças sentiram falta do pai por muitos anos, com o tempo souberam lidar com a morte.

Durante o luto deles, não conseguia me aproximar, era por medo de não seguir o meu caminho. Não era mais viável para mim ficar em casa cuidando de filhos, por mais que eu os amasse. Fui mais feliz enquanto matinha aquela floricultura viva. Mesmo com tudo o que passei, não senti o que estou sentindo agora.

Ignorava a profundidade do que sentia pelos meus filhos até me separar verdadeiramente deles. O Alberto é mais parecido comigo, forte e seguro; Maria Flor tem traços finos como os do pai, coitada. Por via de regra, os sonhadores sofrem mais, e a Maria flor está enquadrada nesse sentido. Como interferir nesse triste fim? Só posso sentir pena e deixar uma herança para que ela não sinta fome, ao menos isso.

Ela não se decide por qual realidade optar, não sabe o que quer e também o que não quer; confunde-se nos próprios sentimentos. Sinto um inconformismo perverso, raramente conversei com ela sobre essas coisas, a vida diluirá com o tempo todos esses sonhos e os transformará em experiência.

Contos da Disney em excesso, pode ter sido isso. Sempre reclamei na escola, e passava a imagem de perversa. Por isso, dei uma trégua, com o trabalho esqueci essas besteiras e a menina se tornou uma tola.

Lilás

Sentada, estática, fiquei sem resposta. Verônica ainda exibia aquele sorriso magnético e hipnótico à espera de respostas, que nem sequer pronunciei. Apesar de encantadora, ainda me sentia receosa. Não por conta da estranha com jeito de anjo, mas por tudo que acabara de acontecer. Por certo, aquela moça bonita não compreenderia meu sofrimento, engasgado de anos. Bastaria a primeira fase de dores descritas, que ela poderia se transformar nos piores demônios prestes a me crucificar.

– Não sei se está me ouvindo, mas ficarei aqui ao teu lado, segurando a água.

– Desculpe! Acabei de ser assaltada e ainda estou me recuperando!

Ela arregalou os olhos.

– Você está bem? Vamos, levante, te levarei para a delegacia. Fizeram alguma coisa com você? Te machucaram?

– Na medida do possível, estou bem. Mas delegacia não resolve meu problema.

– Como assim? Levaram alguma coisa de valor?

– Sim! Levaram minha alma. Não tem polícia que resolva isso.

Estava pronta para dizer algo, quando, de ímpeto, respirou fundo e silenciou sentada ao meu lado. Assim permanecemos a contemplar o parque. Passados alguns minutos, em silêncio, quebrei o silêncio, movimentando a mão esquerda, ainda trêmula, para receber a água já não tão gelada. Seus olhos me acompanharam, aceitando meu tempo e tentando decifrar-me concomitantemente. Baixei a cabeça e olhei para as mãos que brincavam com o copo vazio, tentava encontrar as palavras certas, dizer para uma estranha que acabara de me ajudar a verdade desmesurada que me afligia, confidenciar o que lutava para esconder de mim mesma. Jamais!

Na tentativa ingênua de fazer Verônica acreditar que estava tudo bem, disse que o horário me obrigava a ir embora.

– Posso te acompanhar? Talvez não seja adequado que você ande sozinha, neste momento.

– Não, obrigada!

– Tem algum familiar para que posso ligar?

– Não. Como disse, preciso ir. Obrigada pelo apoio.

E fui. Sozinha. Ao menos, era no que acreditava. Dentro de mim já existia um pedaço de Verônica. Precisava aceitar isso. Eu a deixei sentada e sem respostas, possivelmente confusa sobre minha sanidade mental. Fazia sentido, já que nem pra mim eu fazia sentido. É provável que, se fosse outro momento, ficaria lá e flertaria, depois voltaria só para casa ou faríamos um sexo

casual, como me é de costume. Obediente aos meus instintos, a esqueceria. Não houve sexo ou flerte e eu não a esqueci.

Era mais alta que eu, por volta de 1,70m, ancas largas e pele parda. Cabelos pretos ondulados, formando volume voluptuoso. Seus seios ficaram por conta da minha imaginação, redondos para caber em minhas mãos. Mas, por sua vestimenta, era impossível saber ao certo. As unhas, cortadas e sem esmalte, deixavam o formato das mãos redondas. Os pés também habitavam minha imaginação, estava usando tênis. E o sorriso. Ah! O sorriso em contraste com o cabelo formando uma pintura perfeita que nem os mais importantes pintores do mundo poderiam retratar.

Desobediente ao meu desejo de ficar e conhecê-la, segui sem olhar para trás. Aprendi a ter cautela e deixar a doce eternidade de um instante perfeito imaculada, somente na lembrança. Também não saberia como me comportar, fazer cenas românticas. Provavelmente meu jeitão de enxergar o mundo a assustaria. O mais engraçado é que sempre tive medo da solidão, e esse mesmo medo é que me mantinha só.

No dia seguinte, minha rotina continuava, trabalho e faculdade interminável. Era uma rotina distinta das demais, considerando o tempo na faculdade, creio que poderiam fazer um monumento para mim. A trabalho, estava numa ONG – Organização Não Governamental, seis horas por dia, muito gratificante e desafiador. Como ainda não era formada, estagiava. Tentei aprender o que muitos professores universitários camuflados de mediocridade não conseguiam transmitir. E, antes de ir à faculdade, precisava passar no banco para pagar algumas contas. Peguei minha senha e fiquei sentada, pensando no dia anterior, em como diria isso a minha analista. Tenho uma analista, ela é boa! Ajudou-me a lidar com meu isolamento sem tratá-lo como doença, mas como saúde. Meu isolamento não me priva de emoções, relacionamentos, histórias, eu apenas não vivo essas sensações de maneira padrão. É como pensar nos vários animais existentes pelo mundo, cada grupo tem sua forma, jeito, cultura. Eu sou, talvez, do grupo dos eremitas. Foi importante tê-la por perto. Lidar com as frustrações parecia impossível. Não tive mãe, minha mãe não teve mãe e nem a mãe dela. Socialmente, as mães são para os filhos ou ninguém. Evidente que existem exceções. As mulheres são educadas para reproduzirem, não para serem mães, caso desejem. Suas filhas também precisam reproduzir e só! O instinto animal de ensinar a se proteger foi rotulado como errôneo e no lugar adotado o ensinamento do medo. E desse trajeto cruel e castrador sobraram poucas oportunidades. Aceitar e viver cordialmente como reprodutora silenciada ou ignorar e queimar na fogueira. Certa vez, li sobre a história das pérolas. Senti alívio.

E enquanto divagava sobre analista, animais, Verônica, encontros, o tempo passou e minha vez ao atendimento chegou.

– Você?

– Ah! Que bom te encontrar. Saiu em disparada, ontem. Passei a noite pensando em como estaria. Se chegou bem a sua casa.

Ela dizia as coisas certas que faziam meu coração derreter. Sabia que a conhecia de algum lugar. Do banco. A caixa. Incrível. A diferença para a mulher do parque era absurda, mas o sorriso continua o exatamente igual. Hoje, estava com uma roupa mais composta, camisa de manga, cabelo preso, maquiagem. Envergonhada por ter fugido, respondi.

– Desculpe. Ontem não foi o meu melhor dia. Realmente estava mal, porém, como pode ver, hoje, já retomei minha rotina. Obrigada pelo apoio! – enquanto dizia, entregava as contas a serem pagas. Atenciosa, conseguia firmar o cuidado em mim e nas contas.

– Você é a última pessoa que atendo hoje. Meu expediente acaba agora. Quer me esperar para conversarmos?

Franzi a sobancelha.

– Conversar? Sobre o quê?

– Não sei, podemos deixar de ser estranhas uma para outra. Nos apresentar sem choros. Desfazer o dia de ontem e começar do zero. Afinal, você sempre vem a este banco, portanto, nos veremos outras vezes.

Fazia sentido.

– Certo.

– Me espera na entrada, chego lá em um minuto. Pode cronometrar.

Além de tudo, ela tinha senso de humor. O universo queria pregar uma peça em mim, só pode! Ela chegou em sessenta e cinco segundos, ainda soltando os cabelos e arrumando os cachos ao vento.

– Viu? Sem atrasos.

– Na verdade, você atrasou cinco segundos.

– Ah! Dá um descontinho...

Rimos.

Me guiou até uma sorveteria do outro lado da rua. Caminhava tão segura de si. Sempre sorrindo. Será que existia tempo ruim para ela? Sentamos e ela ergueu os braços, prontamente, o atendente que estava do outro lado do balcão entendeu do que se tratava. A cordialidade com que se aproximou deu a entender que ele já a conhecia de tempos. Será que era o namorado?

– O que vão querer?

– Quero bola dupla, na casquinha. Chocolate e menta.

– O de sempre, Verônica!

Ele sabia o nome dela e não utilizou nenhuma formalidade. Eram íntimos. Que tortura!

– E você, Ana?

– Eu? O que tem eu?

– Seu sorvete, querida!

– Oh! Me distraí. Pode trazer o mesmo que ela.

– Ok! Dois duplos de chocolate com menta na casquinha.

Verônica assentiu com um piscar de olhos. Eles só podiam ser namorados.

– Realmente, ontem, fiquei preocupada com você. Sei que mal nos conhecemos e é certa loucura aceitar aproximação de estranhos. Mas nunca te vi passar com outras pessoas por aqui. Geralmente, te vejo só. Então pensei: se ela foi assaltada, a quem vai pedir apoio? E se foi algo pior? E se estiver doente?

– Nossa! Como você pensa!

Rimos.

– Eu não a conheço o suficiente para tanta intimidade, você está certa. Mas acredito que possamos nos conhecer melhor e...

Não consegui terminar a frase. Outra mulher, que também não me era totalmente estranha, chegou e tascou um beijo na Verônica. Ao mesmo tempo, segurou meu coração com as mãos e o fez sangrar. Enquanto eu imaginava a gente juntinhas, ela tinha namorada. E muito linda, por sinal.

– Essa é a Júlia, minha companheira. Júlia, esta é a Ana, aquela do parque.

E ela falou de mim para tal da Júlia? Que vergonha!

– Mas conclua o que você estava dizendo, fiquei curiosa.

– Nem recordo o que ia dizer, mas preciso ir, pois meu horário está corrido – dizia isso e levantava da mesa, mais rápida que projétil disparado.

– E o sorvete? – indagou Verônica assustada.

– Fica para outro dia. Até mais – o atendente com a bandeja com dois sorvetes, a namoradinha e a Verônica ficaram me olhando partir mais uma vez, ao menos para Verônica a ação era repetida. É bem provável que a namorada tenha se deliciado com o meu sorvete. E, por ironia do destino, minhas contas ficaram com a Verônica.

Mil-folhas

De frente ao espelho, com um antigo vestido do verão de 1985, Olga passava a mão naquele tecido antigo e novo ao mesmo tempo. Olhava-se como nunca o fizera antes. O espelho era a figura real da honestidade frente aos danos causados pelo álcool.

Passou a mão pelos cabelos crespos e grandes, emaranhados por fios bicolores em branco e dourado, colocando cliques num gesto de simplicidade. Ela permaneceu nesse movimento por mais alguns minutos; olhava-se, cuidava do cabelo, passava a mão pela roupa como se fosse capaz de fazer o papel do ferro de passar. A mão já se fazia vermelha e em pouco ardida pelo excesso repetitivo dos movimentos.

E, de tanto insistir, realmente quase o fez, a roupa que tinha anos de dobraduras foi tomando a forma do corpo de Olga, mas o cheiro do esquecimento não iria sair tão rápido de seu armário. Sentou-se sobre a cama e calçou seus chinelos de couro, simples e confortáveis. E, ainda com as mãos sobre as coxas, olhou todo o território do seu antigo quarto, que depois de muito tempo recebia a luz do sol. Cada canto daquela casa, agora, se fazia novo. Reconhecer e explorar eram mais uma das suas tarefas.

Na realidade, Olga reaprenderia a andar. Os planos de uma ex-viciada, pensava ela, não contornavam grandes aspirações, apenas um passo de cada vez. Seu mundo não revolia mais diante de seus olhos e ela também não sabia por onde começar. Se ao menos sua filha estivesse por lá, lhe daria um rumo. Olga e a solidão eram companheiras e, juntas, enfrentariam todos os monstros que a habitavam.

Desde a última vez que Olga viu-se no espelho, muita coisa mudou, e a sensação perceptível nessas mudanças é como um soco no estômago. Um dia após o outro, formou um vazio para o qual Olga não estava preparada, o espelho, apesar de frustrante, também é a chama de que sua vida precisa.

Aquele espelho, de bordas trabalhadas a mão e banhado a ouro, tinha a idade dela, fora um presente de batismo de uma tia-avó muito distante. Aquele espelho não era só um espelho, era todo o seu passado refletido. Era toda a sua história refletida. Era aquela adolescente que sempre esperava algo de bom do mundo.

Quando largava os pensamentos de antigamente soltos na alma, confundia-se se um dia foi ou não feliz. De verdade, Olga sentia um profundo constrangimento por confundir o conceito de felicidade. E se ela era feliz quando acreditava que era infeliz? E se ela era infeliz quando jurava que era feliz? Será que só ela tinha essas dúvidas? E se todos têm essas dúvidas, como saber quando se é feliz? Ela, de fato, desconhecia.

O espelho, em toda sua potencialidade, abre essas verdades no rosto de quem o vê.

Ela continuou a passar a mão pela barra do vestido, à altura do joelho, o que fazia sentir suas coxas brancas e de idade avançada. Quando foi a última vez que ela se amou? O seu toque íntimo despertava uma sensação já esquecida, aquela de prazer.

Prazer por se sentir viva, por sentir cada poro da própria existência. Sentou-se na cama novamente para reconfortar-se e observar tudo aquilo que poderia lhe dizer o seu quarto, ouvir os barulhos que sua casa produzia e os cheiros que a norteariam numa vida sem o álcool, que, por mais de vinte anos, fora seu companheiro fiel.

Romper um relacionamento longo com o álcool foi mais difícil que enterrar a filha. Foi, de todas as suas causas, a mais impossível de se realizar e a mais necessária de se fazer. Ela também compreendia que, se tivesse a companhia do álcool, naquela hora de luto materno, seria mais fácil esquecer a dor, ao menos por alguns instantes.

Sentada, sem saber ao certo o que fazer, passando as mãos pelas coxas envelhecidas pelo tempo, circulando os olhos ao redor de sua mobília, tentando não sucumbir ao vício, deixou o tempo passar e sentiu o calor das próprias mãos, parecia que o inverno tinha acabado, e os longos anos de hibernação, ido embora, junto com muito sofrimento. Também não era iminente de onde viria sua cura. De como seria ou o que seria essa cura.

Repousou vagarosamente o corpo sobre seus lençóis e travesseiros, e logo o sono foi trancando suas ideias momentâneas e dando lugar ao repouso de que a matéria necessitava.

Os sonhos acenderam naquele momento...



O sol anunciava abruptamente a temperatura do dia, apesar disso, os ventos, sem disfarçar, dançavam por entre as árvores, e o cheiro de flores do campo faziam se sentir a quilômetros.

– Olga, onde está a sua vida? – inquiriu uma criança sentada numa pedra, que deveria ter uns seis anos. – Onde você deixou seus desejos? – continuou ela, com toda a doçura que uma criança feliz pode oferecer.

Olga sentia sua boca seca e a voz não proliferava por entre seus lábios, a resposta não saía e, mesmo que saísse, ela não saberia o que dizer. Suas mãos suavam frio e, de repente, um vento gelado cruzou sua espinha e fê-la ter medo. O azul do céu deu lugar a nuvens cinzas e trovões, e o vento suave foi tomado por uma ventania. A menininha da pedra, agora, pedia por ajuda.

– Socorro! Socorro! Eu vou cair! – gritava a garotinha desesperada, suplicando por ajuda, enquanto se via quase a cair do despenhadeiro. – Socorro! Salve-me! – gritava a garota,

atordodada, até não suportar mais o peso do próprio corpo e cair na imensidão da escuridão, com as mãos esticadas, ainda à espera da ajuda que tardou e falhou.

Olga estava diante da cena, apavorada por não conseguir se mover, nem dizer uma palavra de apoio; a chuva forte, os pingos de água que mais pareciam chumbo a percorrerem o seu corpo, misturando-se às suas lágrimas. Até que conseguiu sacudir o corpo e caiu de joelhos sobre a terra molhada e, freneticamente, soltou um grito, vindo do útero. Um grito de pavor e pânico.

O grito mais forte que uma mulher poderia soltar. Ela gritou e chorou... A chuva continuava forte e segura de sua função, e o chão abria-se em volta de Olga, aumentando o pânico e tirando-lhe o ar. A terra começava a misturar-se à sua saliva e suas narinas não sentiam mais o oxigênio, apenas o pó. Sua pele mesclava com a lama e ela debatia-se, mas o desespero e o medo eram os únicos presentes naquele momento.



Olga acordou assustada e sem ar, molhada de suor e com o coração acelerado. E, pela primeira vez nos meses de recuperação, lembrou-se de uma pergunta frequente feita por aqueles que passaram por sua vida de alcoolista: Por quê? Também lembrou-se da resposta. Na verdade, nunca era uma resposta, era sempre uma mescla de realidades, e, na maioria das vezes, fantasia. Era um refúgio do que ela pouco se importava em saber. A razão pouco importava para ela.

Já não sabia, nesse longo período, o que foi realidade e ficção. Ela sonhou tão profundo que pareciam transfigurações legítimas. Então, voltou a dormir e sonhar; quando acordou, o que recordava é que uma mulher estranha aparecia à sua frente e perguntava onde sentia as dores. Ela apontou, com o dedo indicador, para a região do diafragma. A mulher estranha pediu que ela estendesse o braço esquerdo com a mão aberta; em seguida, abriu-se um buraco na palma da mão de Olga e o cajado da mulher, que tinha formato de uma serpente de madeira, criou vida, agora era uma cobra de verdade e com a boca bem aberta; Olga sentiu quando a serpente entrou pelo buraco aberto em sua mão esquerda, possuindo-lhe o corpo, e a mulher, em tom suave, disse: “Ofereço-lhe a cura!”



Faminta, Olga resolveu, a muito custo, levantar e sair à rua para comprar algo comestível e que não tivesse sido apreciado pelos ratos e baratas da casa.

Dessa vez, recusou o espelho e saiu com a roupa amarrotada. Estava tonta pela indolência, porém necessitava urgente de comida. Ela jurou que, quando retornasse, iniciaria uma faxina pesada na casa, tentaria salvar o que os ratos não comeram.

Enquanto andava, Olga viu de longe o carro de sua pouco adorável vizinha Marisa. Outras coisas podem ser bem piores que encontrar a vizinha, mas a situação de olhar para ela não a deixava muito confortável.

Para sua surpresa, Marisa passou o carro por uma poça de lama, deixando-a molhada e suja. Enquanto Marisa se deliciava com a situação, Olga pouco sabia o que sentir, perplexa em sua sobriedade, não compreendia tamanha estupidez humana.

Nem seguia nem retornava, continuou ali, inválida de palavras para ao menos dizer-lhe um xingamento. Ela mais parecia uma criança assustada com a crueldade do mundo e que carecia de colo da mãe.

Lembrou-se de que, nos tempos de embriaguez, essa situação era algo comum, ela apenas sorria e continuava com a garrafa na mão a apreciar a vida. Portanto, nada de choros, lamentos ou álcool, seu empenho em mostrar que estava uma nova mulher a fez seguir, mesmo suja e molhada, para a lanchonete mais próxima à procura do que almejava: comida. As pessoas na rua a olhavam com indiferença.

Que diferença faz? As pessoas sempre a olharam com indiferença. Era notória a exaustão latente no rosto dela em razão do esforço de se manter longe do vício, ela só não queria ser destruída. Mas foi andando pela rua e vendo antigos conhecidos que se deu conta de quanto tempo se passou.

A indizível percepção de Olga à rua, olhando todas aquelas velhas novas figuras, até que um rosto familiar a abordou. Eram passos rotineiros, não se trata de meticulosamente seguir o mesmo caminho e, sim, disseminar na própria cerne essa nova Olga.

– Olá, Dona Olga! Sinto muito pela morte da sua filha, fui ao funeral, gostava bastante dela – disse Luana em tom amigável. – Fico feliz de vê-la tão bem. A senhora lembra-se de mim?

Olga esbanjou um sorriso amarelo e confuso, acenou que sim com a cabeça, porém os olhos denunciavam sua pouca memória. Seu rosto ficou vermelho de vergonha por não saber de quem se tratava aquela moça.

– Não se preocupe, eu entendo a sua situação. Sou a Luana, aquela amiga de infância da sua filha. Lembra-se que, na adolescência, nós gostávamos do mesmo garoto? Brigamos na rua e ficamos tanto tempo sem nos falar que, na nossa festa de formatura, não sabíamos nem o motivo da discórdia – Luana fez uma breve pausa e continuou. – Olha, não fique constrangida por sua conjuntura, tive um tio que era alcoolista, nós, da família, sofremos muito, ele morreu sem se curar, a

senhora tomou outro rumo. Está se tratando, será uma pessoa melhor...

Olga, decerto muito tranquila, já mostrava impaciência, a conversa e as lembranças da filha a incomodaram.

– Eu agradeço por saber que você acredita que me tornarei uma pessoa melhor – aquelas palavras saíram com um desgaste terrível, ela tentava conservar a dignidade. – Realmente agradeço, mas... – antes de terminar a frase, viu-se interrompida pelos filhos mal-educados de Luana, que arrastavam a mãe pela saia. Salva pelas crianças, pensou.

– Desculpe-me, vida de mãe é assim mesmo. Até mais!

Durante essa breve conversa, uma mescla de sentimentos a atordoaram e a fizeram transitar num intenso caos, a ponto de causar comoção nas suas ideias.

No âmago do mal-estar provocado por Luana, pelos olhares de desprezo, pelas lembranças da filha, Olga sentiu a finitude da carga que transportava, e seu corpo foi conduzido para um passado enterrado: as lembranças de mãe.



– Mãe, você foi incapaz de ir à rua saber o motivo de eu estar brigando! – disse Maria aos prantos, enquanto Olga a olhava embriagada e abismada com o sangue no rosto da filha.

– Mas eu nem sabia.

– Claro que não, você só vive bêbada, caída pelas ruas. Se ao menos o papai estivesse por aqui!

– Perfeito. Então vá à procura de seu pai, querida! Se pretende, com tudo isso, me fazer sentir pena de você, está enganada. A escolha de brigas na rua foi sua, não minha. Você já tem idade e sugiro que pare e pense melhor no que escolhe para sua vida – ela fez uma breve pausa, respirou e lembrou o quanto amava a filha. – Querida, não fique assim, tudo nesta vida é um aprendizado, não tenha dúvidas de que, amanhã ou depois, não se lembrará de mais nada.

– Escolher como você, uma bêbada repugnante? A única coisa que você ouve é o som da bebida descendo pela sua garganta. Um dia eu vou embora e você sentirá remorso, se é que vai lembrar-se de mim – Maria percorreu um olhar de ódio e pena pela sobra do que já foi sua mãe e saiu para chorar no quarto.



Essa lembrança deixou Olga vulnerável, dolorida. Precisava recuperar a dignidade com o

passado cheio de dores e desencontros. Sua filha se fora e o remorso a consumia, estava tentando se livrar do vício como o último pedido da filha, a esperança de Maria de ver a mãe recuperada era maior que a própria vida, as lembranças sobre o tipo de mãe que fora eram o calvário daquela mulher.

Enquanto lutava contra os seus próprios pensamentos, um carro barulhento entrou pela rua. Era o carro de seu Ernesto. O senhor Ernesto tinha 70 anos e viu Olga crescer e, desde que ela se entende por gente, ele tem aquele carro. Ele era casado com dona Leopoldina, chamada de dona Lela, era mais fácil. Quando ela morreu, ele ficou muito triste, entrou em desespero, depois, não se sabe o motivo, ele recuperou a alegria de viver, até teve alguns romances.

Sua lembrança, apesar de falha a essa altura do campeonato, não a afastou da animosidade de vê-lo tão bem e dirigindo seu carro.

Era uma visão agradável, além de tirá-la de um entulho de recordações dolorosas, levou-a para algo mais antigo ainda. Um tempo em que a esperança era a sua lucidez.



– Vocês estão lindas, agora entrem no carro e vamos à praia! – elas corriam ensandecidas e agraciadas pelo furor da idade. – Vamos, suas marias-fumaças!

O riso contagiou aquela cena.

– Estamos tratando de um assunto de família, seu Ernesto – elas continuavam a correr em volta do carro.

– Então, senhorita Olga, diga-me, qual o problema de família que três garotas de 10 anos enfrentam neste momento? – e, enquanto falava, pegava Olga nos braços e a jogava nas costas; depois, com a mão já desocupada, pegava Letícia com o braço esquerdo e Raquel com o direito, elas balançavam os pés e gritavam: “É injusto, isso não pode acabar assim”.

– Lela, vamos embora, eu já peguei as pestinhas. A praia não espera o dia todo.



Sem parar para cumprimentar seu Ernesto, nem sequer um sorriso amigável, Olga deu de ombros e continuou sua caminhada. Era desnecessário sentir a pena daquele homem que sempre foi muito carinhoso com ela; e, à medida que percorria a rua, percebia mais figuras conhecidas que há muito não via. Reuniu todas as forças que ainda restavam, pelo desejo da filha de vê-la curada, e dirigiu-se ao mercado mais próximo sem olhar para qualquer pessoa ou responder

qualquer cumprimento, e sua atitude suspeita só aclamava as línguas inescrupulosas das pessoas na rua.

De repente, a desesperança entrou-lhe pelas narinas e poros e, afundando na loucura, percebeu que aquelas pessoas não se importavam com a sua vida, saúde, bem-estar, ela não passava de um objeto de fofoca em liquidação.

Afastada de seus rancores da rua, chegou ao seu destino, totalmente desconcertada pelo desejo sedento do álcool. Para enganar a mente, correu para a seção de comida fria, algum enlatado que preparasse em segundos.

É impossível não reparar no álcool, que seja num frasco de perfume ou até nas bebidas, era impossível para Olga. Sem condições de fechar o ciclo e abandonar o vício, ainda suplicou aos céus por um sinal, pediu, pediu para se enganar.

Sozinha e marginalizada, enroscou nas mãos dois frascos de perfume, deu de costas, pagou as compras, abraçou com todas as forças sua sacola, como se o destino pudesse lhe roubar aquilo, e foi para casa.

Calada e impaciente, abriu o primeiro vidro de perfume e bebeu como se fosse água, limpou a boca e respirou profundamente como se tivesse provado um manjar dos deuses. E, sem sair do lugar, o segundo frasco veio logo em seguida; possuída e em passos nervosos, partiu para o bar como quem segue rumo ao céu. Entre doses e mais doses, Olga gastou tudo o que tinha. E já era madrugada quando o dono do bar não aceitou mais vender.

Rosa branca

Cambaleando e sorridente, Olga retorna ao seu abrigo; o céu está estrelado, a lua se faz tão bela que parece um estímulo para beber mais, e, consciente disso, sai do bar com uma garrafa na mão.

O dono do bar a conhecia há mais de 20 anos, não tinha esperança quanto à sua recuperação e intimamente não desejava isso, afinal, pessoas como ela eram o sustento dele. Rômulo, assim conhecido por todos os frequentadores do bar, tinha um filho doente, uma filha que o odiava e uma mulher que o largara por um rapaz mais novo. Desde que se dedicou a viver da desgraça alheia, sua vida não melhorou muito.

Ele era sócio maior de uma empresa de transportes da cidade, que inclusive servia a floricultura de Marisa, até que descobriu o envolvimento da esposa com o ajudante de limpeza. Ele flagrou os dois no banheiro dos empregados, enquanto o rapaz segurava nos peitos dela, se entrosava entre as pernas e o vestido levantado com a alça rasgada, e ela gritava: *“Faz gostoso! Faz gostoso, como aquele mané não faz!”*.

Munido de ódio, ele socou o amante da mulher até matá-lo. Ela correu pela empresa com os peitos à mostra suplicando por ajuda. Quando a ajuda finalmente chegou, os outros funcionários da empresa se depararam com o patrão ajoelhado com a mão no rosto e gritando ensandecido, e o amigo de trabalho morto. Não satisfeito, ele sacou um revólver do bolso e atirou na mulher.

O tiro atingiu o rosto, a ambulância chegou a tempo de levá-la com vida e tentar resgatar aquilo que ela mais amava: a própria beleza. Depois disso, sua filha Ana despejou a culpa de tudo que acontecia no pai.

Disse que, se ele tivesse sido um homem presente na vida familiar, nada daquilo teria acontecido e que jamais o perdoaria pelo que fizera à mãe. Ele não tinha o direito de não amar e isolar a própria família. Ana cumpriu a promessa e nunca mais falou com o pai. Cuidou da mãe, que hoje vive com um rapaz vinte anos mais novo e o sustenta de tudo.

Ana ainda fala com o irmão, Bruno, esporadicamente. Bruno vive com o pai, que cumpriu pena de 6 anos por homicídio e perdeu tudo, teve que vender a empresa para pagar advogados e outras despesas. Bruno, filho pelo qual ele demonstra carinho, é doente e passa mais tempo em hospitais que na própria casa.

Olga se despediu de Rômulo, que nunca fora cordial e a mantinha na conformidade de seu vício.

Ela revirou os bolsos e pegou o relógio de ouro que a filha tinha deixado de herança, trocando-o por uma garrafa de whisky. Mas, como a sua dívida já era enorme, ele ofereceu-lhe a

cachaça mais vagabunda. Engrandecida e cheia de si, ela bebericava, rodopiava e cantava.

Na rua, não intuiu que estava sendo seguida por um homem. Mesmo que notasse, que diferença faria? A arte de se destruir parecia ser um dom que a acometia. Chegou a um trecho iluminado pela lua e com o barulho dos gatos vadios e iniciou um diálogo peculiar:

– Ah! Todos se foram, todos me abandonaram. Sobrou eu, querida. Eu e você – falava, acariciando sua garrafa de cachaça. – Todos partiram, é terrível, porque, de repente, quem a gente ama? Aaaaaah!

A calçada virou uma perfeita poltrona na mente de Olga e, de longe, um estranho reparava.

– O modo como todos fugiram, me isolaram, nem me deram tempo para ouvi-los, para amá-los. Eu sei que fui inacessível, por vezes, estava ali, esperando o momento certo, e aqueles traiçoeiros não me esperaram e partiram.

O homem, que de algum lugar sombrio via toda a cena, fez barulho.

– Quem está aí? – perguntava Olga, sem respostas. – Quem?

– Maria, é você, minha filha? – o choro sai junto com as lágrimas. – Eu posso te ajudar, querida. Não precisa brigar na rua. Vou buscar suas notas. Amanhã, bem cedo, eu prometo, iremos juntas passear no parque. Lembra que você vivia me pedindo isso? Eu vou. Mamãe jura que vai. Ahhhhh! – Olga grita descontrolada pela rua e pela dor.

– Você não confia mais em mim? Eu posso explicar. Mamãe só tomou um gole, eu juro que foi um gole. Cale a boca, seu gato estúpido. Maria, não me isole de sua vida, eu imploro, me ame. Me ame, querida. Eu preciso te sentir, querida. Volte!

Desiludida em seu monólogo, Olga sentiu uma mão acertando seu rosto e puxando os cabelos.

Um homem alto, que pouco se via do rosto, com roupas escuras e um cigarro na mão, arrastou-a pela rua, com força, pelos cabelos, até um local escuro. E, com grande força, ele lhe socou a cara para ter certeza de que sua vítima estaria pronta para o bote. Apesar de oprimida, ela conseguiu forças para tentar se defender, e o soco no estômago foi certeiro, em seguida esfregou o cigarro aceso no rosto de Olga até apagar e beijou-lhe a boca.

– Sua porca imunda, isso é hora de mulher andar só pela rua? – ele segurou-a pelos cabelos, encostou sua fronte num muro baixo, arrancou sua calcinha como um animal, abriu o zíper da calça e, já de pênis ereto... Era um estupro!

– Eu vou te amar sua vadia, sim, eu vou te amar! – proferiu essas palavras com tanto prazer que rasgou o vestido de Olga, desnudando os seios e apertando com muita força. – Pra uma porca imunda, você é bem gostosa! – viu o corpo dela de frente para ele e introduziu a mão

na sua vagina.

Ela ainda tentou gritar, em vão, sua voz emudecida não passava da garganta, seus gritos não vinham, estava tudo preso. Mesmo na anestesia do álcool, podia sentir aquela mão agressiva penetrar-lhe, sua respiração ofegante no seu ouvido e seus xingamentos adentrando e terminando de destruir sua alma.



Comecei a preparar o chá noturno e fumar na varanda quando ouvi um grito abafado e, ao mesmo tempo, desesperado.

Da janela aberta da cozinha, olhei em volta e nada vi a não ser gatos vadios no cio. A distância do grito mais o meu cansaço foram suficientes para esquecer o ocorrido. Caminhei até o fogão, peguei o chá ainda quente, despejei numa xícara e fui até a varanda. Recostei na minha cadeira e fui olhar as correspondências.

Vi algo diferente, certamente não explodi de felicidade, contentou-me saber que meus filhos escreveram. Tomei um gole do chá, traguei um pouco de cigarro, joguei as cinzas no cinzeiro e comecei a abrir o envelope. Fui forçada a sair das minhas acomodações pelo som de outro grito. De ímpeto, levantei, do meu conforto, movida pelo instinto de defesa.

Incontrolada, peguei uma enxada que o jardineiro sempre usava e saí na rua para ver do que se tratava. Estava muito escuro e não sabia ao certo de que lado foi o grito. Era um grito de mulher, isso eu sabia.

Caminhava no escuro, olhando para todos os lados, como se estivesse sendo seguida, saí de chinelos, algo incomum para mim.

Apesar da coragem, minhas pernas tremiam, não sabia o que iria encontrar. Era a primeira vez que ajudava alguém, eu acho.

E, a cada segundo, a tensão tomava conta do meu corpo, deixei-me guiar pelo instinto, e ondas curtas de frio agrediam meu rosto. Por estar de chinelos, meus passos eram inaudíveis, agradei a todos os santos por isso. E então, mais um grito assolou a rua, agora sabia como me orientar, apesar de mais baixo, pude ter clareza de onde vinha.

Segui direto para o trecho da casa abandonada do finado Antônio. A casa estava com pendência na justiça por briga familiar.

É uma bela casa, eu quero muito comprá-la, só estou esperando a justiça resolver e os filhos dele pararem de brigar. Qualquer dia, aqueles meninos vão se matar por dinheiro. Quando

me aproximei da casa, vi um homem robusto e uma mulher caída no chão.

Mesmo no escuro, era claro que se tratava da Olga, racionalmente, queria sair correndo dali, algo dentro de mim forçou-me a seguir adiante e talvez ajudá-la.

Estava confusa, afinal, Olga não passava de uma bêbada, talvez ela estivesse gostando daquilo, talvez ela tivesse pedido. Mas, então, por que os gritos? Sem força para retornar, guiada pelo instinto, continuei andando em direção a eles e vi quando ele a chutou na vagina e xingou de porca vadia.

A cena era forte, assustadora. Com passos sorrateiros, me aproximei e bati com a enxada na cabeça dele. Na mesma hora ele foi ao chão.

Dei de costas e corri, já tinha salvado Olga das mãos daquele pervertido, quando atravessei a rua, senti remorso por tudo que já fiz com ela, inclusive hoje. Voltei e a vi tão vulnerável e largada; banhada de sangue e desfalecida. Antes de ajudá-la novamente, virei e olhei de quem se tratava o homem, e, pasmem, era o dono da birosca onde ela comprava bebida.

Será que os dois têm um caso amoroso? E agora, o que eu faço? Ela gritava tão desesperada. Não dava para largar aquela mulher ali. Era inegável que ela sofrera violência, por pior que eu fosse, tinha que ajudá-la.

Depois encontraria uma maneira para ela me pagar pela ajuda, quem sabe, capinar o meu quintal. Ela estava balbuciando alguma coisa, segurei-a pelos braços e arrastei-a, como pude, sem levantar suspeitas, pela rua.

Deixei o Rômulo caído e ensanguentado, sabia que ele não iria à polícia e logo acordaria.

Quando chegamos à minha casa, percebi o quanto aquela mulher fora surrada. Sem forças nos braços, joguei-a no sofá e corri para a cozinha e peguei água morna e alguns curativos. Minha vontade era pegar perfume, como ela fedia.

– Creio que terei que trocar o sofá, Olga – dizia isso enquanto cuidava dos ferimentos dela. Lógico que não me ouvia. – Agora sei como você pagará esse favor sobrenatural, me dará um novo sofá e alguns frascos de perfume para desintoxicar a casa.

Precisei trocar a roupa dela, o corpo estava cheio de hematomas, não sabia se a levava para o hospital, se chamava a polícia. Esperei o dia amanhecer para que ela decidisse o que era melhor. Sabia que o sofá era desconfortável para a situação em que ela se encontrava, então peguei alguns travesseiros e almofadas para deixá-la mais confortável.

Passei a noite imóvel, entre chás e cigarros, sem saber como ela reagiria. Só observava e, por vezes, verificava se estava com febre. Quando os primeiros raios de sol brilharam, fui preparar o café da manhã, a empregada estava de folga, o que se transfigurava em sorte, não queria que ninguém visse a Olga na minha casa. Seria uma cena estranha para mim e para os

demais, além disso, ela estava destrozada. Era capaz de a empregada acreditar que eu a agredi. Até eu acreditaria.

Por volta das 10 horas da manhã, ela deu os primeiros sinais de que acordaria, alarme falso, só estava gemendo de dor. Preparei um caldo e a fiz tomar, mesmo dormindo, consegui dar alguns goles. Em seguida, dei alguns remédios para dores. Preocupada, fiquei em casa e dei a desculpa no trabalho de que estava constipada. Devem ter soltado fogos de felicidade, agora iriam ficar o dia inteiro sem fazer nada, de corpo mole.

Mais tarde, aflita pelos gemidos de Olga, carreguei seu corpo fedido de álcool e surrado da noite anterior para o quarto de hóspedes, a cama era mais confortável. Tirei toda a sua roupa e a limpei como era possível. Tinha um corpo muito bonito, impossível não notar. Sentimentos misturados já me possuíam àquela altura.

Coloquei água com um pouco de alfazema misturadas e com uma toalha, primeiro limpei seus seios. Eram lindos, sim e assustadoramente estavam cheios de manchas rochas. Como alguém pode destruir algo tão belo?

A vagina, não menos bela que os seios, estava suja de sangue. Aquilo era novo, assustador e doentio para mim. Quando passei a toalha, apenas com água, ela gemeu; gemeu forte e não acordou.

Para onde os sonhos a conduziam?

Acaricieei os cabelos, quem sabe, um gesto de carinho ajudasse nos sonhos. Mas ela também tinha ferimentos na cabeça, por certo, ele puxou os cabelos.

Depois de três dias, acordou muito fraca e sem saber onde estava, evidente. Mal conseguia se levantar, olhou para mim abismada, sem entender direito o que estava acontecendo. Não a culpo, nem eu estava entendendo. Nunca fiz aquilo com ninguém, principalmente viciados, o mundo muda.

– O que estou fazendo aqui?

– Eu te encontrei na rua, ensanguentada e suja depois de um louco te atacar. Ainda pensei em te deixar por lá, afinal, existe uma grande possibilidade de vocês serem bons amigos, bati nele com uma enxada e te trouxe para minha casa. Cuidei de você por três dias e três noites.

– Eu lembro de algo. Sei que estava chorando muito com as lembranças que tive da minha filha, não suportei e bebi um pouco de perfume – Marisa a interrompeu.

– Pois deveria ter feito efeito, você está tão fedida que acredito que terei que dedetizar a casa inteira. Isso se não tiver que construir outra no lugar dessa.

Sem dar muita atenção, Olga continuou.

– Estava só na rua, quando alguém me bateu.

– Alguém não. Era o seu namorado.

– Namorado?

– Sim, o dono do bar que você frequenta. Não se preocupe que a pancada que dei nele foi de leve e ele já está recuperado. Vou te dar um conselho, você deveria denunciá-lo.

– Do que você está falando?

– Ora, você está de cama, eu sei, mas não se faça de boba.

– Eu não namoro ninguém há anos.

– Como assim não namora? E o que aquele homem fazia lá?

– Eu não sei quem me atacou, já me acostumei a ser atacada gratuitamente.

Nesse instante, senti um nó na garganta. Não sabia se de remorso, por também ser uma agressora daquela mulher tão indefesa, ou se pela violência física e sexual que sofrera e à qual já estava tão acostumada.

– Acho que você precisa se recuperar melhor. Depois falamos sobre isso. Vou trazer um pouco de comida para você, e, quando terminar, te ajudo a tomar um banho.

Olga tentou se levantar da cama para ir para casa, as dores eram muito fortes. Aceitou a ajuda, mesmo sabendo que eu não nutria nenhum tipo de afeto ou respeito por ela e que, na verdade, o desprezo era a única palavra que poderia definir a relação entre nós duas. Porém, era inegável o zelo com que cuidei dela, poderia tê-la deixado na rua, tê-la deixado apanhar outra vez, eu a defendi e agora Olga devia a própria vida a mim.

Ela ficou mais cinco dias sob meus cuidados. Durante esse tempo, pude conhecer um pouco mais da sua história. Refleti um pouco sobre minhas ações com relação a ela, acho que um laço, não de amizade, mas de cordialidade, se formou naqueles dias. Estava completamente maravilhada com tudo o que Olga havia vivido e passado, mesmo que com muita dor e sofrimento, eu jamais teria metade das histórias que ela oferecia.

No último dia, quando estava fisicamente melhor, porque emocionalmente ela não derramou uma lágrima, acho que esgotou a cota de lágrimas dela, pedi que jantássemos juntas e, no dia seguinte, ela partiria. Era uma bobagem, visto que Olga era minha vizinha. Já sentia alguma afeição por aquele ser debilitado, talvez por minha velha relação de poder, tudo é possível.

Aceitou sem fazer qualquer tipo de questionamento, o que me deixou feliz, estava me sentindo só naquela casa. À noite, Olga estava muito bonita, nunca tinha reparado na sua beleza simples, ela usava um vestido meu de cor vermelha que comprei e nunca vesti. Retirei os perfumes de seu alcance, então o único cheiro era do seu próprio corpo e que ainda não era o mais agradável.

Ela sorriu para mim, era uma criança-mulher, e eu conheci uma sensação estranha,

diferente de tudo que havia sentido antes. Sentamos à mesa e, antes que eu servisse a comida, Olga segurou na minha mão num gesto de agradecimento. Uma corrente de eletricidade percorreu todo o meu corpo, talvez a emoção do momento, ou meu ódio por ela voltando. E eu olhei com desprezo para mão dela. Ela percebeu e afastou a mão da minha. Em seguida proferiu:

– Sabe, eu estou muito agradecida pelo que você fez. Com exceção da minha filha, as pessoas sempre me menosprezaram. Depois da morte dela, eu sinto uma solidão imensa, um vazio, não sei bem o que fazer, para onde ir. Sei de pouca coisa que aconteceu na noite em que me ajudou, mas, naquele dia, foi insuportável acreditar que Maria havia morrido. Eu só precisava esquecer. Nada mais.

Aquelas palavras não me soavam estranhas. Depois que meus filhos foram para a Europa, também tinha um vazio pela casa e na própria vida, por mais que não demonstrasse e que me recusasse a sentir tudo aquilo, estava lá, mais vivo que eu.

– Você não precisa agradecer o que fiz por você, faria por qualquer pessoa – essas palavras foram uma tentativa inútil de não manter mais contato pessoal com a Olga, mas, por dentro, sabia que era impossível. Já estávamos ligadas uma à outra e nada mudaria. Ainda assim, tentaria disfarçar e me manter afastada. – Também sinto falta dos meus filhos, não os perdi numa fatalidade como você, eles foram morar longe e meu coração de mãe diz que não voltam mais.

Comecei a nos servir para manter o clima de formalidade.

– Diga-me, Olga, o que você vai fazer em relação a Rômulo?

– Nada. O que ele fez é algo tão rotineiro e comum nas ruas, já me acostumei. Talvez seja uma espécie de castigo dos céus pelas burradas que faço da minha vida.

Ela dizia tudo aquilo como se tudo fosse nada e o nada fosse tudo. Realmente acreditava que era normal, que merecia ser castigada e, por mais que eu retrucasse, ela insistia na ideia de que merecia ser castigada e que era normal. Suas palavras eram um punhal entrando na minha garganta, doía ouvir. Precisava sacudi-la, dar uns tapas na cara para ver se acordava daquele transe, mas será que teria utilidade? Ela se acostumou às agressões da vida, seria apenas mais uma e sem a devida reflexão.

Era muito para eu entender que aquela mulher estava anestesiada pelas agressões da vida. Seu coração estava oprimido e, em algum lugar escuro, por mais que eu tentasse manter uma postura fria, parecia que suas palavras sempre tinham muito acolhimento misturado com dor e uma pitada de amor. Ela e seu sofrimento me levaram para a montanha-russa em que me recusei a entrar por cinquenta anos.

– É uma decisão sua. Não concordo, vou respeitar. O que você vai fazer amanhã e nos próximos dias da sua vida? Posso te oferecer um emprego, caso queira. Nada muito sofisticado, um

emprego.

– Ainda não sei do meu amanhã. Pretendo voltar às reuniões do A.A. e seguir firme a promessa que fiz à minha filha. Acho que isso. Estou feliz com a nossa amizade, todas as minhas amigas já se foram...

Eu a interrompi.

– Não somos amigas, simplesmente te ajudei. Assistencialismo não é amizade – nossa, como ela era pegajosa!

– Também não precisamos ser inimigas, acredito. Se você tem vergonha de mim, eu compreendo. Todos têm. Posso vir te ver à noite – ela dizia com tanta alegria. E novamente aquela corrente colérica pelo meu corpo tomou-me, acho que meu repúdio a ela. Eu me controlei.

– Certo, não precisamos ser inimigas. Mas já acabamos o jantar e você precisa voltar para casa antes que fique perigoso.

Olga entendeu o recado e partiu sem muitas despedidas.

Finalmente sozinha, lembrei-me da carta dos meus filhos, a conversa com Olga havia despertado um sentimento diferente, além do vazio, por eles.

Senti medo de perdê-los. Cansada por cuidar de Olga todos esses dias, o que foi exaustivo, e de saber que a carta não deveria ter um conteúdo muito agradável, a abri sedenta.

Mãe, estamos felizes e conhecendo outras culturas e pessoas. Conseguimos um emprego e os estudos fluem naturalmente. Entendemos que já somos grandinhos o suficiente para nos cuidar, então decidimos ficar por mais algum tempo. Sei que a notícia irá lhe desagradar, já decidimos e não há nada que possa mudar isso.

Sentimos sua falta e de como tínhamos tudo a tempo e a hora. É essa falta que nos faz amadurecer. Não dizemos que jamais voltaremos, mas que essa experiência tem sido revigorante e inovadora.

Espero que esteja aproveitando cada minuto sem a nossa presença, cuidando mais da sua vida pessoal, fazendo novas amizades, trabalhando menos, bem menos. Como estamos trabalhando, não necessitamos mais da sua pensão. O que significa que não precisará trabalhar tanto!

Abraços saudosos!

Maria Flor e Beto!

Sabia que isso iria acontecer, não chorei, não tinha tempo para choros, sofri. Se eu estive muito tempo ocupada, foi para sustentá-los. A vida de luxo que eles levaram não seria possível sem o meu esforço.

Bom, cumpri meu último compromisso do dia, mesmo que por carta, dei atenção aos meus filhos, estou exausta, há dias sem dormir direito. Amanhã, minha vida volta ao normal, preciso de um sono revigorante. Terminei de tirar a mesa e deixei tudo para a empregada cuidar no dia seguinte. Do quarto que a Olga esteve durante esses dias, eu mesma cuidei, não queria deixar vestígios da presença dela na casa.

Pela manhã, logo quando abri a porta, com receio de encontrar Olga, dei de cara com Rômulo.

Ele estava com a cabeça cheia de curativos, não pude deixar de sorrir ao ver aquela figura desconexa e ferida por mim. Era extraordinário o que eu fiz com aquele homem, quase o matei, eu sei. Ele nem olhou para mim e nem sorriu, estava a caminho da casa de Olga e eu o impedi.

– Está à procura da Olga?

– Sim. Não entendo a pergunta. Qual a sua preocupação com isso?

Olhei para ele sem conseguir conter o meu desprezo, assumi uma postura corajosa e falei.

– Ela não está, veio terminar algum negócio com ela? – queria que ele soubesse que eu sabia, queria sentir o medo na pele dele. Foi o que consegui. Ele sabia que não tinha medo dele, sabia o tamanho da minha ousadia e não ousaria tentar nada contra mim. E minha tática foi perfeita, ele me olhou assustado.

– Não sei do que está falando. Só preciso encontrá-la – ele disse, quase gaguejando.

– Se eu fosse você, esqueceria que precisa tratar com ela, para o seu bem.

– Ela me deve.

Tirei um chumaço de dinheiro da bolsa e joguei nos pés dele, deveria ter uma média de R\$ 1000,00. O hábito de ter dinheiro na bolsa é escasso, porém, a última vez que fui à loja peguei do caixa e esqueci de depositar.

– Pegue essa porcaria e suma daqui, antes que eu chame a polícia.

Ele quase teve um colapso quando ouviu a palavra polícia. Sem discutir, lançando um olhar de vingança, pegou o dinheiro e saiu. Eu estava eufórica, parecia extravagância minha atitude, senti um líquido quente entres as pernas, tive um orgasmo.

No sentido literal da ação, tive um orgasmo. Entrei no carro e segui direto ao trabalho com as contrações na vagina, uma preocupação rondou meu coração, sabia que agora estava mais ligada a Olga do que realmente desejava.

Flor-da-paixão

Desde a última vez que vi Verônica, de maneira tão desastrosa, passaram sete semanas. E seu sorriso ecoava na lembrança desta solitária. E hoje, era dia de analista. A situação com Bruno me enfraqueceu a ponto de não me deixar ir à consulta duas semanas atrás. Cheguei alguns minutos adiantada, mesmo com a chuva torrencial que abatia a cidade do lado de fora e me deixou molhada. Inusitadamente, havia outra moça na sala de espera. Fechava meu guarda-chuva com cara de poucos amigos, quando ela se adiantou.

– Boa tarde! Sei que você é a próxima, mas preciso de dez minutos, no máximo. Você se incomodaria?

Enquanto abria a boca para responder, revirando os olhos, a moça nem respirou e continuou...

– Sei que o ideal é que esperasse meu dia, marcasse uma consulta de urgência. Mas, se estivesse no meu lugar, entenderia minha angústia. Por favor!

Que sugestivo, acredito que, se ela estivesse no meu lugar, também compreenderia minha recusa. Meus lábios se abriram num sorriso forçado.

– Espero que não demore muito. Faltei ao último encontro.

Ela agradeceu sorrindo, diferente de mim, sorrindo com os olhos, o que mais denotava esperança.

E, apesar da irritação exacerbada em que me encontrava, faltando vinte minutos para meu horário, visto que o tempo parecia interminável ao lado daquela moça, o melhor seria me render e deixar fluir.

– Fico grata. É muito importante. Muito importante.

Ela bem que poderia dizer que importância era essa, considerando o favor que eu fiz. Estava curiosa. Mas nossa conversa foi restrita à decoração da sala de espera, que, por sinal, sempre chamou atenção, ao que parece, não só a minha. Tinha três poltronas claras, dispostas em formato de triângulo, ao meio, um centro de vidro com um buda e nada de revistas de moda e afins. Na parede havia uma enorme mandala e num canto da parede uma Yemanjá; no outro, cascatas d'água de potes de barro. O som da água caindo era relaxante, na penúltima vez que estive aqui, até dormi e babei enquanto esperava. Os vinte minutos chegaram ao fim e ela entrou usando exatamente o tempo que disse necessitar. A porta da sala abriu e o rosto dela parecia menos aflito; para agradecer, finalmente se apresentou.

– Sou Andressa, mais uma vez agradeço! Vou deixar com você o cartão da Festa das abelhas, organizada por uma amiga. É hoje, se der, aparece. Meu número está atrás.

– Festa das abelhas?

– Sim. Caso queira saber o que é, aparece! Até mais – da mesma maneira afoita que a encontrei há poucos minutos, ela foi embora.

Fui adentrando na sala da analista, entrava num portal que me levava até mim, até o mais interno, que ninguém, além de mim, poderia acessar. As palavras de Alessandra, por mais que causassem curiosidade, foram dissipadas nessa passagem. Entrei na sala de ambiente agradável, sem o clichê divã, e sentei-me na poltrona azul marinho; paredes brancas com amarelo, notando alguns quadros quem não recordo se já estavam lá.

– Quando estive aqui, as primeiras vezes, preocupada com a sexualidade, entendi que tudo o que me aconteceu não interferia e que algo mais profundo deveria ser a minha prioridade: reconectar-me com o mundo. A capacidade de me perdoar pelo que fiz, pelo que não fiz, por todas as privações que meu corpo, alma e mente padecerem. A sexualidade era fato e nada alteraria. Nada. Junto a isso, minha capacidade de amar estava inabalável, porém, meus sonhos, destruídos. Nosso corpo é uma teia, tudo conectado. Quando um sofre, o outro se enferma, se não cuidado.

Ela deu um leve sorriso de canto de boca. Estava com as pernas cruzadas e as mãos no queixo. Séria. Atentada a cada movimento, perguntou:

– O que você aprendeu com isso até agora?

– Eu fico receosa em dizer algo, já que você sai com perguntas absurdamente difíceis de responder.

– O que você aprendeu é que tem receio de dizer as coisas?

– Eu aprendi que minha sexualidade é minha e não sei o que fazer com o resto.

– Que resto? O que quer dizer com resto?

– O restante da teia que emaranha minha vida: relacionamentos, família, esperança...

– Você acha que é possível nomear as pessoas da teia?

– Por quê? Você acha que é? – arregalei os olhos, esperando a resposta. Era uma fala enigmática sobre mim? O que significava a pergunta?

– Você já consegue nomear?

– Sim. Foi o que acabei de fazer, né?

– Quem são eles?

Abruptamente a vesícula biliar falava em meu corpo e minha boca amargava. Sem respostas ensaiadas, sem fugas prontas, até porque minhas pernas não obedeciam, enfraqueceram junto comigo. Ainda bem que me encontrava numa poltrona, pois teria caído com aquele soco. E fiquei ali, fora de órbita, sentindo a batata de ácido na garganta queimar. Silêncio absoluto por

alguns instantes. Nem sei quanto. E ela, como um dragão triunfante, indaga, para me tirar do surto.

– No que está pensando agora?

– No vazio – as lágrimas escorriam teimosas.

– O que é esse vazio?

– É dor. É ácido que corrói. É ferida que não sara. É o mal da humanidade na minha derme. É muita dor.

– Então, não é vazio.

– E o que é?

– É justamente o que você precisa me dizer.

– Sabe, às vezes, nas minhas ideias, venho com tudo pronto antes de chegar até você. Imagino que estamos numa escola, você é a professora má e todos a odeiam. Eu coloquei tacha na sua cadeira, é hora da chamada e você vai sentar para evocar cada aluno sedento pelo toque final. Meus olhos crescem à espera da grande hora, e você senta, me agradecendo com o momento tão esperado, solta um gemido de dor. E eu, triunfante, solto da cadeira, feliz. Como criança. Que acaba de ter a arte entregue pelo mau uso da inocência. Seus olhos estão fumegando de ódio, já sabe que fui eu. Bate a mão no seu birô. Mas, para minha felicidade, o sinal toca. E você não pode fazer absolutamente nada comigo. Eu fujo pelos corredores, lambuzada de felicidade.

– Do que você tem medo? Mas não me responda agora, pense sobre isso para o próximo encontro.

Assim fechou mais um encontro com a analista. Mais uma indagação dolorosa. Creio que a escola poderia ser verdade...

...

Sentenciada ao dom de fugir, ficar em casa seria pensar nos meus medos. Concentrei-me no convite da Andressa, que mal conhecia. Tomei banho e saí.

O local não era distante, trinta minutos de bicicleta, contudo, não considero seguro suficiente, tomei um ônibus coletivo. Meu corpo estava cego e foi difícil encontrar o local, quando cheguei, já tinha muita gente. Traduzindo, muitas mulheres. A festa da abelha era só para mulheres. Qualquer mulher, contanto que fosse mulher. Sensacional. A Andressa me avistou antes que pudesse encontrá-la, segurou minha mão e me conduziu a um espaço mais reservado, com um grupo de mulheres com cara de poderosas, me apresentou mais dízia de pessoas das quais eu nem sequer recordei o nome no segundo seguinte. Sem alarde, eu sorria, balançava a cabeça e continuava sendo guiada pela Andressa. A ausência de alguma conhecida já irritava, quando uma mão repousou sobre meu ombro. Ao virar, dou de cara com Verônica e sua namorada perfeita. Droga! O dia não precisava acabar assim...

– Ana, que coincidência maravilhosa!

– Vejo que tem amigas por aqui, Ana – disse Andressa animada.

– Na verdade, nos conhecemos tem pouco tempo.

– Não importa. Que bom todas estarem aqui. Vou dar uma olhada no grupo que acabou de chegar. Curta com suas amigas.

Sempre pode ficar pior.

– Nosso último encontro foi interrompido e nos desencontramos. Vamos sentar e conversar mais.

– Claro – a afirmativa saiu com tom de negativa.

– Vou deixar vocês um pouquinho e falar com umas amigas que não vejo.

Parece que o jogo estava virando.

– Ok, querida – enquanto assentia, Verônica beijava o rosto da namorada, que já fazia sinal para as amigas.

– Vamos sentar – pedi.

– Sim, ali tem uma mesa.

– Você poderia me explicar o que significa essa festa?

– É uma festa para saudar, fortalecer e harmonizar as relações individuais e grupais das mulheres com o Universo. Assim, obtendo o néctar da vida, também associado à sexualidade. Não é uma festa para namorar, só se desejar, mas para comunicar, relacionar, interagir. Amar.

– Diferente. Quem inventou isso?

– O próprio Universo. Nós, mulheres, existimos e não precisamos brigar.

– Entendi. Uma festa simbólica de empoderamento.

– Também, para algumas é mais que isso... Foi aqui que conheci minha companheira.

Ela não precisava estragar aquele momento.

Minha curiosidade era saber sobre a festa de nome inusitado. Saciada, o sentido de permanecer mudara. Estava gostoso. Pedi licença à Verônica para ir ao banheiro, quando a Andressa me abordou, novamente.

– Para não interromper você e sua amiga, esperei essa brecha. Vi que a deixou e decidi vir falar contigo. Deve pensar que sou louca. Por um tempo, perambulei desnorteada, carecida de ajuda. Certo, vou começar do começo... eu me relaciono com duas pessoas e uma não sabe da outra. Uma homem e uma mulher. Engravidei. Indesejado. Não estava nos meus planos. Então, abortei.

– Uau, que barra! – minha mão direita seguia até a minha boca enquanto os olhos arregalavam, revelando a perplexidade.

– Não se preocupe. Estou bem. Pensei sobre o que fiz e acabei com uma crise de consciência.

– Imagino. Uma gestação.

– Não por isso. E, sim, pelo fato de o aborto ser criminalizado. Me vi como uma fora da lei. Sou livre, mas via no espelho uma criminosa. Apesar de todo mundo abortar. Eu não queria prosseguir com a gestação e não quero ser uma criminosa.

Certo, veredito: louca! Entretanto, ficamos conversando por horas. Uma louca com muitas histórias, sentimentos, emoções. Realmente, livre. Uma mulher capaz de amar intensamente e não se prender. Desconhecia a pessoa com quem ela se relacionava, se estava na festa, passou despercebida. E fui ficando, pois desejava experimentar aquele sentimento de amor desprendido. A madrugada soou como o amanhã dos otimistas. Quem dirá os lampejos dos lençóis dois dias depois. E todos os dias eram o amanhã dos otimistas.

Verônica não me atormentava mais...

Orquídeas

Olga dormiu o dia quase todo, acordou por volta das 18 horas, novamente faminta. Ao contrário da semana anterior, não saiu de casa para não sucumbir, pediu comida chinesa pelo telefone. Enquanto a comida não chegava, varreu todos os esconderijos da casa em busca de álcool, dessa vez, pasmem, ela jogou o que encontrou fora, inclusive os restos de perfume que encontrou.

E onde quer que Olga fosse, a certeza de que tudo iria acabar bem invadia seu olhar, perto dela aflorava a intuição da felicidade permanente. Era o velho novo mundo ressurgindo das cinzas do que foi Olga.

Depois de alimentada, parou a rememorar sobre sua semana e sobre Marisa. Achou aquela mulher tão espetacular, segura, sábia. Talvez o que tivesse passando pelo seu coração fosse mais que entusiasmo. Completamente encantada, queria ainda conversar com Marisa, saber mais sobre a sua história, como ela passava os dias.

Era a primeira vez que Olga pensava mais em alguém que no álcool, e isso foi mais intenso do que quando a filha morreu, queria aproveitar essa sensação.

Esperou ficar mais tarde e poucas pessoas rodearem a rua para seguir até a casa de Marisa. Quando sentiu que não seria vista, correu até o jardim, apanhou algumas pedrinhas e atirou uma por uma na janela de Marisa.

– Que barulho é esse? Será que é outra vizinha sendo destruída por algum louco? Certo, entendi. Alguém no universo está achando que sou santa ou algo do tipo – Marisa se agarra a um cabo de vassoura e abre a porta aos berros: – Olha aqui, seu pilantra safado, não vem que aqui você não acha.

– Sou eu – Olga vai saiu sorrateira e suave da escuridão, com um sorriso singelo e alegre por ver sua nova amiga. Marisa mal acreditava no que via.

– Vamos, entre!

Parece que haviam esquecido que não eram amigas, pois uma ansiava a presença da outra.

– Eu senti sua falta, Marisa.

– Como senti minha falta, se pouco me conhece?

– Não sei, só sei do que sinto, sem muita razão ou pensar sobre isso. Simplesmente você fez falta.

– Definitivamente, você é engraçada. Entre de uma vez, vamos tomar um chá.

Olga entrou e se alojou na sala como se fossem velhas conhecidas.

– Sabe, quando você estava nos delírios da sua debilitação, disse tantas coisas que, às vezes, ria loucamente.

– Foi? Como o quê, por exemplo?

– Você gritava enfurecida por uma mulher chamada Abigail – enquanto falava, Olga servia chá e biscoitos. – É alguém importante? – a curiosidade da pergunta transcendia ao habitual, e Marisa estava ligeiramente incomodada, porém, muito mais atormentada pela resposta.

– Não diria importante, uma pessoa que fez parte da minha história de ‘revolucionária’.

– Revolucionária? Conte-me sobre isso!

– Quando mais jovem, fiz parte de um movimento contra o machismo sofrido pelas mulheres. Abigail era uma das pessoas contra o nosso movimento, fazia reuniões com as ‘mulheres virtuosas’ da cidade para tentar nos boicotar. Um dia, fomos presas por causa dela. Em protesto, quando saímos da delegacia, ficamos nuas na porta da casa dela por um dia inteiro. (risos)

– Interessante. Acredito que tanto a mulher quanto o homem sofram com o machismo. É uma convenção social perversa, eu admito.

– Nunca pensei sobre isso. A mulher carrega o ônus maior.

– Talvez. Sei que nós mulheres sofremos preconceitos, humilhações, privações e até violência. Mas, caso o homem não queira perpetuar a ideologia machista, ele sofrerá igual ou mais que a mulher. Por exemplo, caso ele não se importe em não ser casado aos 40, de duas, uma, ou é galinha ou homossexual. Ou, então, se é casado e não quer paquerar outras mulheres, o infeliz é mole, pau mandado da mulher etc. Se gosta de plantas, é fresco; se não perde a virgindade precocemente, coitado! E se ele não é um machista convicto, então a coisa fica feia, ele é marginalizado da sociedade. Posso ficar toda a noite falando desses exemplos que são reais e tão cruéis quanto o que nós, mulheres, vivenciamos. Na realidade, homens e mulheres são machistas e homens e mulheres sofrem com isso.

– Então você é contra o movimento feminista?

– Não, eu o apoio. Acredito que o radicalismo pode nos levar a determinado equilíbrio. Vivemos por décadas numa sociedade machista e, de contraponto, nasce o movimento feminista para, quem sabe, equilibrar as coisas. Para um dia não nos degradarmos nos rótulos.

– Interessante! Nunca imaginei conversar sobre isso com você. Você parece tão fechada.

– Eu ser fechada não me faz menos pensante que as outras pessoas, só não me envolvo. Outro dia, enquanto observava uma funcionária agoniada pela morbidez do namorado e de o quanto suas amigas achavam aquilo anormal, parei para refletir sobre tudo isso. Era perceptível que a alma dela estava agoniada, gostar dele era bater de frente com a repressão abusiva dos amigos. Refleti, somente refleti, nunca me envolvo com funcionários.

Olga cada vez mais se perdia nas palavras de Marisa. Compreender o mundo dela parecia magia, parecia que todos os seus problemas tinham soluções simples.

– Mas me diga, como foi a sua vida de presa? (risos)

– Monótona. (risos) Eu era ávida por aventuras e liberdade, acreditava num mundo melhor. Lia muito, de tudo um pouco, acreditava nas pessoas. Na época de faculdade, conheci muitas pessoas legais. Nossa noção de tempo definia a juventude como eterna, nossa inocência acreditava que já sabíamos de tudo. Sentíamos-nos uma potência intelectual; íamos a bares, fazíamos estripulia, orgias e tudo mais, e comecei uma relação duradoura com o álcool.

– Você lembra quando o álcool começou a atrapalhar sua vida?

– Não. Talvez desde o primeiro gole. Acho que já é tarde, devo ir, ainda estou com o corpo dolorido e cansada – enquanto falava, Olga já levantava do sofá – Não sei o tempo exato, trinta, vinte anos, talvez.

– Espere! – pediu Marisa, segurando no braço de Olga, já fragilizado.

– Você quer que eu fique?

– Hoje pela manhã, vi o Rômulo rondando a sua casa, acho que ele quer terminar o que começou. É perigoso dormir lá, fique aqui.

– Ficar? Mas...

– Você precisa de ajuda – disse Marisa segurando as duas mãos de Olga.

– Nos conhecemos há anos, mas nos conhecemos há pouco tempo. Estou confusa – Olga dizia enquanto deixava seus olhos na mesma altura dos de Marisa.

O cheiro de flores que Marisa sempre exalou agora era convidativo.

Olga começou a prestar atenção aos sinais do corpo, o desejo estava lá, era impossível não perceber. Dentro de si, sabia que era algo intenso, o toque de Marisa causou dor e, junto, um faminto calor sexual. Ela passou a mão pelo rosto de Marisa, que não retrucou, aceitou o gesto e aconchegou a pele à mão de Olga.

– Eu admiro seu comportamento, te conhecer de verdade tem sido algo maravilhoso. Os poucos dias que fiquei aqui foram perfeitos. Estava tão limitada de gente e você me acolheu com carinho – Olga falava e acariciava o rosto de Marisa.

Marisa não queria controlar nada, não da forma como sempre fazia, para manter as aparências. Puxou Olga pela blusa e suas mãos se tocaram, contudo, mais que isso, duas almas se conectaram.

A diversidade de sentimentos que as assolava não era suficiente para turvar aquelas emoções. Elas não ousaram pronunciar uma palavra sequer; o momento, por si só, já era uma ejaculação verbal.

A sensação de liberdade transcendia a própria fluidez, e encontraram os lábios sedentos uma da outra, suas respirações não ofegavam, estavam retidas, talvez para parar o tempo; talvez para não saberem o que era aquilo; talvez para esquecer quem eram; talvez para aprenderem a respirar.

As dermes de seus rostos falavam a mesma língua; tinham o mesmo calor, o roçar das suas faces era pura sinfonia. E, apesar de não haver muito segredo sobre sexo, era aquela a primeira vez das duas; sim, primeira vez enquanto mulheres; enquanto mulheres livres e libertas. Olga deixou-se guiar pelo prazer de tocar cada parte do corpo de Marisa; suas mãos sentiam cada trecho e mandavam a almejada resposta ao desejo.

Não existia a dona da situação, Marisa deixou-se despir por Olga, uma entrega quente e suave; melancólica e prazerosa.

Olga pousava os olhos na tonalidade refletida da luz no corpo de Marisa, era sublime e especial ver de maneira tão romântica o corpo daquela que agora era o grande e primeiro amor.

E uma explosão surgiu quando Olga acariciou os seios de Marisa, tocou com a ponta da língua, carinhosamente, os bicos enrijecidos dos seios. O toque suave deu lugar a mordidas longas e lambidas; concomitantemente, com as mãos femininas, Olga segurava com a força do deleite a silhueta de Marisa.

Marisa, com os braços esmorecidos de desejo, uma animação fervorosa nas próprias coxas; capazes de denunciar a fonte do desejo. Ela queria muito tudo aquilo, queria ir até o final; sem pensar em nada. As quatro mãos já despiam os dois corpos, pareciam serpentes; o tesão queimava tudo. Olga experimentou um seco na garganta, o delírio do momento impedia qualquer ação que não fosse a sexual.

O corpo de Olga escorria para a barriga de Marisa, e Marisa sentia os mamilos de Olga duros no ápice do prazer. Alucinada, Olga crava as unhas nos quadris de Marisa, até sua língua penetrar os grandes lábios, e vivenciar a pulsação de Marisa; a sinfonia dos gritos de Marisa eram a chama do ato, e ela mais parecia uma loba no cio.

Uivos, gritos, gemidos molhados, desejo reprimido, orgasmos múltiplos. E, ardente, Marisa aproxima Olga dos braços, com o desejo de uma onça, e beija-lhe a boca, um beijo forte, em seguida a vira de bruços e morde as nádegas; deixa que o seio toque as costas de Olga, com uma mão penetra-lhe as partes baixas e com a outra acaricia os seios; pousa a mão em um único seio e faz movimentos circulares com o polegar e o indicador no bico do peito.

Olga se contorce para frente e para trás com as duas mãos na parede e geme; geme de prazer, de orgasmos, de prazer.

Olga se vira, mais calma, por um gozo, não menos desejosa, passa a mão suave nos seios

de Marisa, desce para a barriga e introduz na vagina; beija-lhe a boca, escorre para a orelha e morde; vai passando o rosto pelo pescoço de Marisa e, como uma fêmea fecunda, deita Marisa e, sem reserva, introduz as próprias pernas no rosto de Marisa, enquanto faz o movimento oposto.

Uma chupa a outra; Marisa, com as unhas cravadas nas coxas de Olga e com a cabeça nas almofadas; Olga, por cima de Marisa, movimentando suas nádegas; penetrando o indicador no ânus e sugando sua vagina. Permaneceram nesse movimento por alguns minutos, até que ambas gozaram juntas.

Elas não sabiam se aquilo era o desejo das mulheres de 50; ou se era o sexo que esperaram a vida toda. Agora, abraçadas e em silêncio, Olga se deliciava, passando a mão na voluptuosidade dos seios de Marisa, com uma demonstração de carinho e admiração.

Marisa olhava para o teto, inebriada pelo momento, esquecida de quem era; se é que foi um dia. Era um mistério para ela, sabia que Deus estava ali, podia reconhecer a presença dele abençoando aquele momento, aquilo era a celebração de um casamento entre duas pessoas livres.

Marisa respirava mais leve, não queria vozes, o silêncio era capaz de dizer tudo o que precisava ouvir. Queria aproveitar a nudez de duas mulheres que se amavam, que se eternizavam; que se apaixonaram. Seu corpo estava solto e leve, o ambiente cheirava a prazer; tinha em seus braços a mulher que representava sua alma. Parecia um sonho...

Por horas, ficaram abraçadas entre carícias e afetos, o silêncio era a melhor palavra para harmonizar aquela sensação. Marisa sentia-se livre e insólita; seu corpo nu junto ao de Olga tinha um novo valor; uma nova vida e formato. Mas, ao ouvir a voz de Olga junto ao seu ouvido, estremeceu e acordou para seu rotineiro transe diário.

– Quer comer algo? – disse mansamente Olga, enquanto acariciava os mamilos de Marisa.

Marisa de súbito sentou-se, deixando o corpo de Olga cair abruptamente. Sua respiração de calma e leve passou para ofegante e preocupada, sua testa franzida não fazia sentido nenhum para Olga que, estarecida e assustada, não compreendia a situação. Bruscamente, Marisa postou-se de pé, olhando ao seu redor sem compreender ao certo o que acabara de acontecer. As falas de Olga eram mudas naquele momento.

– Você está se sentindo bem? – indagou Olga, receosa da resposta, preocupada por ajudar.

Marisa levantou-se e, nua de cerne e alma, pôs-se a andar, seguiu rumo à escuridão, tomou o caminho da rua banhada pela noite e iluminada por estrelas.

Sem saber o que fazer e sem ouvir as vozes que clamavam da boca de Olga, seguiu a meditar: *“Quando eu nasci, nascia uma mulher; quando pari, nascia uma mulher. E agora a mulher que achava ser mulher descobre que tudo era mentira. Mulher sem o feminino não é mulher, é uma*

invenção do pudor que degenera nossa própria alma. Para onde vão as mulheres nesse mundo cão? A dor do parto de uma mulher é tão semelhante aos quarenta dias no deserto. Acabei de ser lançada ao mundo. Acabei de morrer para o mundo; e quem sou?”.

Seu corpo nu perambulava pela rua; observada por gatos e cachorros vadios e despida da própria vergonha, no entanto, agredida pelo pudor; aquela mulher era frenética por dentro e morta por fora.

O farol alto de um carro em alta velocidade não foi suficiente para acordar Marisa; por sorte, Olga já vinha em sua direção com um cobertor e a empurrou para a calçada antes que fosse atropelada. A buzina alta e a queda fizeram Marisa sentir a lata de cerveja no rosto e os gritos de três jovens bebedores:

– Ei, tia. Botando a aranha para brigar nessa idade? Venha cá que te dou meu pau... – as gargalhadas incendiaram a rua e fizeram os vizinhos acordar. Marisa, já recuperada do surto, cobre-se indignada, não com os jovens, com Olga, e corre para casa antes que alguém a veja.

Em casa, só e nua, ela riu, riu alto; tocou os seios e desceu as mãos pela barriga, vagina e pernas; subiu-as e sentiu cada fio de cabelo, jogou-se na cama que cheirava constantemente a flores campestres e chorou em posição fetal. Em seguida, com a mão entre as pernas, se masturbou.

Olga seguia desolada para casa, sem entender direito o que acabara de acontecer, apesar da noite borbulhante de prazer, ainda faltava finalizar aquele fenômeno que fora real, sem vícios, espetacular.

Por muitos anos, realidade e fantasia não se entendiam, esse rompimento do ilusório causado pelo álcool na vida de Olga salvou-a das farsas do vício.

Escovinha

Intemperanças dos relacionamentos da Andressa em nada me abalavam. Passamos a nos

ver uma vez por semana ou quando era possível. Ela me fazia esquecer o que me fez mal um dia. Aos olhos dela, eu oscilava entre insana e natural. Teoricamente, meu *status* em sua vida se configurava: amante do amante. Afinal, ela era casada com uma mulher, tinha um caso com um homem, que desconhecia o fato de ela ser casada, e uma relação colorida comigo; a única que sabia dos outros, mas não os conheciam pessoalmente. O passado da Andressa era um pequeno vulto na nossa relação, o pouco que soube, ela disse, mas sempre reticente. O nome dos pais, por exemplo, e quando indagava algo mais, ela se fechava numa concha irritada. Ainda assim, a curiosidade insana que me atormentava revelou-me bastante.

Ela é de uma família humilde, os pais moram no interior, casados há quarenta anos. Educaram-na para seguir carreira na medicina. O que em muito contrariava os desejos de Andressa. Trabalharam muito para juntar dinheiro e mandá-la estudar na cidade. Ela chegou a se matricular no curso de medicina, mas é artesã. Tal como o pai. O diferencial é que sua arte, há algum tempo, começou a rodar o mundo e ela está cada dia mais reconhecida, ganhando dinheiro. Já manda ajuda financeira aos pais, que sabem do casamento dela com outra mulher, a adotaram como filha. A companheira de Andressa é médica e se conheceram no curso de medicina. Os pais dela acreditam que a mesada que recebem é proveniente da profissão de médica. Nunca visitaram Andressa na cidade. Não sei como ela segura essa farsa por tanto tempo.

À tarde, ela ligou e pediu que eu a encontrasse em seu ateliê. Que era, na verdade, em sua casa. Receosa sobre o que me esperava, fui ao encontro. Ela abriu a porta com os olhos inchados, chorou. Abraçou-me forte e disse que não nos veríamos mais. Entrei. Encolhi os ombros ao ver, sua residência, as fotos de sua companheira. Tão bela. Bem vestida. Eu geralmente usava um macacão surrado, tênis, cabelo penteado à mão, às vezes, passava batom, raramente. Se pisasse numa poça de lama e ficasse suja, pouco me importaria. No entanto, aqui é tudo limpo, impecável. Tão certo. Não combinava muito com a Andressa que se encontrava comigo. Fiquei a divagar como seria a Andressa da casa colonial. Ela me conduziu pela mão para um local nos fundos da casa colonial, aquele, sim, parecia ser dela. E realmente era. Seu local de trabalho. Havia árvores. Dois gatos. Muita bagunça e sujeira. Impressionante, o portal para outra dimensão. O oposto da casa colonial. Simples, bagunçado e com aspecto de sujo. Perfeito!

– Quer vinho? – mais calma, indagou Andressa.

– Pode ser – respondi com os olhos ocupados, estudando e admirando o local. Era o paraíso escondido numa casa colonial. Tinha pássaros. Não presos em gaiolas, nas árvores. O canto perfeito. Um pequeno lago com peixes e bem ornamentado. Eram tantos elementos que nem dava para contar. Uma constelação.

– Hoje foi um dia difícil para mim – dizia enquanto me dava a taça com vinho para

segurar.

– Por quê?

Bebeu um gole, disparou um sorriso sofrido e sem graça em minha direção.

– Paula e eu tivemos uma discussão. Ela quer ser mãe.

– Então o nome dela é Paula?

– Por favor, não brinque.

– Desculpe! Continue...

– Falei a ela sobre você. Exigiu um relacionamento monogâmico.

– Ela não entende isso como traição?

– Não, querida! Traição é outra coisa.

– Uau!

– Quando nos conhecemos, ela logo entendeu o que eu escolhi ser. Nossa relação começou sem compromissos e o tempo nos trouxe até aqui. Esse mesmo tempo nos amadureceu e Paula quer ser mãe. Quer experimentar coisas novas.

– E você, o que quer?

– Ontem, cansada, ela me procurou e eu não estava. Há uma semana não encontro com o Rodrigo e estava disposta a colocar um ponto-final. O telefone chamou até cair a ligação. Estávamos quatro dias sem nos ver, a rotina atribulada, talvez. Ao ver as inúmeras tentativas de chamadas, vim para casa e a encontrei arrumando as malas. Antes de sair, ela foi categórica que precisava de substância, de um relacionamento mais concreto. Aquilo a estava enlouquecendo.

– Ela foi para sempre? – perguntei quase chorando por sentir a aflição de Andressa.

– Não. Viajou por cinco dias para que eu decidisse a minha vida. E quando a porta se fechou e o vazio entrou pelas janelas, minhas forças sumiram. Entrei numa situação-limite. Tudo o que queria era ser diferente para Paula. Não entendi a intensidade do nosso amor até ela me deixar. Não quero perdê-la.

Eu a abracei forte e choramos juntas. O canto dos pássaros que se fazia audível, por segundos, silenciou, abrindo espaço ao pranto de duas mulheres. Fizemos amor ali mesmo, passei a noite. Pela manhã, parti, chorando. Deixei Andressa dormindo, serena. Foi doloroso, eu a amava. Não o mesmo amor que ela nutria pela Paula, os momentos que vivemos foram felizes. Sem perfeições, louco na medida. Paixão que se transformou em amizade. E a mesma dor que ela sentiu por perder Paula, eu senti por deixá-la partir ao amor. Já confiava nela, abria minha alma, agora, éramos separadas. Ela me fez entender a incoerência de decidir o resto da minha vida aos dezoito anos num curso universitário. Foi aí que decidi fazer Psicologia. Mostrou-me livros, teóricos, lugares, arte, festas reveladoras. Ensinou-me a fazer um livro, que mais parecia de bruxa, para

anotar meus sonhos. O resultado foi fabuloso. Eu o tenho até hoje, são mais de mil páginas. Totalmente artesanal. O livro dos sonhos. Meu lamento era por ter que deixar uma amiga. Libertar essa mulher para outra mulher, mas foi o que ela fez comigo, ela me guiou, de certa forma, para a liberdade. Uma liberdade íntima.

Quatro meses com perfil de quarenta anos. E a lembrança desses quatro meses foram capazes de me derrubar. Ela disse que eu era um diamante e me deixar seria o mesmo que abrir mão de toda fortuna, luxúria e poder para estar ao lado de seu grande amor. Não a vi mais. As ruas perderam sua característica de encontros felizes, as festas, consultórios, lugares que frequentávamos, estavam vazios sem ela.

Petúnia

Quando acordei, a mistura de remorso, por ter largado Olga só na rua, e euforia não me deixou ficar nem mais um segundo na cama. Eu já me importava com ela, mais do que poderia aceitar. Vesti a primeira roupa que encontrei na frente, um vestido vermelho com bolinhas brancas que adorava. Ao abrir a porta, vi que o jornal já estava ao meu aguardo no seu lugar rotineiro. Abaixei para pegar e guardar quando a manchete sugou minha atenção.

“Mendiga é encontrada morta depois de ser violentada brutalmente.”

Foi nas imediações do bairro que o crime aconteceu e meus pensamentos logo cruzaram com a imagem de Rômulo. Por dentro, os instintos sabiam da verdade; racionalmente, não tinha nenhuma prova cabível para entregá-lo à polícia. Larguei o jornal na mesinha da sala, todavia, não era fácil para mim aceitar passivamente aquela situação. Algumas pessoas não conseguimos esquecer pelos seus atos, Rômulo era uma delas.

Esqueci o assunto para ver as caras que estavam na rua, e consegui chegar à casa de Olga despercebida pelos vizinhos, apesar da roupa. Com a chuva, poucas pessoas ficariam na rua cuidando da vida alheia.

Suspirei profundo, já havia me entregado, era real, vivo e intenso. Estava substituindo a minha força habitual pela fraqueza do que destrói e consome, queria pagar pra ver. Meus modos ainda me pertenciam, bati na porta; minha vontade era traiçoeira, queria arrombar tudo para vê-la o mais rápido e manter o que começamos ontem. Olga abriu, estava bem.

Sem que ela ordenasse, entrei. Era a primeira vez. Numa manhã de chuva e cinzenta inaugurei meus pés em seu recinto domiciliar. Tinha cheiro de passado, de saudade do que não conheci, sensação de aconchego.

A ornamentação era rústica e retrô, móveis antigos e que valiam muito, acho que a família dela deveria ter sido muito rica. Será que ela não tem parentes vivos? Por mais curiosa que estivesse, deixei a pergunta para outro momento. Algumas fotos estavam espalhadas pela decoração empoeirada do tempo e cheia de teias de aranha; com exceção da filha dela, os outros rostos eram figuras não familiares.

Pouco sei sobre a Olga, mas em poucos dias deu para sentir seu coração puro e ingênuo. É suficiente para amá-la, qualquer pessoa. Impossível desamar Olga, esse é o segredo dela. E quanto mais a conheço, mais me envergonho do que fiz.

Contei-lhe do ocorrido com a mendiga e das minhas suspeitas e, mais uma vez, ela achou tudo muito normal. Eu não a compreendi, se aquela ideia viesse de mim, tudo bem, mas vinha dela. Vejo a indiferença à temática, então mudo de assunto.

– Você deveria arrumar a casa! – as palavras saíram em tom imperativo e creio que meu tom não a intimidava. O que me dava nos nervos! Ela não se irritava comigo, aceitava tudo docilmente, passiva e feliz.

– Depois do banho. Ainda tenho que sair para comprar comida.

Quando ela falou no banho, o desejo aflorou mais forte que eu. Sonhei-me num banho com ela. Aquilo me consumia, era como tentar manter uma postura rígida enquanto meu corpo explodia nos calores do desejo. Seria indescritivelmente grosseiro sugerir isso a ela.

– Tome o seu banho, está precisada. Eu aguardo. Na verdade, vou comprar algumas coisas para você se alimentar e já volto.

– Certo!

Como qualquer pessoa normal, precisava me controlar. Meu interesse era ajudar, queria preencher o vazio que me habitava, me envolver, na lista de prioridades esse desejo ficou de fora. Com Olga, sou o que sem ela jamais saberia. Pena que não escolhi isso. Precisava profundamente me controlar. Eu a quero, mas eu me quero como sempre foi e como sempre será!

Na rua, sabia que estava sendo observada, talvez a loucura estivesse me seguindo, claramente a sensação existia. Quando retornei com comida, Olga ainda estava no banho. Em passos lentos, segui até o quarto, a porta do banheiro estava entreaberta, dava para ver o corpo de Olga, apesar de surrado, era elegante. Como controlar isso? Olga é um vício.

Triste seria se eu abandonasse aquela beleza. Acontece que o belo é irresistível aos olhos e ao toque. Olga era uma estrela ao meu alcance, uma rosa sem espinhos.

Eu não mudo de opinião; vê-la e querê-la não era mudar de opinião, ainda tinha o controle, mas precisava em mim.

Ela era excepcionalmente atraente, seu cabelo colado nas costas pela enxurrada de água e sua pele davam um contraste romântico à cena. O azulejo colonial do banheiro, o vapor da água quente era surreal e sexy. Inclinei meu vestido, deixando-o cair entre os meus pés, tirei o sapato e as roupas íntimas, abri o box do banheiro e toquei-lhe os seios em movimentos circulares, beijei o pescoço, minha mão direita desceu pela barriga até encontrar o clitóris e a esquerda continuou em seus seios.

Ela sussurrou no meu ouvido um gemido espetacular, o que me deu mais segurança e prazer; completamente extasiadas, fizemos sexo. Aquilo se configurava como uma nova história na minha vida, mesmo apavorada, não havia dúvidas que meu vazio começava a ser preenchido.

Acomodada pelo desejo, Olga ainda precisava se recuperar; seu corpo tinha hematomas e ela estava fraca, não só pela surra, mas pelo álcool e pela má alimentação.

Preparei um farto café da manhã e levei na cama, nunca fiz isso para os meus filhos. No

quarto, Olga estava completamente nua, despida inclusive de vergonha, o oposto de mim. Enquanto comíamos, ela indagou.

– Em que ano você nasceu?

– 1959. Tenho exatos 55 anos. Que diferença isso faz?

E sem dar o mínimo de atenção ao que eu dizia, ela continuou. Em pouco tempo de contato, sem brigas, esse hábito da Olga de não se atentar a respostas e perguntas grosseiras era marcante.

– Seu número é o seis. Que liga espírito e matéria, quando bem trabalhado, se estiver em desequilíbrio, representa instabilidade. É o aprimoramento do nosso guia básico da vida, nos fazendo refletir sobre como usamos o nosso tempo e talento. Mas isso depende da cultura em que se faz a leitura, no geral, as pessoas temem o número 6.

– As pessoas demonstram aversão a mim, inclusive meus filhos e funcionários. Como você sabe de tudo isso?

– Há alguns anos, conheci uma médica chegada à astrologia, ela me ensinou. Ela vivia nas ruas.

– Uma médica que vive nas ruas? Deveria ser muito ruim.

– Na verdade, não. O nome dela era Mônica, uma médica conceituada. Um dia, ela chegou em casa e descobriu que o marido estava tendo um caso com a irmã e que o pai dos dois filhos da irmã era o próprio companheiro. Ela não suportou ver a felicidade dos dois juntos; largou tudo: emprego, família, os filhos com os pais e foi viver nas ruas para não matá-los. O fardo das ruas foi pesado para ela, não suportou muito e morreu. Mas, durante esse tempo, ficamos amigas e eu aprendi algumas coisas sobre astrologia, biologia e física. Ajudou a salvar muitas vidas, tornou-se a médica dos da rua, contudo, a dor que sentia era maior que qualquer coisa.

– Interessante. Acho que ela foi fraca.

– Eu não sei. Ela era uma boa amiga, é tudo que sei.

– Talvez, se ela não tivesse criado expectativas no casamento, o sofrimento tivesse sido menor. Se usasse a energia do sofrimento no trabalho, em uma viagem ou com um amante.

– A verdade é que todos nós criamos expectativas, de um jeito ou de outro, criamos e isso é a nossa realidade paralela – afirmou Olga.

– Você é sábia, sempre tem algo a dizer que não soa repetitivo, que agrega. Deveria falar mundo afora, deveria dizer essas coisas para as pessoas, o mundo precisa ouvir isso.

– Todo mundo tem algo a dizer, todos nós temos experiências fabulosas, só que em algum lugar do mundo a arte de ouvir fora perdida com a própria arte de viver.

– Você ainda sente vontade de beber?

– O tempo inteiro. A cada instante.

– Mas você fez uma promessa a sua filha.

– Eu fiz a promessa de parar e não de esquecer o desejo. Isso é com o tempo, tenho que

estar preparada para recaídas, como a de quando você me encontrou.

Abraçamo-nos e dormimos.

O tempo que ficamos juntas, eu já não controlava. Objetos que antes eram constantes ao meu alcance: esquecia ou perdia com facilidade. Era noite quando decidimos jantar; para proteger Olga do próprio vício, pedi que ficasse em casa e fui comprar comida. Também pedi que tentasse dar um jeito, por mínimo que fosse, na casa.

Glória-da-manhã

– Quem é? – o telefone tocou para destruir meu sonho perfeito, correndo nua na floresta como uma deusa com muitas outras mulheres nuas prontas para o sexo. Coisa irritante.

– Trabalho? Que trabalho? Amanhã? Como assim? Não estou sabendo de nada – dei um salto da cama, enterrando por completo a possibilidade de deitar e voltar a sonhar. Aparecida ligou para lembrar de um tal trabalho. Corri para minhas anotações soltas, não tenho caderno. Lá estava, Serviço Social e expressões da questão social, repeti essa disciplina cinco vezes e tinha até amanhã para entregar o trabalho, se não conseguisse, repetiria. A professora era insuportável. Não concordávamos em nada. Salva mais uma vez pela Cida. Ela, sim, era uma boa menina. Só que não gostava de meninas, não no sentido sexual da coisa.

Cida casou antes de entrar na faculdade, estava grávida, com dezesseis anos. Os pais a forçaram. O namorado, na época, tinha vinte e cinco, um malandro. O casamento durou dois anos, por muita força de vontade dela, entre espancamentos, privações, fome e humilhações. O pai morreu e ela voltou a morar com a mãe. Conseguiu um emprego de vendedora numa loja de roupas. Em seguida, entrou na faculdade. O ex-marido ainda a persegue de vez em quando.

No primeiro dia de aula, um pouco desnorteada, olhei em volta da sala e vi a Cida, sentada e linda, parecia o sol. Pensei: “tenho que ser amiga daquela moça bonita”. E assim aconteceu, mesmo que eu desejasse algo mais. Insisti por três meses e nada. Somos apenas amigas.

Pulei da cama, vesti meu macacão e tênis surrados e fui me preparar para organizar o trabalho que deveria ter no mínimo quinze páginas. Essa professora deve pensar que não tenho o que fazer. Ela só passou esse trabalho por perseguição. Na cozinha, ao abrir a geladeira, notei que estava desligada. Será que queimou? Ao tentar acender a lâmpada, a mesma coisa. Será que queimou tudo? Um curto? Não, cortaram a energia. Acabaram de cortar a energia da casa. Esse pessoal não descansa no feriado? Como alguém em sã consciência corta a energia de outro pleno feriado? Diabólico. Mas eu não estou devendo nada. Aqui diz que é uma conta de cinco meses atrás. Essa conta... está paga...

Lembrei, a conta do dia da Verônica e o sorvete. Mas onde eu guardei o comprovante? Ah, eu não guardei, quando corri da mesa, deixei com a Verônica. Eu só preciso ir até o encontro daquela Deusa perfeita que me deixa desconcertada querendo atacá-la como uma mulher das cavernas e trazê-la para meu lar. Aquela mulher perfeita que tem uma namorada linda, educada e engomada. Sendo que hoje é feriado, eu não sei onde ela mora... tudo parece tão simples. Além do banco, local de trabalho, na sorveteria, que provavelmente está fechada devido ao feriado, e o parque, onde nos vimos a primeira vez. No feriado tem muita gente no parque. É um lugar agradável para todas as tribos. Famílias, amigos, casais, solteiros, gente passeando com bicho,

gente andando só. Piqueniques. Corridas. Namoro. Música. Não era o lugar que me apavorava, o possível encontro com Verônica fez meu coração palpitar forte. Isso era tão difícil de compreender, nem sequer a conhecia direito e ela exercia um poder incomensurável sobre mim. Ao menos sobre minhas pernas, que tremeram as poucas vezes que a vi.

Sofri no meu término com a Vanessa, mas não recordo de ela causar essa sensação em mim. De deixar meu coração acelerado, ar ofegante, pernas moles, mãos trêmulas, boca seca. Eu não consegui dar uma cantada na Verônica, apesar de sonhar com ela numa praia várias noites. Houve uma noite em que tomávamos banho de chuveiro. Minha psicóloga disse para eu anotar tudo. Fiz isso no livro que construí com a Vanessa. Apesar de a minha interpretação ser diferente da analista, acredito que é meu relacionamento com ela. Um tipo de namoro a distância. Alguém que amo, simplesmente por amar. Sei que tem um percentual de idealização muito maior que o permitido, mas, merda, quem nunca sonhou com o grande amor? Com a mulher da sua vida? Eu sonho, apesar de tudo, o amor não morreu em mim. Ao menos, é nisso que quero acreditar. É um fio de esperança na humanidade.

Ainda era cedo, pouco mais de dez da manhã. Já que iria ao parque fazer vigília, levaria meu material de estudo e comida. Comprei frutas, sanduíche, suco, um frango assado (A beleza do frango girando enquanto assa na padaria sempre foi encantadora e convidativa). Me causa profundo incômodo e mau humor não me alimentar. Apesar dos meus cinquenta quilos, gosto de comer. Nem sempre foi assim. Aprendi a gostar de comer recentemente. Quando fiz trabalho voluntário com alguns moradores de rua, eles ressignificaram o valor do alimento em minha vida. É verdade que o mundo fora das paredes da casa de meus pais também era real e humano, apesar do requinte de crueldade e sofrimento, minhas feridas pareciam cicatrizar perto de pessoas tão humanas, com histórias iguais ou piores.

Ao meio-dia, estava no parque, como não vi minha ‘presa’, sentei embaixo de uma árvore que parecia ser mais velha que o próprio tempo. Estiquei um lençol, espalhei a comida, recostei numa almofada e repousei, pensando: “como consegui trazer tudo isso numa *bike*?”

Iniciei a leitura do material e abocanhei algumas frutas da cesta. Quando, por volta das quatorze horas, a Vanessa aparece deslumbrante num vestido branco florido de alça, com abertura na parte de frente, exibindo parte das pernas e realçando seus seios arredondados e empinados. Um colar longo com pequenas flores coloridas. No rosto, óculos escuros redondos, retrô, estilo anos setenta. Cabelos escuros e soltos, ondulados, mais perfeitos que o mar. A pele reluzia frente ao sol. Caminhava leve e despretensiosa, mas parecia uma poesia brilhante.

Eu soltei os meus papéis, apoiei as mãos no chão para ajudar a levantar, limpei a parte traseira do macacão e corri em sua direção. Sim, eu estava com mais um macacão surrado e tênis.

Eu sei que não sou atrativa. dessa forma, a Verônica nunca olharia para mim. Já estava conformada em ser amada por ela em meus sonhos.

– Oi, Verônica. Nem sei se ainda recorda de mim, mas sou a...

– Você é a Ana, jamais esqueceria de alguém tão original.

Mas, por que ela disse aquilo? Como vou me controlar agora? Assim não dá para suportar. Ela recorda de mim, espero que da minha conta também, e por minhas peculiaridades. Mas que originalidade é essa? Será que foi sarcástica e eu, tola, estou fantasiando? Será que me acha feia?

– Se for um elogio, obrigada!

– É um elogio. Adoro seu jeito despojado. Parece que é sempre menina. Tem jeito de travessa.

– Grata! Estava te esperando, pois...

– Acho que sei o motivo. Você esqueceu uma conta comigo.

– Isso – sorri denotando alívio com a mão direita no peito. – Cortaram minha energia e tinha certeza de que paguei a conta. A última recordação que tenho é de vê-la na sua mão. Faz tanto tempo, eu sei. O pior é que nem sabia onde te encontrar ao certo. Então decidi vir ao parque.

– Acertou, é o lugar de que mais gosto, depois da minha casa. Sempre que possível, venho.

– Como faço para recuperar a conta?

– Está em minha casa. Quer ir lá, comigo? Não é tão longe.

– Pode ser, mas e sua namorada?

– Somos casadas. Ela não irá se importar, até porque, está viajando. Portanto, só saberá quando voltar. Foi para um curso. Ela é veterinária.

Depois do elogio, vem a pancada. São casadas?

– Então vamos... – disse pigarreando, ainda confusa com a informação do casamento. – Tenho que pegar as minhas coisas, estão ali embaixo daquela árvore. Você está de carro? Te acompanho na bicicleta.

– Estou de carro. Colocamos a bicicleta no carro. Vamos!

Ela é imperativa. Deusa imperativa.

– Vamos.

Peguei o que sobrou da comida, o frango ainda dava para o jantar. Meu material de estudo, joguei na mochila e saí com a Verônica empurrando o camelo. O carro não estava longe, arrumamos minhas coisas e partimos. Estava tensa ao lado dela, tão próxima e ao mesmo tempo

tão longe. A confusão em minha mente, não queria aceitar o fato de uma mulher que vi poucas vezes ter esse domínio sobre mim. Mas desta vez não queria lutar. Queria deixar fluir. Deixar acontecer. É bem provável que a Verônica não exercesse nenhum domínio sobre mim, apenas eu que não amadurecia relações. Me forçava a ver jogo onde existia vida.

– Está com o pensamento longe. Pensando no namorado? – dizia enquanto passava marcha.

– Não tenho namorado.

– Entendo. Quer ficar só.

– Não.

– Não?

– Não. Eu não namoro meninos. Sou lésbica.

– Ah! É, mulheres são melhores. – disse com um sorriso malicioso nos lábios. Será que pensa, nesse momento, em mim como penso nela?

– E como foi?

– Como foi o quê?

– Se entender lésbica. Muitas mulheres passam por experiências tristes com a família.

– Bom, minha experiência familiar não é das mais agradáveis. Mas não por esse motivo.

Só tenho contato com minha mãe, e, mesmo assim, poucas vezes. A última vez em que nos vimos, ela foi me tirar da delegacia – Verônica dirigia, mas estava mais atenta às minhas palavras que ao trânsito. Me olhou e, em silêncio, deixou o espanto escorrer pela face. – Estava no lugar certo, mas na hora errada. Trabalho com moradores de rua, e fui fazer um trabalho na cracolândia.

– Tão nova, com esse tipo de experiência. Deve ser um trabalho difícil, porém muito gratificante.

– Sim. Um trabalho que me ensina todos os dias. Me torna humana todos os dias. Me faz nascer. Mas e com você, como foi?

– Muito tranquilo. Sou adotada. Meus pais estavam mais preocupados em me amar do que definir minha sexualidade. Rotular. Com quinze anos, conheci um menino, na escola, eu não era muito popular, mas, se quisesse ter alguma amiguinha, teria que sair com ele. Era tola, imatura, coisas da fase. Marcamos de sair e, quando as meninas da minha turma souberam, como uma avalanche, me encheram de perguntas. Me tornei popular. Recebia convites. Dois dias depois, ele foi me buscar em casa. Fomos ao cinema. Com uma turma. O filme começou, eu era tola, então, ele colocou a mão entre minhas pernas. Eu vomitei na hora. Vomitei bastante. Em cima dele, nas calças, na pipoca. Ele levantou furioso e gritou: “Porra, você é sapatão?”. Me ergui da poltrona, ainda limpando a boca, e disse: “É isso. É isso!”. Saí correndo daquele lugar. A irmã dele, que estava no

grupo, foi atrás de mim. Para me apoiar. Ficamos amigas. Ela foi meu primeiro sexo. Minha primeira namorada. Ficamos juntas um tempinho. Três anos. A faculdade nos afastou, não tive mais notícias. Bons tempos.

– Sorte a sua. Nem todas tiveram esse privilégio.

– Eu sei. Me fale da sua primeira namorada.

– Não sou boa com relacionamentos. Com 17, estava no último ano da escola, a filha da professora de matemática, às vezes, aparecia para ajudá-la. Um dia, me prontifiquei a ajudar também, ia na casa da professora, estudava com a filha dela. E lá aconteceu. Ficamos juntas cinco meses.

– E hoje?

Ela se mostrava tão interessada em mim. Em minha vida amorosa.

– Estou só, há algumas semanas. Também durou poucos meses. Nunca me relacionei com alguém por mais de um ano.

– Bom, acho que, quando isso acontecer, será para sempre – sorria enquanto dizia, mas sua profecia estava certa. – Chegamos!

– Já? É perto mesmo – no portão de entrada, avistei uma cadela.

– Ela não morde. Só se pedir – rimos.

Eu a segui, como um soldado obediente. Adentramos em sua casa, que cheirava a alfazema. Ela me encaminhou para a cozinha, já abrindo a geladeira, curvou-se, de costas para mim, e perguntou.

– Quer alguma coisa? Tenho leite, suco, água, vinho e... – antes de concluir a fala, levantou-se, abrupta, moveu a mão em minha direção atingindo a parte superior do meu seio. Não sei se o golpe fora forte o suficiente para me machucar, porém, causou-me um desejo intenso. – Oh! Desculpe. Não foi minha intenção.

– Tudo bem – respondi. Mas sonhando que aquela fosse a intenção dela. Me acariciar. – Eu aceito um copo d'água.

– Me conta essa história direito. Cortaram sua luz? – perguntava enquanto se dirigia com a água em minha direção.

– Sim, acredito que foi hoje, pela manhã.

– E como você vai fazer?

– Só dá para resolver amanhã. Ficarei no escuro.

– Guardei sua conta no escritório, o local exato, não recordo. O que fará no restante do dia?

– Tinha um trabalho da faculdade, mas, nessas condições, será inviável. Perdi muito tempo.

Mas não era nada importante. Estou te incomodando?

– Iria oferecer ajuda, como não é importante, o que acha, depois de encontrarmos a conta, de comer pizza?

A disciplina, dava para repetir, mas o momento, jamais estragaria. Poderia ser o único com ela. Iria aproveitar cada segundo.

– Perfeito! – respondi com o meu melhor sorriso...

Ela entregou o que almejava, porém, minha preocupação de o momento perfeito acabar fora prolongada por algumas horas. Fomos a um lugar simples, próximo do mar e conversamos por horas. O tempo passou e não sentimos. A sensação de infinidade era plena, o tempo passou sem nosso consentimento, o dia já amanhecia quando nos apercebemos.

– Olhe o nascer do sol. Que belo!

– A essa hora?

– Já está amanhecendo.

– Já? Eu não vi o tempo correr.

– Nem eu, foi uma noite agradável – dizia Verônica enquanto passava a mão nos cabelos.

– Vamos, te deixo em casa.

– Caraca! Tenho que trabalhar, verificar a conta, ir para a faculdade. Acho que hoje não dou conta.

– Estou de folga hoje, também! Posso te ajudar, se desejar.

– Sim – respondi sem pestanejar. Seria bom tê-la mais um pouco por perto. Lembraria desse dia para sempre. A não ser que tivesse Alzheimer.

– Façamos o seguinte, vamos à padaria e tomamos café. Você me dá a conta que eu resolvo e depois te pego no teu trabalho. O que acha?

– Perfeito! – melhor impossível, depois jogaria um verde para almoçarmos juntas, se eu estivesse acordada até lá.

O dia transcorreu tão normal no trabalho que algumas vezes dormi ao computador. Estava fazendo relatório dos trabalhos externos. A minha cara de felicidade era inegável, todos desconfiavam que um amor me perturbava. Fizeram perguntas, debocharam, riram comigo, até cantaram “Amor I love you”, dos Tribalistas. Essa música tocou enquanto conversávamos em alguma hora desconhecida da noite passada. Só aguentei o tranco de seis horas ininterruptas de trabalho, depois fui dormir. Nem almocei com a Verônica. Na verdade, até chegar em casa, desconhecia se ela havia resolvido meu problema da luz.

Na esquina, montada na bicicleta, avistei ao longe uma linda mulher. Putz! Por que ela faz isso comigo? Encostada do lado do passageiro, a perna esquerda cruzada à direita, um vestido

branco, mostrando mais do que eu estava disposta a ver. E aquele cabelo lindo, com cachos perfeitos, soltos ao vento. Preciso falar do sorriso? Puta merda! Ah! A conta de luz estava junto, e próximo ao poste, um homem fazendo o serviço para devolver minha luz.

– Você é muito eficiente!

– Não brinco em serviço. Já almoçou?

– Ainda nem dormi.

– Ótimo. Nem eu. Dá muito trabalho religar uma luz.

– Quem assina? – nos interrompeu o moço que religou a energia para assinar um protocolo.

– Eu – respondi.

– Como você conseguiu?

– Almoça comigo que eu conto tudo.

Dá para recusar?

– Certo. Deixa eu tomar um banho. Serei rápida. Entre.

A minha casa não era das mais organizadas. Em cada canto, havia um livro espalhado, uma meia, inúmeras canetas, algumas almofadas. Se um dia tivesse alguma chance com ela, perderia agora. As meninas com quem namorei reclamavam muito da bagunça. Sempre! Mas a Verônica foi adentrando como se fosse dona de tudo, despojada, demonstrando total sintonia com o lugar. Sentou-se no sofá.

– Você é criativa.

– Por quê?

– Sua casa parece de gente criativa.

– Quer alguma coisa?

– Não. Eu a espero aqui.

Almoçamos num lugar simples e legal, do jeito que gostava.

– Você ainda não me disse como conseguiu reaver minha energia.

– Pois é. Ao chegar à empresa, soube que só a responsável pela conta poderia fazer isso.

Ou, então, se eu tivesse o contrato de locação. Expliquei o que aconteceu, chorei, esperneeii e ninguém ajudou. Pedi para falar com a pessoa responsável. E adivinha que era?

– Minha fada madrinha?

– Não, boba! Minha primeira namorada. Foi maravilhoso. Conversamos por um bom tempo.

Ela se prontificou a ajudar. Parece que encontrar você tem trazido sorte.

– Você ainda gosta dela?

– Não vou negar que senti calafrio ao vê-la. Mas a paixão ficou no passado. Acredito

que nascerá uma amizade longa. Ela é mãe. Não está com ninguém, mas tem outros planos para a vida dela. Foi bom lembrar o que era, meus sonhos do passado. Senti o gosto do que desejei para hoje.

– E o que você desejava para hoje?

– O mundo.

– O mundo?

– Eu era impulsiva, serelepe, imediatista. Queria tudo ao mesmo tempo. Fazer muitas coisas. Explorar espaços. Conhecer pessoas. Independência. Liberdade.

– E hoje, o que sobrou?

– Os mesmos sonhos e desejos, com menos imediatismo, mais paciência, calma, serenidade.

Mas então o telefone tocou. Era a esposa dela contando todas as novidades da viagem. Nossa conversa perdeu o rumo. Voltei para casa de ônibus. Deixei-a falando com a amada dela. Meu coração estava apertado por isso, mas não chorei. Dormir. Dormi até o dia seguinte.

Sábado.

Para hoje: lavar calcinha e dormir.

Minha mãe, que há algum tempo não se manifestava, ligou. Parece que um policial, detetive, ou coisa parecida ligou para ela. Quer falar comigo. Não soube dizer qual o assunto. Ela se ofereceu para vir a minha casa, preferi não arriscar. Não queria aquela situação novamente. Disse a ela que marcasse com esse tal policial, apesar de considerar tudo muito estranho. Ele poderia mandar uma intimação. O telefone tocou novamente.

– Qual é o problema, mãe? Já disse que não quero vê-la – disse aos gritos.

– Sou mais velha, mas não tenho idade para ser sua mãe.

– Verônica? Desculpe! É que minha mãe tirou o dia para me aborrecer.

– Podemos resolver isso com um cinema. O que acha?

– Estou muito ocupada hoje.

– Que pena – desligou o telefone.

Encontrá-la hoje poderia ser uma má ideia. Falar com minha família era sempre sinal de dor de cabeça. Ficava irritada. Se Verônica conhecesse meu lado monstro, poderia me odiar para o resto da vida. Por isso, é melhor ser só. Com minhas manias. Isso é o que dizia a razão. Meu coração, por sua vez, mandou meu corpo fazer outra coisa. Martelou em mim com os sinais da minha burrice em não encontrá-la. Eu não tinha muito a perder. Se ela me odiasse, seria mais uma para a lista. Se não desse certo, só saberia se tentasse. A angústia da indecisão foi me apavorando, minhas mãos esfregavam as calcinhas, até que a imagem dela roubou meus pensamentos e já estava em outra dimensão. A dimensão Verônica. Não dava mais para lutar

contra tudo isso, se não fizesse algo, explodiria. Liguei para ela remarcando o encontro para a tarde. Sentei para planejar tudo em minha cabeça. Como agir, o que dizer sem ser grosseira ou arrogante. Queria parecer alguém normal, sem tantas dores e feridas abertas. Jurei para mim que ninguém me machucaria, mas estaria pronta para o que fosse rolar com a Verônica. Mesmo que só amizade, segui sem medo.

E a maravilha só estava começando. No domingo, fomos à praia. Na segunda, não nos vimos. Porém, na terça, comemos pizza. Quinta, assistimos a filme lésbico – romance – na casa dela. Sexta, levei-a para uma roda de leitura só de mulheres. E sábado, voltamos ao ponto inicial, o parque. Caminhamos e sentamos em volta da lagoa. Ficamos à tarde, ela parecia triste.

– Você parece triste.

– Deve ser saudade.

– De sua esposa, né?

Ela olhou séria, por alguns segundos, em meus olhos, parecia que ia chorar.

– Deve ser – a resposta soou confusa. Mas eu a aceitei, fiz um juramento. Não deixar ninguém me machucar, mas aceitar de coração aberto o que Verônica tivesse para me oferecer. – Ela chega nesta madrugada.

Ficamos em silêncio. Quebrado por alguns pingos d'água que logo foram tomando proporção mais intensa. E antes que pudéssemos levantar, a chuva apontava. Comecei a arrumar a mochila e pegar a *bike*, marcamos de nos encontrar no parque. De costas, senti sua mão em meu braço, puxando meu corpo para junto do seu. Os lábios molhados de Verônica encontraram os meus, sedentos por amor. O gosto do primeiro beijo, do primeiro beijo de amor. Perdi completamente a noção de onde estava, o que fazia. Meus braços se enroscaram em seu pescoço, e os dela, agarraram forte minha cintura. Tão rápido, tão demorado. O som do trovão nos afastou. Verônica estava com os olhos em lágrimas. Tocou no meu rosto molhado pela chuva, disse que sentiria minha falta. Ela era casada e aquilo saía do controle. Se continuássemos nos vendo, alguém sairia ferida nessa história. E dessa vez quem correu foi ela. Fiquei imóvel, incrédula. Esperei por aquilo, queria a semana inteira, mas agora doeu. Ao mesmo tempo, estava mais forte. Era a primeira vez que não corria de uma situação. Não me desestruturava. Descontrolava. Meu coração estava acelerado, mas minha alma, serena. Isso só podia ser amor. Como uma mulher que ama outra mulher e não é correspondida, voltei para minha vida. Sem esquecer a melhor semana, e, sempre que desejava uma felicidade clandestina, deixava nossos dias passarem em minha mente.

Tanaceto

Do carro, Marisa viu Rômulo escolhendo as suas vítimas. Constatou também uma ótima oportunidade de vingança contra o que ele fez a Olga. Era isso que ela cometia, quando algo não dava certo, se vingava.

Marisa nunca esquecia ou perdoava. Decerto que aquela não é uma cena que se esquece.

Rômulo vagava por entre os indigentes do centro da cidade: suas vítimas prediletas.

Parou o carro e o observou por uns instantes, ele falava com um homem, ao menos de longe era o que parecia. Será que aquela era a próxima vítima? Marisa estranhou, pensou que ele batia, espancava, violentava e matava mulheres.

Rômulo abraçou o homem, depois entregou um punhado de dinheiro e caminharam para um lugar mais reservado.

Sem perder tempo, Marisa desceu do carro e os seguiu, tentando não ser identificada. Perplexa, seus olhos não acreditavam no que estava vendo.

Rômulo gritava com força “soca, eu quero sentir, soca, eu quero sentir que hoje eu vou gozar!”, e o homem metia com brutalidade para fazê-lo gozar.

A mente de Marisa fervilhava com aquela nova informação. Aquele não era uma vítima, era o que fazia Rômulo ser verdadeiro. Saiu imediatamente de lá, não por falta de interesse em ficar, por receio de ser assaltada ou algo parecido.



Quando terminou, Rômulo levantou as calças, enxugou o suor da testa com a manga da camisa, tirou um palito de dentes, colocou-o na boca, manuseando-o com a língua de um lado para o outro. Em seguida, saiu na calada da noite com as mãos nos bolsos como se nada houvesse acontecido.

Ao chegar à casa, para voltar a seu rotineiro trabalho no bar, foi tomar um banho, esfregou a região anal com todas as forças, lavou com álcool e depois com um esfregão de roupas até sangrar.



Provocada pelo desejo de vingança, Marisa continuou sua jornada e cumpriu sua tarefa de comprar comida e chegar à casa de Olga. Jantaram. E depois de tudo do que viu, um *insight* sobre o que fazer invadiu seu espírito.



Por mais que eu tente esquecer o que ele fez com Olga, parece uma missão impossível. É injusto aceitar.

De outra maneira, preparei-a para discutir sobre o assunto mais uma vez.

– Eu acho que Rômulo é louco!

– Por que acha isso?

– Não sei muito sobre ele, o vi vagando aqui pela rua.

– Ele sempre vaga pelas ruas.

– O que mais sabe sobre ele?

– Não sei muita coisa. Quando ele veio morar aqui no bairro, tinha saído da prisão por matar uma pessoa, que, acho, deveria ser o amante da ex-mulher, e por dar um tiro no rosto dela.

– Deprimente!

– Verdade! Ele deve sofrer muito. Ele tem dois filhos, um casal. A menina já é uma moça e não fala com ele, e o rapaz é doente, ninguém sabe o que tem. O Rômulo evita falar sobre isso no bar. Às vezes, ele vaga pelas ruas chorando; o rapaz está no hospital e é tudo o que eu sei.

Eu ouvi com a fineza dos grandes ladrões que roubam e passam despercebidos.

Se a filha o odeia, ela será uma possível aliada, e a ex-mulher também, principalmente se for vaidosa. Um tiro no rosto...

O mais correto agora era degustar um momento de cada vez. Olga estava linda e carinhosa. Usava camisola transparente e, mais uma vez, eu sentia um líquido quente entre as pernas. Meu sexo só queria sexo, nunca gozei tanto na minha vida, era surreal, ou talvez só agora fosse real, só agora era verdade. O resto foi ilusão.

O resto era meu inimigo que acabava de morrer. Olga me ensinou o que era sexo e prazer; tinha que esgotar, se é que é possível.

Sentada no sofá, acendi meu cigarro, estava há horas sem um. Ela lançou um sorriso malicioso, puxou-me pelas pernas, com as mãos recostadas no meu joelho, subiu para minhas coxas, lambeu-me, tirou minha calcinha e chupou.

Continuei fumando meu cigarro e sentindo meu corpo se contrair, arbitrariamente e descontrolado de prazer.

Desmontada pelos toques, minhas mãos foram até meus seios, Olga rasgou meu vestido como uma cadela vadia com carne na boca. Aquilo era insano e acontecia sem pretensão de hora, simplesmente acontecia.

Éramos duas fontes inesgotáveis de prazer e sem pudores, o suor do nosso corpo incendiava nossa derme e nos fazia deslizar uma na outra. Caímos no chão, já estava totalmente nua, Olga, com a mão, movimentou meu clitóris e, com a boca, mordida o bico do meu seio; nessa hora, eu já uivava como uma loba faminta e sedenta. Se morresse, a vida teria valido por aquele instante.

Delirante e nas mãos daquela mulher ao mesmo tempo forte e segura, eu gritei de tantas contrações prazerosas. O grito saiu arranhado, permitindo que eu descarregasse uma energia acumulada.

Ela segurou nos meus quadris com as duas mãos, levantou e depois me virou; novamente, segurou meus quadris e me levantou. Fiquei com os braços apoiados no chão e as ancas erguidas, ela introduziu os dedos na minha vagina e depois pôs a boca, meu gozo desceu pelos seus lábios. Foi fenomenal.

Também quero tocá-la e vou dedilhando seu corpo ainda vestido. Toco em sua camisola; passo a língua no pescoço; cheiro-a; beijo a boca e coloco os braços dela para cima. Eu sempre achei linda a forma como ela nunca usava sutiã. Mesmo quando a odiava, eu admirava seus seios livres.

Sim, tudo era sagrado.

Tudo era Deus em nossas almas.

Eu tinha fome sexual de cinquenta e cinco anos.

E, em silêncio, percorri seus pequenos mamilos. Ela se abriu toda e levou os dedos para a vagina; eu a coloquei no sofá de costas para mim e a suguei pelo ânus enquanto meus dedos entravam em sua vagina até fazê-la gozar intensamente.

Ficamos recostadas uma na outra por algum tempo, em silêncio. Olga acariciava meus cabelos e eu pensava em Rômulo. Eram três horas da madrugada, disse para Olga que precisava ir. Pedi que ela ficasse o máximo de tempo em casa, em razão da insegurança por causa do álcool, queria evitar que ela visse Rômulo.

Ela concordou, estava tão feliz. Eu já havia percebido, não aceitava. Seu rosto brilhava com a pureza dos inocentes, ela era angelical, pura, sábia, bondosa.

Quando pensava sobre o que Olga era de verdade, contorcia-me de remorso pelas coisas que fiz a ela durante esses anos.

Eu a fiz ser presa, colaborei para que perdesse a guarda da filha. Se bem que perderia de qualquer forma. Ninguém deu uma chance para ela. Ficou quatro anos sem ver o rosto de Maria, foi o período em que eu mais a vi debilitada. Agora sinto a dor que ela viveu no passado e ela é meu apoio. Quem ajuda quem?

Paguei para uns meninos da rua jogarem pedra todas as vezes que ele passava, e assim eles fizeram, obedientes feito ratos inescrupulosos de laboratórios. Eu a vi chorar. Eu sorri estridente. Não a vi se queixar com as crianças por serem crianças.

No ano de 2001, ela cuidava dos cachorros da vizinhança, para tentar reconquistar a confiança de todos. Estava fazendo tratamento. Dei veneno para os animais e fiz todos pensarem que ela era uma estúpida. Ela sofreu pelos animais. Ninguém deu aconchego a ela. Eu sorri. Ela era só deserto.

Também me aproveitei da maldade que via nos adolescentes e dava suporte e dinheiro para picharem a casa dela. A filha dela tinha vergonha e se mantinha mais afastada. Os garotos caçoavam da filha em todos os lugares que a encontravam. O que reforçou o desejo da filha de morar com o pai e pouco ver a mãe. E Olga murchava. E Olga deserto.

Sua mãe é uma puta bêbada! Vocês duas são piranhas! Maria, tem pinga na minha bolsa, se foder comigo, te dou um pouco! Quem é mais vadia: mãe ou filha? Tomou sua cachaça da manhã, hoje?

Reuni-me com algumas mães do bairro para tentar expulsar Olga para o quinto dos infernos, até contratamos advogado, não conseguimos nada. Fui à escola da filha dela conversar com a diretora sobre o descaso que era aquela mãe e o mau exemplo que a filha poderia ser às ‘famílias de bem’.

No fundo, nós somos os loucos sociais viciados na verdade absoluta. Olga foi a nossa vítima; alimentamo-nos do sangue e do amor-próprio dela. Tornamo-nos vampiros sociais para defender Deus sabe o quê... Nos armamos diariamente contra a própria humanidade, contra nós mesmos. É possível que o álcool tenha sido sua única lucidez e defesa para não se misturar com gente como nós.

Tudo para não admitir que a sua beleza me atraía. Ela nunca me atacou, só se defendeu! Ela tem todos os motivos para me odiar, mesmo assim, parece me amar.

Como essa mulher pode demonstrar amor por mim?

Pelo que fiz, sei que ela me ama; e pelo amor que ela me tem, Rômulo deve pagar.

Deixei minhas roupas rasgadas na casa dela e, nua, caminhei até a minha. Era madrugada e era nua que eu ia.

Dormi pouco e acordei cedo, rumei direto para a loja e liguei para um investigador. Um policial aposentado. Namorei-o e ficamos amigos. Nem recordo o motivo do rompimento.

– Abel?

– Aqui quem fala é Marisa. Pode vir até a floricultura, hoje? De preferência, agora!

Em poucas horas, lá estava ele. Pontual como sempre.

- Você continua autoritária.
- Você continua pontual.
- Preciso de sua ajuda.
- Já sei, quer lembrar os velhos tempos.
- Você continua engraçadinho. Eu quero que você descubra tudo sobre a vida de um

homem.

- O namorado está traindo? Se estivesse comigo, isso não aconteceria.
- Ele não é meu namorado, é alguém que me fez muito mal. Quero que encontre a filha e a ex-mulher e marque um encontro das duas comigo. Mas, antes, especule o tamanho do ódio delas por ele.

- Passe-me as informações que você tem.

Abel era um rústico de modos, com 65 anos, iria morrer assim. Namoramos por cinco meses; brigávamos muito, eu constantemente reclamava das atitudes dele. Apesar disso, sempre foi íntegro, quando rompemos, estabelecemos um forte laço de amizade que dura até hoje.

Só o vejo quando ele vem aqui comprar flores para alguma namorada espalhada pela cidade.

Madressilva

Três meses se passaram e a relação entre Olga e Marisa estava cada vez mais forte. O sexo ficava longo e intenso; uma pensava na outra; as ruas, os outros, o mundo, os vícios, trabalho, o certo o incerto, a hora, o dia e a noite estavam parados. O mundo mudou e promessas eram feitas, palavras tornaram-se mel.

Apesar de tudo, Abel ainda não havia dado notícias e, nesse meio-tempo, mais dois assassinatos aconteceram na cidade. Com o mesmo perfil: mulheres, moradoras de ruas e viciadas; violentadas e espancadas até a morte.

Marisa continuou a seguir Rômulo, não tinha provas convincentes, somente que ele vagava pelas ruas à noite e pagava para fazer sexo com homens em becos escuros e gritando loucamente. Isso não a ajudaria. Abel não dava notícias e nem sequer atendia ao telefone.

Olga passava boa parte do tempo em casa, saía para cuidar do jardim, que estava lindo, por sinal. Fez a tão esperada limpeza e encontrou fotografias antigas dos familiares, amigos, colegas, pessoas que nunca vira etc.

Em uma das fotos, Dulce, Fausta e Olga, as três amigas inseparáveis. No verso, escrito: *“março de 1981, você sabe que te amamos!”*.

Na época, Olga, com 17 anos, estava prestes a entrar na faculdade de Jornalismo. Dulce, com 18, fazendo Medicina, e Fausta, a mais nova do trio, tinha 16 e pretendia cursar Direito.

Andavam juntas o dia inteiro.

Apesar de fazerem cursos diferentes, às vezes, uma assistia aula na turma da outra; mesmo Fausta, que estava na escola. Elas viviam uma vida pacata de meninas até completarem 17 anos.

Olga ainda teria seu primeiro dia de aula e Dulce já estava no segundo período, então era a encarregada de levá-las às festas.

Fizeram tudo juntas, a primeira bebedeira, as primeiras festas e as primeiras drogas. A amizade com o grupo de medicina ficava cada vez mais intensa e, nessas festas com tudo liberado, Olga e Dulce beberam demais e se declararam uma para outra. Os amigos gritavam em euforia e pediam para se beijarem, e assim fizeram.

A amizade se transformou em namoro, escondido. O que desagradou Fausta, que, cada vez mais, se via excluída das brincadeiras e festas.

O desagrado foi se transformando em fúria até chegar à obsessão. Fausta contou tudo o que sabia para os pais de Olga e Dulce, que tomaram atitudes drásticas. Fausta não fazia ideia

do que acabara de causar...

Olga sempre teve pais muito carinhosos e atenciosos, davam-lhe de tudo. Mas a educaram para estudar, casar, ter um bom emprego, marido e filhos, não para ser uma depravada, como dizia sua avó.

Eles tiveram uma educação severa e cheia de privações, não queriam que Olga passasse pelo mesmo apuro. Ela tinha uma vida de boneca. Seus pais se chamavam Pascoal e Amélia e se casaram muito jovens para fugirem da miséria em que viviam, ledo engano.

Quando Dona Amélia soube que a filha namorava outra mulher, deu-lhe a primeira surra da vida. Bateu com tanta força que Olga foi parar no hospital. Quando saiu, foi direto para a casa da avó no interior, e ficou por lá um ano, incomunicável.

Amélia jamais revelou ao marido o motivo da surra, dizia apenas que a filha mereceu. Sentiu muito por ter que fazer aquilo e repetia enquanto surrava a filha “*Dói mais em mim que em você*”. De fato, Amélia sofria, amava a filha, jurou dar-lhe liberdade, namorar outra mulher era insuportável.

Sem saber a possível reação de Pascoal, morreu carregando aquele segredo. Também fez a filha prometer que jamais a veria envolvida com outra mulher. Espancada e sofrendo muito, Olga jurou que a mãe jamais a veria se relacionando com mulheres.

É inegável que ela é boa de juramentos, pois só agora, depois da morte da mãe, que conseguiu amar quem nasceu para amar: outra mulher.

O castigo foi cessando quando a avó de Olga disse para Amélia que a neta estava de ‘coloio’ com um rapaz; na cabeça da avó, ela estava flertando com Silvio.

Silvio e Olga tornaram-se amigos por compartilharem da mesma desgraça, então enganavam as famílias dizendo que estavam namorando. Quando Olga voltou para a cidade, a mãe ficou feliz e Silvio ia visitá-la com frequência.

Os pais dele, para garantir aquele pomposo casamento, deixaram o rapaz ir morar na cidade grande.

A questão é que Amélia descobriu tudo e jurou castigar a filha novamente. Olga já tinha outra carta nas mãos para não voltar para o interior: arranjou um namorado na Faculdade e fez a mãe acreditar que ela não sabia o que Silvio fazia da vida dele.

Amélia deu um crédito de confiança à filha, que planejava descobrir o que aconteceu com sua parceira Dulce.

Fausta não suportou a pressão dos próprios atos e se suicidou. Os pais dela foram embora da cidade e venderam a casa, que hoje pertence a Marisa.

O destino de Dulce foi mais cruel. Os pais, Júlia e Amaral, não perdoaram. Amaral era

militar e apoiava a ditadura militar, foi um dos torturadores mais famosos do estado. E Júlia apoiava tudo o que o marido ditava como uma boa mulher submissa. Nunca questionava.

E a decisão foi mandar Dulce para o sanatório e dizer à sociedade que ela estava muito sobrecarregada com os estudos e precisava descansar.

No sanatório, Dulce foi levada à sala do médico, que a esperava com o prontuário nas mãos. Depois de ler o que seus pais relataram, ele a olhou de cima a baixo com desprezo e pediu à enfermeira que os deixassem a sós e que só aparecesse depois que chamasse.

Ele se levantou da cadeira, circulou a mesa que o separava de sua paciente e a observou mais de perto.

– Doutor, isso é um engano, meus pais estão loucos. Sou estudante de medicina e gozo de perfeitas minhas faculdades mentais...

Antes de terminar a frase, Dulce sentiu a mão do médico em seu rosto.

– Cale a boca, sua piranha! Quer dizer que gosta de colocar as aranhas para brigar? Vou te ensinar a ser mulher de verdade!

Dulce arregalou os olhos sem entender nada. Não foi aquilo que aprendeu na faculdade.

– Você é doente e eu vou lhe tratar. Você é o mal da sociedade. Pessoas como você não deveriam nem nascer. Você é uma anomalia e eu vou te curar.

Se ela tentasse falar, a voz não sairia devido ao tamanho da perplexidade.

Ele deu outro tapa e, dessa vez, ela caiu da cadeira; então, ele baixou as calças, arrancou a calcinha dela e introduziu com violência. Ela gritava, suplicava por socorro e ninguém a ajudou. Ele meteu a mão direita em sua vagina com força e com a esquerda puxou seu cabelo e a mandou repetir o que ele dizia: ‘Vamos! Repita! Eu sou mulher! Eu sou mulher!’; ela não tinha forças para dizer nada...

Todos ali sabiam o que o doutor fazia com as pacientes, o método de cura.

Cômodo era o silêncio.

Quando acabou, ele levantou, chutou as costas dela, cuspiu em sua face e mandou-a levantar. Chamou a enfermeira e entregou o prontuário.

– Leve-a, ela é agressiva. Dê os remédios e prepare-a para o tratamento especial.

A enfermeira já sabia qual era o tratamento especial. O nome dela era Eunice. Era conhecida como Dinamite.

Dinamite nasceu num cortiço grande e sujo. Sua mãe se prostituía e teve quinze filhos, cada um de pai diferente. Com dez anos de idade, já ajudava no sustento da família, aprendeu em passo acelerado o ofício da mãe. O primeiro homem que a possuiu foi seu pai, mas nem ela nem ele sabiam do parentesco. O homem via na menina de 10 anos a beleza da mãe de outrora;

pagou pelo serviço prestado e ainda deu umas balas por ter sido o primeiro.

Ela sentiu muita dor, mas as balas, em sua mente, eram a compensação pelo serviço exemplar. Naquele mesmo dia, sua mãe a obrigou a atender outro cliente antigo, este seria o pai de seu quinto irmão. Ela já estava dolorida e machucada, não precisava passar por aquilo; seus irmãos precisavam se alimentar. Ele a abusou e quase arrancou seus cabelos de tanto forçar sexo anal.

Naquela noite, Eunice, que ainda não era Dinamite, levou para casa seis vezes mais que a mãe quando tinha a mesma idade. Por raiva, a mãe deixou-a com fome e sem banho. Só os seus irmãos puderam comer. Assim os anos caminharam e a vida adulta chegou sem viver a infância. A necessidade de matar Eunice para dar lugar a Dinamite apareceu aos doze anos.

Seu sonho era aprender a ler e escrever. Sempre depois de cada cliente satisfeito, ela jurava que, um dia, estudaria e teria um bom emprego.

O tempo passou e Dinamite tornou-se uma mulher grande, robusta e temperamental: explosiva. Um dia, estava no seu ponto de trabalho predileto, local onde os idosos se encontravam para jogar e conversar.

Ficava atenta a tudo, nada passava despercebido, foi assim que seu olhar se deparou com um velhinho portando grande quantia em dinheiro.

Não pensou duas vezes, jogou seus seios fartos quase na boca do velho, sensualizou com o seu corpo voluptuoso e chamativo e o abocanhou em sua teia. Conferiu se o velho realmente carregava uma grande quantia. E ele carregava. Era o valor da negociação que fez com um pai para vender sua filha de catorze anos. Comprou a menina na feira, o pai queria mais dinheiro para os cigarros, e o velho, uma carne nova para satisfazê-lo e cuidar de suas roupas. Quando conheceu a jovem, ficou louco de desejo. Ele, naquela idade, com uma menina tão bela. Ela só precisava de um trato.

Dinamite fez o melhor sexo da vida com ele, sussurrou que ele estava lhe dando grande prazer, o satisfez com intensidade e depois girou seu pescoço frágil e o matou. Na madrugada fria, jogou o corpo do velho no rio com uma pedra amarrada ao pescoço. O pai da menina que o velho compraria foi acusado pelo crime e preso.

O dinheiro foi suficiente para largar a família e a vida miserável do cortiço e estudar para ser enfermeira. Teria como se sustentar por dois anos. Na faculdade, sem dificuldades para se arranjar financeiramente, fez o melhor que pôde para se manter entre as mais vistas pelos professores.

O cargo de confiança de enfermeira-chefe não foi mérito de profissional da saúde, mas sim de profissional do sexo.

Por algum tempo, foi ‘garota’ do médico responsável pelo sanatório. Até que ele a largou por achá-la usada demais.

Ela ficou enfurecida, ao médico nunca disse nada, seu ódio foi direcionado aos pacientes, principalmente às mulheres jovens, bonitas e estudadas. Na maioria das vezes, só as espancava e deixava com fome. Quando alguma a interessava, fazia-a de sua garota de programa por restos de comida.

Dulce foi jogada à morte e, assim que chegou ao seu novo lar, Dynamite empurrou-a como um saco de lixo no chão.

– Aqui agora é a sua casa, chuchu! Mais tarde conversamos – as palavras de Dynamite revelavam mais que o coração de Dulce estava disposto a saber. – Sua carne parece bem apetitosa, vamos ver o que consegue...

A visão era sub-humana. Não era necessário muito conhecimento em medicina para compreender que aquelas mulheres estavam doentes.

Elas eram tratadas como portadoras de transtornos mentais, e o que Dulce viu, viveu e presenciou foi fome, frio, diarreia, maus-tratos, humilhações, violência, abandono.

“Será que meus pais sabem disso?”, pensou enquanto procurava um canto da sala para se acomodar. Se aquelas mulheres não eram loucas, ali era o ambiente perfeito para isso, um verdadeiro campo de concentração.

Além do chão frio, tinha capim seco para dormir, nada mais. Era um lugar que mais se parecia com um galpão abandonado e sujo, havia cerca de cinquenta mulheres dividindo o espaço.

Todos usavam o mesmo tipo de roupa: avental. Seu corpo estava doído e sua alma, dilacerada; queria sair dali, tudo o que conseguiu foi seguir para o canto mais escuro da sala, chorar e dormir. Já era noite.

Acomodou-se como pôde e deitou na palha suja e fedida em posição fetal. Suas palavras ficaram recostadas na garganta como uma grande batata quente, seus olhos fizeram todo o trabalho aquela noite, ela chorava compulsivamente.

O corpo tremia muito. Foi quando Dynamite chegou com uma grande quantidade de remédios. Puxou-a pelos cabelos, virando a cabeça para trás, abriu a boca de Dulce e a forçou a engolir.

A única utilidade daqueles remédios era de fazê-la esquecer do estupro e do castigo recebidos, se eles fossem capazes.

No dia seguinte, precisava limpar o corpo de toda aquela humilhação e depois falaria com o diretor da clínica para ligar para a família, com certeza, eles não sabiam que era aquilo.

Andou pelos corredores perdida, esbarrando em tudo e em todos, se esquivou de uma mão que tocou no seu ombro, quando virou, era uma paciente da clínica que lhe sorriu.

O gesto de doçura a desarmou e deu impulso para perguntar.

– Como faço para tomar banho?

– Venha, eu vou ajudar.

– Depois eu preciso falar com o diretor daqui, tenho que ligar para minha família.

A mulher sorriu e nada disse.

– Chegamos. É ali – ela apontava com o dedo.

– Você tem certeza?

A fonte de água para o banho era um esgoto a céu aberto e próximo, no chão batido, homens fardados manuseavam carnes.

– O que aqueles homens estão fazendo?

– O almoço.

– Cuide-se rápido, pois podemos perder o café da manhã por inadimplência.

– Não quero mais banho. O que são aqueles carros?

– Para levar os mortos.

Era absurdo. Um holocausto no Brasil. Pessoas nuas, largadas pelo pátio, comida preparada em chão de terra batida, água de esgoto, leprosos, tuberculosos, o inferno havia chegado à vida de Dulce. Seus olhos ficaram turvos e por instantes pensou que fosse sonho. Sua nova amiga a trouxe para realidade mortal.

Ela correu pedindo por ajuda, exigiu falar com o diretor do hospital, os enfermeiros vieram em sua direção. Obviamente, suas reivindicações pouco importavam.

Só que seus gritos retratavam o tamanho da sua revolta e foram ouvidos até na rua.

– Eu exijo falar com o diretor.

Por coincidência, ele chegava naquele momento. Recebeu-a na sala dele, pois se tratava da filha de um militar importante.

– Preciso falar com a minha família, provavelmente desconhecem o que acontece por aqui.

– Seu pai é meu amigo de infância, ele mesmo falou comigo para te receber aqui, disse que era uma anomalia. Ele sabe exatamente todos os nossos procedimentos.

Dulce voou na direção do diretor com ódio mortal, suas unhas cravaram em seu pescoço. Dinamite entrou na sala e arrancou-a de lá direto para o tratamento especial: choque elétrico.

A vida desmoronou e, depois de anos, conhecia a verdadeira família, pareciam tão perfeitos, certinhos.

Anos mais tarde, Dulce conheceu Julieta, a nova enfermeira-chefe; para alegria de todos,

Dinamite estava muito doente, uma doença nova chamada AIDS, e morreu logo.

Julieta era jovem e seu coração caridoso a deixou ajudar muitos que ali padeciam. Dulce foi privilegiada, e nem sabia mais há quanto tempo estava lá. Já havia se acostumado às agressões e abusos sexuais.

Como todos os outros, bebia a água do esgoto e passava fome. Dinamite a violentou com cabo de vassoura, tesoura, faca, gilete, costurou seus seios e batia todas as noites de plantão com toalha molhada. Arrancou parte do bico do seu seio com os dentes agressivos, considerou os seios de Dulce muito bonitos para alguém tão usada. Raspou sua cabeça e jogou ácido nos seus pés.

O que a manteve viva foi o amor que nutria por Olga, e decidiu escrever, com a pouca sanidade que lhe restava, para pedir ajuda.

Pelo que conhecia da família de Olga, sabia que fora castigada, mas estava em situação melhor.

Na carta, Dulce relatara todas as torturas e atrocidades que ela e outros viviam diariamente com o aval das famílias, dizia que sempre a amou e pedia ajuda para sair dali.

Na noite que Julieta recebeu a carta, foi demitida e enxotada, pela direção, sem direito nem a pegar suas coisas pessoais, entre elas, a carta. Tudo o que lhe pertencia foi encaixotado e trancafiado num porão e esquecido. Permaneceu lá por cinco anos.

Mas o destino parecia reservar surpresas. Helena, amiga íntima de Julieta, era a mais nova psiquiatra contratada.

A pedido da amiga, foi-lhe incumbida a tarefa de olhar por todos, em especial por Dulce, que já estava fraca quando Julieta chegou ao hospital. Entre tantos desencontros, Helena fez o que era possível.

Acessar Dulce como paciente era uma atividade precária, pois ela era da ala do primeiro médico que a atendera quando chegou lá.

Diziam que ela era mulherzinha dele, que nem por isso recebia tratamento especial.

Helena acessou o material de Julieta numa noite de plantão, pegou o que considerava necessário para devolver, visto que precisava ser discreta, a bolsa e um envelope com documentos escrito a mão e de caneta vermelha: pessoal.

Nessa noite, examinou Dulce, seu estado era lamentável. Os olhos fundos e caídos foram perdidos em algum lugar do tempo, a pele queimada, visivelmente por atos de tortura, o cabelo caído e feridas pelo corpo.

O que mais impressionava era a fraqueza, iria morrer de inanição. As evidências de abusos sexuais sucessivos passaram pelos olhos de Helena, o que a deixava indignada.

Ela era uma ativista social e tudo aquilo, apesar de saber da existência, era ainda

chocante. Seus olhos jamais iriam se adaptar àquele cenário.

Esperou o doutor que atendia Dulce para tirar satisfações, consciente de que era conhecido por abocanhar as pacientes jovens, tinha transformado aquilo em regra do hospital. E o cinismo que entoava na gargalhada acerca das indagações de Helena foi mais munição para alimentar seu ódio.

– Sua novata, estamos falando de doentes, de gente que não tem mais jeito. Nem a família dela se preocupa mais de tão ruim e imprestável que é, eu estou limpando o mundo – dizia com frieza e deboche.

– Você é o doente e pessoas como você é que destroem o mundo. Seu nazista!

– E o que vai fazer? Mandar me prender? – abria os braços e emoldurava uma cara de sabichão pelo rosto.

– Sou um médico de prestígio e respeito, antes que você consiga qualquer prova contra mim, posso fazê-la perder o direito de exercer a profissão e se juntar às pacientes novatas para eu curar. O que não seria uma má ideia...

Ela bateu em retirada, não por ter perdido a batalha, mas para fazê-lo acreditar que ganhou a guerra.

Duas semanas depois, conseguiu encontrar Julieta. Devolveu seus pertences, falou do estado de Dulce e disse que aquela era a hora de fazer algo. Junto a isso, entregou uma fita cassete, um filme de máquina e uma carta.

– Você vai entregar isso aos meus amigos, eles já sabem. São ativistas e irão nos ajudar. Agora, é tudo ou nada.

Trinta dias foi o prazo para a notícia se espalhar e ganhar repercussão notável. O prazer de chegar à clínica e não encontrar doutor Roberto em toda sua imponência era fabuloso.

Acomodada em sua sala, abriu o jornal e leu tudo com os olhos de todas as mulheres oprimidas que teve conhecimento. As mãos que erguiam o jornal tinham a força de todas que, em algum lugar do mundo, rogavam por ajuda.

E, para fechar o ciclo, Helena também pôde vingar a mãe que, presa política da ditadura militar, foi paciente de doutor Roberto.

O ritual de leitura foi em voz alta, para que todas as suas células pudessem ouvir e emanar o recado pelo seu corpo, para que este lançasse energia pelo mundo.

“Psiquiatra tarado é investigado por tortura em Sanatório”

Dr. Roberto Alfredo Júnior, renomado nome da psiquiatria brasileira, pai de dois filhos:

Rômulo Neto e Bóris; casado com Eva do Nascimento, filha de políticos; firmou-se como um dos destaques de uma psiquiatria de efeitos obscuros e esparsos, que transforma pacientes indefesos em vítimas de abusos sexuais e violência física.

Nas mãos desse médico, um verdadeiro comércio da morte foi instaurado; pessoas são avaliadas sem critério nenhum, depois ficam enclausuradas, inclusive em jaulas, sob condições sub-humanas. As consideradas mais saudáveis fisicamente são escolhidas para o ‘abate’ e têm seus órgãos vendidos.

As pacientes mais jovens, além dos maus-tratos rotineiros, eram violentadas e submetidas a choques elétricos. Pessoas que são tratadas como ‘animais’, sob descaso, vítimas da intolerância de um psiquiatra que despreza a humanidade.

O médico já estava conhecido nos corredores do hospital como o ‘Dr. das carnes novas’; essas carnes são mulheres que estão entre 15 e 30 anos e deveriam satisfazer a todos os seus desejos sexuais.

Vítimas do seu cuidador, muitas morreram de inanição, frio e, se não eram loucas, acabaram ficando, diante de tanta tortura. As mulheres que sobreviviam ‘saudáveis’ ao ‘tratamento de cura’ do Dr. Roberto, quando completavam 35 anos, tinham o mesmo destino dos outros pacientes: a morte para o comércio de órgãos...”

Quando Olga finalmente recebeu a carta e soube do paradeiro de sua amiga/amante, já era tarde. A rotina de Dulce foi essa por dez anos, até que morreu em silêncio num canto de hospital cheio de pulgas.

Desde esse dia, Olga não parou mais de beber. A culpa percorreu os seus sentidos; afinal, foi ela quem insistiu numa relação com Dulce. O trio estava desfeito, as grandes amigas tiveram finais como os de uma tragédia grega.

As fotos revelaram histórias enterradas e esquecidas pelo álcool. Doía lembrar, o peso dos cinquenta parecia menor.

Elas viviam em momentos difíceis de pós-guerra, ditadura e com famílias que estavam arraigadas a valores de credos religiosos extremistas e militares. Olga foi se rendendo à dor e se esquecendo no álcool.

Olga, apesar de cinquenta anos, tinha alma de quinhentos, ela queria beber, seu espírito sábio não deixou. As experiências protagonizaram seus pensamentos; se, na juventude, acreditou

que Dulce poderia estar na Europa e foi frustrada pela sua ingenuidade, hoje sabia que aquele destino estava cruzado ao dela, não era seu ônus.

As dores continuam lá, as cicatrizes ainda estão abertas.

Prímula silvestre

Quatro meses, três assassinatos, e Abel sem dar notícias. Eu odiava esperar, e já estava pronta para fazer a investigação por conta quando o telefone tocou e interrompeu meus pensamentos.

– Pronto!

– Concluí minhas investigações.

– Abel?

– Quem mais poderia ser? Nos encontramos hoje, às 18 horas, naquele restaurante em que costumávamos ser felizes. – Era perfeito o horário, já que só se encontrava com Olga depois das 22 horas.

– Ok!

A circulação de pessoas na floricultura era grande, véspera do dia dos namorados. Da minha sala, via todo o movimento da loja. Estava de cabeça baixa, analisando alguns documentos, e minha intenção inicial era continuar assim, meus instintos fizeram com que eu parasse e olhasse em volta.

Não obstante do grande movimento, reconheci a figura de Rômulo comprando um grande buquê de rosas vermelhas, que significam amor.

Muito suspeito.

Será que ele tem namorada? Ou então planeja cometer vários assassinatos durante a noite e, em seguida, jogaria rosas nos corpos? Diabólico.

Imediatamente, liguei para Abel, contei sobre Rômulo na loja e solicitei que ele descobrisse o significado daquilo.

Às 18 horas em ponto, já esperava por ele no bar, impaciente.

– Cheguei.

Era Abel, de pé em minha frente e com um sorriso de vitória nos lábios.

– Vamos, homem, conte-me tudo!

Ele puxou a cadeira, sentou-se, pediu uma bebida e começou...

– Tenho boas notícias.

– Então, me fale! – meu bom senso estava se esvaindo e uma mulher ansiosa me domava.

– Seu homem tem muitas histórias. É filho de um psiquiatra que foi preso por espancar, violentar e matar mulheres no sanatório da cidade. Em casa, o pai dele agia com a mesma austeridade que no hospital. Batia na mulher e nos filhos. Segundo parentes, Rômulo era o que mais

apanhava. De acordo com eles, o pai dizia que Rômulo era um perverso apaixonado pela mãe e que precisava curar o filho.

Bebeu um gole de cerveja e continuou. Eu ouvia ávida e atenta.

– Sempre que o pai batia nele, a mãe tentava cuidar dos ferimentos, acabava apanhando e sendo violentada. Uma ex-empregada da casa relatou que uma vez viu o menino, ‘Rominho’, como era chamado pela mãe, se masturbando com a foto da própria mãe.

Passou a mão nos cabelos, com expressão de quem não acreditava no que estava dizendo, de tão violento.

– O pai descobriu e colocou-lhe um anel vitoriano, que corresponde a um cinto de castidade; e a parte que circulava o pênis era revestida de espinhos por dentro, caso o garoto se masturbasse, seria punido imediatamente. E quanto à esposa, foi penalizada por incentivar a promiscuidade dentro de casa, teve os seios e rosto queimados com ferro em brasa. Morreu pelos excessos de castigos e violências. Então, só com a morte da mãe, Rômulo foi liberado do castigo. O pai, não por matar a esposa de pancada, foi preso, mas por desmandos na clínica em que trabalhava, houve uma denúncia que saiu no jornal. E Rômulo e o irmão ficaram aos cuidados dos avós.

Sorriu, aliviado por estar terminando.

– Anos depois, casou-se e constituiu família. Parte da história você conhece e a outra parte saberá num encontro com a filha e a ex-mulher dele amanhã.

– E as flores? O que descobriu?

– Todos os anos, no dia dos namorados, ele leva flores para a mãe. Rosas vermelhas.

– Tudo isso é muito doentio.

– Sim, não falta gente doente no mundo.

– Tem algo mais a dizer?

– Esse homem é perigoso e tornou-se uma obsessão para você. Tenha cuidado.

Ouvi, não queria que ele soubesse dos meus reais motivos.

– Ele persegue mulheres durante a noite. Ronda a cidade como um louco, diz coisas desconexas e gosta de garotos de programa.

– Ele tem dois filhos. Confere?

– A menina, como você já sabe, não fala com ele. O menino é doente, não está sob os cuidados da mãe. Vive mais com o pai, porém, passa mais tempo no hospital. O nome dele é Zeca e tem um tipo de câncer raro.

– Me parece que câncer é o mal do século.

– Não me espanto, com tantos problemas e doenças que as gerações de outrora foram deixando para as gerações seguintes resolverem...

– Isso é muito filosófico e sem a menor noção.

– Isso é muito real. Mas pouco interessa, não viemos aqui discutir teorias. Amanhã, esteja pronta para falar com a filha e a ex-mulher; encontrarão com você aqui às 14 horas.

Por fim, entregou-me um envelope com fotos de todos da família de Rômulo. Fiquei impressionada com a semelhança da filha dele com a mãe, se acreditasse em outras vidas, diria que a filha era reencarnação da avó.

Nesse dia, preferi ficar em casa, queria beber algo, ficar com meus pensamentos. Até podia passar a noite com Olga, beber um bom vinho era inviável.

A história de Rômulo me perturbava e eu já não sabia se o odiava ou tinha pena. E mirei os jornais no centro da sala.

Aquelas mulheres assassinadas poderiam perfeitamente ser Olga ou minha filha, aquela porcaria tinha que acabar.

Peguei uma tesoura e recortei as matérias, deixei-as em cima da mesa de centro e fui até a cozinha para colar um recado para minha empregada.

Nos dias em que planejava minha vingança, a presença dela poderia pôr tudo a perder. Disse que anteciparia as férias, um mês pareceu suficiente.

E, enquanto escrevia o bilhete, pensei sobre ela, era tão pobre, coitada, sorrindo sempre.

Vivia dizendo que era feliz no casamento, seu marido, pedreiro, às vezes aparecia por aqui para buscá-la, de fato demonstrava carinho.

Quando ele chegava em sua bicicleta e sujo de cimento do dia inteiro de trabalho, me irritava; aquele homem pobre e sujo nos arredores da minha casa tão linda.

Célia sabia da minha irritação e, sorrindo, suave e meiga, disse que amava o marido com o cheiro que ele tinha, com o sofrimento e as marcas da labuta.

O descompasso da doçura com que ela proferiu aquelas palavras foi satisfatório para não me enfadar mais. Ou aceitava a situação ou contrataria outra pessoa.

Mesmo sendo pobre e com filhos para sustentar, ela me afrontou e lutou pelo amor da sua vida. Corajosa.

As reflexões foram interrompidas pelas pedrinhas de Olga. Ri gostoso e feliz por saber que ela ansiava minha presença. Abri ligeiro a porta. Apesar de tudo, não podíamos ser vistas. Ainda não.

– Você não apareceu e nada disse...

– Estava cansada. A movimentação na loja foi frenética, véspera do dia dos namorados.

– É verdade. Esqueci.

– Comprei um presente para você.

– Para mim?

O espanto e o brilho que invadiram seus olhos deixaram sua face quinze anos mais jovem.

– Sim. Vamos ao meu quarto, está lá.

– Estou feliz! Ter você perto de mim faz com que eu queira ser uma pessoa melhor.

Peguei a caixa, escondida no guarda-roupa, e a entreguei. Era um colar em ouro branco,

o pingente era uma rosa vermelha que abria e, dentro, estava escrito: para sempre.

– É muito lindo! Obrigada!

Olga abraçou-me, beijou-me, agradecida e feliz como criança quando ganha doce.

– Com você, minha vida tem outro sentido. Eu te amo.

A sinceridade que vinha da alma de Olga me amedrontou. Sem palavras, eu a beijei...

Nos amamos até o dia amanhecer.

Aliás, fazíamos sexo com uma frequência que jamais acreditei que pudesse.

Ouvi passos pela casa, sabia que era Célia, ficamos trancadas no quarto até que ela partisse. Célia não se demorou muito, deve ter ficado contente, de férias remuneradas e mais tempo para a família.

E eu, mais tempo para Olga.

A floricultura tinha espaço bem menor na minha vida, agora, os funcionários e clientes estavam em segundo plano.

Almocei com Olga e saí para o encontro. Ela ficou na minha casa, usando minhas roupas.

Toda vez que a via com uma calcinha das minhas, meu desejo era tirar e chupar Olga até esgotar.

Tudo nela soava irresistível...

Voltei e beijei-a com intenso amor, tirando o fôlego. Queria ficar ali e senti-la em mim, ao invés disso, segurei seu rosto e olhei-a nos olhos, quase engolindo a sua alma. Ela também me olhou, parecia que íamos entrar uma na outra.

Esporinha

O efeito do pequeno instante de lembranças, permeadas de decepções, disseram ao coração de Olga que precisava fechar um ciclo. E ela rabiscou uma carta ao ex-marido.

Querido Carlos:

Sei que devo ter causado grandes mágoas na sua vida. Se disser quais foram, estaria mentindo, pois não sei. Estava ocupada demais com o álcool para lembrar.

Demorei para compreender que machucava as pessoas que amava; estou há alguns meses sem o álcool e, só agora, refleti sobre muitas coisas, inclusive você.

Eu aprendo com meus erros e estou tentando superar o vício que quase me destruiu por completo. Demorei para ver essa realidade, mas aqui estou... e, de todas as coisas boas do passado, você é a única que continua viva.

Nosso elo é eterno. Mesmo com a morte de nossa única filha, o amor que sentíamos por ela está vivo. Nada muda isso.

Pelo amor, escrevo essa carta, em forma de pedido de desculpas. Quero que nos encontremos, se possível, para enterrar as mágoas e cada um seguir seu novo caminho, pautados no amor e perdão; acho que Maria desejava isso!

Respeito caso não se sinta preparado, mas fico aguardando uma resposta.

Abraços,

Olga!

Carlos conheceu Olga muito jovem e a amou desde o primeiro instante. Ela estava triste, sentada num bar, tomando cerveja, fazia isso desde os 20 anos e cada dia a tendência aumentava. Ele considerou a tristeza de Olga a mais bela de todas. A mulher triste mais bonita do mundo.

Chovia e o clima conspirava para tornar tudo mais bonito. Olga tinha cabelos rebeldes e soltos ao vento, pele suave, como de anjo, usava umas roupas liberais, *hippies*.

Carlos, um menino, conservador dos cabelos aos pés; vestia ternos escuros, estudava muito e não saía de casa.

O dia em que viu Olga pela primeira vez, estava atrasado para o almoço, com a chuva, precisou se recostar no bar próximo da faculdade e esperar.

Olga terminou a cerveja e caminhou na chuva, sem se importar com os pingos. Carlos estava impressionado, a água pingava nos cabelos rebeldes sem tirar a beleza, colava a roupa no corpo, mostrando a carne.

Ele correu na direção dela e ofereceu ajuda. Ela ria e, para ele, sua risada era doce. Então ela falou e, para ele, sua fala era música. Ela ria e falava, e ele já estava encantado. Fizeram sexo ali mesmo.

Namoraram e a família dele, por razões óbvias, foi contra o namoro. Ela engravidou e, depois do nascimento de Maria, casaram.

O casamento foi uma tortura para Carlos, cada dia Olga bebia mais e mais; pouco se interessava pela filha e a casa vivia às moscas.

Ele precisava trabalhar, cuidar da filha e da casa, e achava Olga bêbeda no meio da rua com frequência. Com os anos, a rotina foi ficando insuportável e a paixão da juventude deu lugar ao pânico de um pai solitário.

Carlos amava Olga, então, todas as vezes que Maria queria a mãe, ele a pegava no colo e pedia paciência, depois chorava. Anos e anos de dedicação. Um dia, Olga chegou bêbada na festa do trabalho dele, estava suja e fedida.

Todos estavam comemorando a promoção de emprego que Carlos acabava de receber. Ela gritava, subiu numa mesa e tirou toda a roupa. Ficou como veio ao mundo.

Ele foi demitido, se separou, mudou de cidade e, quando conseguiu se reestabelecer financeiramente, tirou Maria dos cuidados de Olga. Não se falaram mais.

Olga nunca soube o motivo do divórcio.

A presença de Marisa em sua vida a fez entender que poderia ressignificar todo aquele sofrimento que causou e que poderia se perdoar.

Por tudo isso, respeitava o tempo de Marisa de não querer mostrar ao mundo o amor que uma sentia pela outra. Sabia que, no tempo certo, Marisa o faria em forma de amor...

Inesperado mesmo foi o telefonema de Carlos, que, depois de ler a carta, se sensibilizou e marcou um encontro com Olga.

Gengibre

Avistei, de longe, as duas. Sentadas e aparentando ansiedade. Bem como eu, que estava exasperada para saber o que aqueles corações guardavam em relação a Rômulo.

Dirigi-me até elas e as cumprimentei.

– Eu sou a Marisa.

Levantaram das cadeiras onde estavam bem acomodadas e apertaram a minha mão em cortesia à minha saudação.

– Estamos curiosas com o seu convite – falou, séria, a filha de Rômulo. Era ela, pois vi a foto, e pela aparência fenomenal com a mãe dele, além do mais, era a mais jovem da mesa.

– Temos um assunto em comum: Rômulo.

– Não temos nada para falar sobre ele. Se era só isso, devemos nos retirar.

– Calma, mãe. Deixe-a falar. Vamos ouvir tudo.

– Bom, seu ex-marido violentou e espancou uma pessoa muito importante para mim e que está debilitada para conseguir lutar contra isso. Não posso deixar impune, preciso fazer algo e vi em vocês uma oportunidade para colocar um criminoso na cadeia.

Fui direta e rápida para que não fugissem.

Os olhos de Ana brilhavam ao som das minhas palavras. No íntimo, as três mulheres naquela mesa tinham o mesmo desejo.

Diria mais: extrapolava, em cada gesto, que ali tinha dores velhas e mal resolvidas.

– Alguns crimes com moradoras de rua aconteceram e creio que ele possa estar envolvido.

– Acho que não podemos ajudá-la – Jailma levantou-se da mesa, desesperada para fugir dali e não se deparar mais com o sofrimento.

– Mãe, espere! – Ana disse, incivil. – Podemos ajudá-la, sim. E ela pode nos ajudar. Oito anos preso foi pouco por tudo que ele nos causou...

– Não sabemos quem é essa mulher.

– Às vezes, mãe, não sabemos mais nem quem somos, e precisamos nos unir a quem não sabemos quem é para nos resgatar.

Jailma a olhou como um devedor olha para o credor.

– Qual é a sua ideia?

– É perigosa, no entanto, se der certo, alcançaremos êxito.

Detalhei o plano e fizemos alguns ajustes. Mas precisava saber de Ana os motivos dela. Jailma, com tantos motivos para odiar Rômulo, se despontava relutante, e Ana concordou sem pestanejar.

– Meu pai sempre foi doente e não duvido quando diz que ele deva estar ligado aos

assassinatos que ocorreram nos últimos tempos. Quando pequena, ele nutria verdadeira obsessão por mim. A forma como cuidava do meu irmão era diferente. Foi carinhoso, mais com ele que comigo. Ele escolhia as minhas roupas e não me deixava brincar com outras meninas, nem queria que eu frequentasse a escola. Coisas que meu irmão podia fazer.

Os olhos dela se fixaram no vago, devia ser para remexer nas lembranças.

– Depois dos cinco anos, meu inferno iniciou. Todas as noites, ele ia ao meu quarto e me aliciava, colocava um pano na minha boca e dizia para eu ser boazinha. Primeiro, só passava a mão em mim, beijava minhas costas. Quando fui ficando mais velha, ele disse que já estava pronta. Se masturbava na minha frente e me forçava a fazer sexo oral. Eu fui me transformando numa criança amedrontada e silenciosa. Quando entendi o que acontecia, passei a odiá-lo, silenciava-me por medo. Quando menstruei, ele fez sexo comigo de todas as formas e me chamava pelo nome da minha avó. Tirou o que de melhor existia em mim, tirou minha inocência, meus sonhos, minha virgindade. É um doente, perverso, merece pagar por tudo o que fez. Nunca pude falar nada, nunca testemunhei, as pessoas não me ouviam e, mesmo que tentassem, eu não falava.

Meus olhos foram enchendo de lágrimas com o testemunho de Ana. Não costumava chorar. Nunca.

– Uma vez, eu engravidei, e ele me fez abortar; quando minha mãe levou o tiro, eu fiquei louca. Ela me protegia, mesmo sem saber de nada, ela me protegia. Ficamos aos cuidados dos nossos avós maternos, a família dele é muito doente. Ele me torturava, me amarrava sempre quando minha mãe não estava em casa. Pagava para a empregada levar o meu irmão para passear e, então, começava a crucificação. Ele tentou matar minha mãe, não conseguiu, foi julgado e condenado, o tempo foi pouco, quero que ele mofe na cadeia, sofra tudo o que eu sofri.

Jailma chorava como uma mãe que sofre mais que a filha, como quem tem culpa no cartório, ela foi vítima também, mas se responsabilizava por tudo.

– Eu não sabia de nada disso. Ela só me disse depois que saí do hospital e estava totalmente reestabelecida fisicamente. Não me arrependi por tê-lo traído, mas por não perceber o que acontecia.

Ela enxugou as lágrimas e continuou...

– Eu o traí porque ele nunca tinha tempo para mim. Soube por amigos que ele estava tendo um caso com o gerente do banco da empresa. Resolvi ser feliz. O que o indignou de verdade foi o fato de eu ter transado com a empresa toda. Eu fiz sexo em cada canto daquela firma, inclusive com os sócios. Eu o afrontei. O afrontei. Arruinei sua pose de macho alfa que exibia na sociedade. Em cada trepada naquela firma, eu deixava claro que aquele filho de uma puta era um brocha. Quando nos casamos, eu o amava de verdade. Era pura e inocente, me guardei

para o primeiro amor. Na lua de mel, ele me bateu e me violentou por trás. Tive vergonha de mim, da minha família, não sabia o que fazer. Era jovem e tola. Por anos, fui submissa para não me divorciar e, com o tempo, o amor foi diminuindo e se transformando em ódio. Além do mais, queria ser amada, continuava com medo. Medo da reação da minha família, ele ameaçava ficar com meus filhos...

Ali estavam minhas aliadas perfeitas!

Acanto

Almocei com Olga. Ela disse que escreveu uma carta para o ex-marido. Eu a apoiei, pedi que não contasse do nosso relacionamento. Ela aceitou sem questionar.

Estava tudo perfeito.

Nós nos amávamos todos os dias e ninguém sabia. Em especial hoje, estava mais feliz, disposta.

Duvidam muito das mulheres, fazem piadas e nos chamam de sexo frágil. Mas quem já experimentou a força de uma mulher ferida sabe da dimensão da nossa astúcia.

Emanamos amor, dor, tristeza. Emanamos alegria, força, vitalidade. Somos resistentes a esse mundo cão. Protegida por nossos espinhos. Nós somos a própria face do mundo, da natureza, somos fortes, guerreiras.

Nunca ficamos sentadas esperando por nada; sentamos para esperar todos os nossos amores. Quando falamos, muitas vozes saem conosco. Muitas vozes são as nossas vozes. Nada nem ninguém é capaz de calar a alma feminina; a essência feminina é natureza da própria terra.



Solicitei uma cópia da chave da casa de Rômulo a Abel e dispensei os seus serviços. Ele já estava sabendo demais e não deveria saber o motivo da minha vingança.

A Ana e Jailma coube a outra parte. Eu as encontrei próximo da casa e entreguei a cópia da chave. Ficamos lá esperando Rômulo sair para sua caçada noturna.

Ana já estava pronta. Vestida exatamente como a avó paterna. Os cabelos estavam perfeitos.

Naquela noite, ele não saiu. O que tornava o plano muito mais perigoso.

Detestava aquele jogo todo do ‘espera’. Alteramos um pouco o plano, já era muito tarde quando Ana entrou na casa.

Rômulo estava bêbado e solitário. Deitado na cama, abraçado à foto da mãe e chorando. Não era sorte, era o aniversário da mãe dele. Até a data foi planejada. Fui milimétrica na vingança. Iniciamos nosso plano e Ana, sozinha, entrou e se defrontou com seu agressor.

Suave, cantou...

Boi, Boi, Boi
Boi da cara preta
Pega esse menino

– Acorde, querido! Mamãe chegou para cuidar de você.

Rômulo via tudo girando, não estava louco, sua mãe tinha voltado.

Era ela, com a mesma roupa e cabelo. Sua pele perfeita. Era a mamãe.

– Mamãe? Mamãe, é você?

– Mamãe voltou para cuidar do neném dela.

– Quantas saudades, sabia que papai não tinha te arrancado de mim. A senhora me ama, né, mamãe?

– Claro, querido. Meu amor. Claro, Rominho.

Era tudo o que Rômulo precisava ouvir naquela noite fria.

– Mamãe, a senhora demorou tanto. Eu sofri muito. Papai brigava sempre comigo.

– Rominho, conte para a mamãe: Você tem cuidado do mundo? Você esperou por mim?

– Claro.

– Mamãe não gosta de sujeira. O que você tem feito, Rominho?

Enquanto falava, erotizava para a figura suja de Rômulo.

Do carro, Marisa ouvia tudo, e Jailma já se encaminhava para a polícia para denunciar o ex-marido por estupro.

– Eu limpo a cidade, mamãe. Saio às noites e, quando encontro alguém sujo, eu mato.

– Quanto orgulho, Rominho. Quanto orgulho. Mamãe vai te dar um prêmio.

Os olhos de Rômulo brilhavam e ele não sabia a dimensão da própria força. Era como se a ‘**mãe**’ fosse muito maior e mais forte.

Ele ficou de joelhos sobre a cama, como um cachorrinho comportado que espera pelo prêmio. Batia palmas e pedia amor à mãe.

– O que eu vou ganhar? O que eu vou ganhar?

– Primeiro vai dizer o que você fez com as mulheres sujas.

Rômulo contou todos os detalhes e entregou como um troféu os objetos de tortura que usava. Descreveu, cauteloso, o manuseio de cada um e o motivo de tê-lo usados.

– Eu usei a faca do papai numa mulher suja da rua. Ela teve muitos filhos sujos, então eu a introduzi e matei o útero dela.

Ana tentava se controlar para manter o tom de voz, pois, a cada palavra do pai, lembrava-se do próprio sofrimento.

– Você quer tomar banho com a mamãe, Rominho?

– Sim! Sim! – ele saltitou da cama e pulou em círculos.

– Então conte mais, estou tão feliz por você.

– Essa enxada, eu usei numa mulher suja que fazia programas. Eu limpei o ânus dela.

Todas, nunca mais falaram.

– Eu acho que estou triste.

– O que fiz de errado, mamãe?

– Você limpou poucas mulheres, meu Rominho.

Ele abriu um sorriso mais diabólico que o do próprio diabo. Fechou os olhos e continuou...

– Desde que a senhora partiu, eu limpei muitas mulheres, mamãe. Eu as enterrei no quintal.

Estão todas aqui. Quer ver?

– Vamos, mostre tudo – Ana disse, quase chorando, estava insuportável ouvir aquilo.

Rômulo percebeu a fragilidade dela, então não era mais pequeno. Transformou-se num monstro gigante e, Ana, na mesma garota indefesa.

Ele pulou em cima de Ana como um bicho descontrolado, rasgou tão fácil o seu vestido. Só deu tempo de ela gritar e a polícia e a imprensa chegarem...



Eu não precisava de justiça, precisava de vingança. Poderia simplesmente pagar a Abel para destruí-lo, mas não teria sido eu.

Fiquei conhecida pelos quatro cantos do mundo como heroína.

Ana se machucou, bateu com a cabeça e chorava muito. A imprensa queria saber o motivo de tudo o que fizemos. Então, combinamos que eu jamais falaria. Que era uma mulher incomodada com o que ele fez e que suspeitava dele.

Que suspeitava que ele fosse o assassino.

Todos acreditaram, a história de Ana foi um prato cheio para a imprensa. Ela ficou debilitada e precisou de ajuda psicológica.

Ana aparentou ser tão forte quando aceitou a vingança; mas nossas feridas, às vezes, parecem estar totalmente cicatrizadas. As queixas que fará ao psicólogo, provavelmente, a ajudarão a suportar um pouco mais. Porém, será Ana capaz de recomeçar? Será possível que Ana não seja uma réplica da loucura do pai e logo ela esteja por aí limpando o mundo para se limpar de sua própria dor? ... Tenho dúvidas. Como alguém que passou por tantas torturas pode se recuperar? Como alguém que só vivenciou o ódio seria capaz de amar? A felicidade ainda poderia fazer parte da vida de Ana? Não sei.

Sálvia

– Eu ouvi sua voz no hospital.

– O que você lembra?

– Lembro da sua presença, mas não sei o que era real ou devaneio. Ouvi você chamar meu nome.

– O que você acha que aconteceu nesse momento?

– Acho que eu reagia.

– A tudo e a todos. Estou disposta a falar...

– O que você quer falar?

– As minhas dores.

– Que dores são essas?

– Por anos, me matava todos os dias, matava mais que vivia. Sofri, quando criança, com o homem que chamavam de meu pai. Um doente que me violentava. Me escondia em filmes e histórias de fantasias para me não ver verdade. Acreditando no meu final feliz. Depois de adulta, excluí a felicidade e comecei a afastar pessoas, tratando das feridas o suficiente para não morrer.

– E até onde isso te levou? Ou até onde isso te trouxe?

– Talvez, de volta para a vida. Talvez, rumo à morte. A morte de uma Ana sem fé; sem fé nela mesma. Sem fé o suficiente para recomeçar. A possibilidade de vingança quase me levou à morte, fiquei um mês internada em coma induzido. Todos os exames que fiz não davam nada, tudo força de uma mente perturbada demais, sofrida demais. Mas, lá no fundo, algo dentro de mim dizia que ainda não era a hora. Que a Ana criança que era capaz de sonhar com histórias felizes, mesmo nos momentos mais difíceis, mesmo depois de cada abuso, estava comigo, esperando, paciente.

Uma pausa prolongada tomou conta da sala. E minha garganta, que antes doía pelo silêncio, reverberou.

– Nos meus sonhos, enquanto estava internada, recordei de cada dia e noite. De cada vez que ele tocava meu corpo. De como doía. Dos gritos abafados por um travesseiro, que, um dia, quase me matou sufocada. Das ameaças ao meu irmão e minha mãe. O medo corria meus ossos, meus músculos. Essas lembranças caíram sobre mim como uma avalanche. Descontrolada. Destruindo o que via pela frente. Depois, mudava, e eu me via no Parque com Verônica.

– Como você sabe que foram sonhos?

– Eu não compreendi a pergunta.

– E se eu disser a você que muito do que relata você falava em voz alta. Para que todos da enfermaria pudessem ouvir? Por isso, eu estive lá.

– Sério? – a sensação foi instantânea de ter-me traído.

– Mas como você se sente sabendo disso? Que, além de mim e você, outras pessoas também ouviram?

– Ninguém me disse nada. Sinto-me traída por mim. Mas, pensando bem, talvez isso tenha sido o melhor remédio. Desde que saí de casa, relutei em dizer qualquer coisa. Evitava minha mãe, não para punir, mas para não recordar. Neste caso, recordar é morrer. Visitei meu irmão poucas vezes no hospital, ele morreu. Mas nos sonhos, ou nos delírios, ele estava vivo. Tudo igual a quando éramos crianças. Ele frágil, brincando. Minha mãe, sempre ocupada, arrumada para fazer alguma coisa na rua. A empregada com olhar desconfiado, assustada. Evitei me lembrar disso. Evitei o máximo que pude. Achei que, se colocasse no arquivo morto, estaria morto, mas me esqueci de uma coisa: não deixar que tudo fosse maior que eu. Me traí, sim. Um monstro foi-se criando dentro das lembranças, que eu achava estarem mortas. No entanto, cada vez que a voz desesperada de minha mãe ecoava por minha atenção, eu desmoronava. Saber do estado do meu irmão num hospital e entender que ele via nosso pai como um doente que necessitava de cuidados me tirava o norte e a segurança que criei para mim. Tudo ilusão. Tudo ilusão. Não havia segurança. Só mais uma fantasia. O certo é que criei uma fantasia de criança para sobreviver e, quando estava livre, nem notei que as correntes estavam soltas. Agia como uma prisioneira. Não me culpo por isso. Se aquelas pessoas no hospital ouviram minhas dores, devem saber que sou uma sobrevivente. Devem saber que sou mais uma mulher com histórias para contar. Devem saber que minha alma sangra. Que um dia, uma criança gritou, suplicou, e o mundo não ouviu. Não ouviu, pois estava ocupado demais para isso. Não ouviu por ser cruel e desumano. Se alguma mulher me ouviu, ouviu meu grito, espero que agora ela também grite as dores dela ao mundo. Duvido muito que essas angústias estejam no passado. Duvido muito que todas as mulheres, se cavarem bem a história, mesmo que sua célula, não tenham algo para contar. Dane-se a vergonha de terem ouvido os meus gritos. Foi o que sempre desejei. Precisei ir ao hospital, meu corpo ferir para sentir que as chagas continuavam lá. Eu não me importo. Não.

– Até quando você acha que vai conseguir não se importar que as pessoas saibam dessa história?

– Eu devo me preocupar com isso? Elas já sabem, não dá para mudar. Preciso cuidar do que é essencial. Preciso cuidar de mim. Já sabem, está feito. Eu não posso mudar isso. Eu quero cuidar das minhas feridas.

– Elas saberem te incomoda?

– Não. Desejei isso. Chegou, mesmo que tardio. Me incomoda o fato de ainda não estar cicatrizada o suficiente para não mais sangrar. Incomoda o fato de ainda não conseguir olhar

minha mãe. As pessoas sabem de mim o mesmo que sabem todos os dias nos noticiários sensacionalistas que mais uma mulher foi agredida. E as pessoas continuam inertes a essa realidade. E a mulher que sobreviveu tem que continuar. Seguir em frente. Eu sou uma mulher que sobreviveu. Eu quero seguir em frente.

– Você tem planos para seguir em frente?

– Sim. O primeiro, estou fazendo agora. Preciso de ajuda. Sozinha, eu sei que não dá.

Mas, se tiver o apoio necessário, vou conseguir. Também quero concluir meu curso universitário e ajudar outras mulheres. Com minhas mãos calejadas de dor, pegar os ossos delas e soprar vida quando necessário, para que elas também soprem vida em mim. Meu principal plano é ser livre. Presa? Não. Ser livre é um passo de cada vez, inclusive para voar. Se os anos de outrora foram de tortura, quero ressignificar. Transformar dor e angústia em serenidade e sabedoria. Como uma criança que aprende a dar os primeiros passos. Creio que a humildade de aceitar que preciso de ajuda seja o primeiro passo. Sem imediatismo. Sem sarcasmo ou jogo. Viver um dia de cada vez, me libertar do vício de mutilar minha alma. Poderia ir para alguma reunião do A.A., mas receio que não entenderiam meu vício. Poderia trocar um vício por outro e virar uma fumante compulsiva. Mas trocar de vício não é liberdade. Também poderia sair caminhado por aí, tentando encontrar essa liberdade. Seria, talvez, uma caminhada inútil, visto que a liberdade mora cá dentro. E também, eu já vaguei, vaguei na imensidão do meu ser.

– Que bom que encontrou esse caminho. Agora você começa a compreender o que é liberdade. No tempo que você passou aqui, tentou esconder algo de mim, por não conseguir ouvir sua própria voz, sua própria lembrança. Mas agora você consegue falar. Eu queria, neste instante, te propor só mais um exercício. Vou pegar uma caixa, nessa estante, e vou te mostrar. Quando você abrir, gostaria que você descrevesse o que vê.

Ela me entregou, cuidadosamente, como quem segura a mais valiosa das relíquias, a caixa. Coloquei-a sobre as coxas, respeitando a sintonia com que ela me entregou. Abri vagarosamente, sem saber o que esperar. Minto, sabia que haveria uma surpresa. Fixei meus olhos ao conteúdo, fiz um silêncio demorado, o tempo da consulta havia acabado, senti que ele não interromperia aquele momento. Estava disposta de ir até o final, se não corri com a Verônica, não poderia correr com o conteúdo da caixa.

– Estou surpresa, não esperava por isso. Meu rosto não é mais o mesmo, parece o mar calmo. Meus olhos brilham, nunca reparei como brilham. Parecem olhos que sorriem. Sim. Meus olhos têm dentes, dentes brancos e reluzentes. Dentes que transbordam alegria. Minhas narinas abrem e fecham com a pulsação do ar ao entrar e sair. Minhas narinas são guelras. Se meus olhos têm dentes, meu nariz é um grande peixe disposto a ir no mais profundo do mar. Minha boca, como ela

é linda. Estou com batom vermelho. É a primeira vez que uso vermelho. Minha boca vermelha de sangue. O sangue da vida. Ela aberta parece o universo inteiro dentro de mim, esperando ser explorado. Meus cabelos, que agora caem sobre parte de meu rosto, não são um adorno, não. Lembram cortinas, mas, bem mais que isso, lembram braços de rios, grandes rios que se encontram com o mar. Tudo isso cabe numa caixa. Tem tantas coisas dentro dessa minúscula caixa. Tem possibilidades a serem exploradas. Uma vida inteira que desconheço. Muitas de mim.

– Depois de revelar a forma pela qual você se vê, depois de se reconhecer na imagem; acho que já é tempo de encerrarmos nossos encontros. Acredito que seja hora de você caminhar com suas próprias pernas. Viver e reconhecer as próprias emoções. E se, por algum acaso, for necessário apoio, você sabe onde me encontrar. Gostaria de saber se posso te dar um abraço antes de sua partida.

– Confesso que não me sinto pronta. Mas não retrucarei. Além de você ser a profissional, não concordo com a ideia de que nascemos prontos. Nascemos dispostos a aprender todos os dias. Depois reaprender para saber que não sabemos nada. Como último desabafo, te direi que me ensinará a abraçar um homem, por vontade, com carinho e respeito, sem ódio, mesmo você sendo uma mulher. Será o primeiro desejo, que, daqui pra frente, abraça seres humanos. Seja capaz de perdoar e ser perdoada. Não me deixarei ludibriar por experiências negativas do passado – fiquei de pé e abri os braços.

Assim foi meu último encontro com minha analista. Depois desse dia, nós nos víamos, mas nos encontros casuais da vida. O curso universitário deixou de ser uma pedra, eu o concluí e a analista foi convidada para a formatura. Até viramos colegas de trabalho. E a apresentava com orgulho.

Só depois, depois que deixou de ser minha analista, soube mais sobre ela. Havia se divorciado pela oitava vez. Tinha um filho, um menino esperto. Saudável. Gostava de ler, de artes e estava com a exposição de suas mandalas marcada. Eram lindas mesmo. Uma mulher simples, que trabalhava duro. O pai do filho também parecia ser legal. Ela disse que não deram certo porque precisava conhecer outras pessoas. Ficaram amigos. Amigos mesmo. Irmãos. As namoradas dele que tinham ciúmes dela. Ora, se tivesse que rolar algo... já teria rolado.

Quem os via juntos, sem olhos ‘rotuladores’, entendia a amizade deles e do filho. Até o dia em que ela conheceu um cara muito legal. Quinze anos mais velho que ela. Não se separou mais. Até hoje. Mas continua amiga do pai do filho dela. Ela adotou uma menina com síndrome de Down e eu sou a tia/madrinha mais boba do mundo. Ela relatava o processo de adoção na maior tranquilidade. Enquanto algumas pessoas diziam que era difícil adotar devido à burocracia, ela afirmava o contrário. Afirmava que para quem quer adotar de verdade é muito tranquilo. Basta

não procurar uma criança padronizada, deixar que a criança venha até você, te escolha. Haja uma conexão. Foi exatamente o que aconteceu com ela.

Quando chegou, encaminharam-na para um pequeno parque com muitas crianças. Minutos depois, uma delas correu em sua direção e gritou: “Mamãe chegou!”. Em seguida a abraçou. Maribel decidiu quem seria a nova família, e Cristina, assim se chama a minha ex-analista, hoje amiga, ofereceu o amor de mãe. Encaixe perfeito. Uma criança precisando de mãe, uma mãe disposta a amar. Não por padrão, mas porque temos amor para oferecer.

Áster-italiana

Carlos foi ao encontro de Olga. Muitos anos se passaram, se viram no enterro de Maria, não se falaram.

– Eu não tinha mais esperança de vê-la curada.

– Nem eu. (Risos)

– Você continua bonita. O que está fazendo da vida?

– Estou sendo feliz.

– Significa que parou?

– Significa que estou tentando de verdade. Cooperando comigo e me perdendo por tudo.

– Por que me procurou?

– Eu não vou te pedir perdão. Não sei o que habita em você e o tamanho do seu sofrimento. Mas não precisamos ser inimigos. Nossa filha estava linda e você foi responsável por isso.

Carlos chorou.

– Para seguir, precisava dizer ao homem que cuidou da pessoa que mais amei que eu sou grata por tudo. Você doou todo o seu amor e ternura para nossa família, enquanto eu estive doente, e você fez o que esteve ao seu alcance. Até hoje, cuida de mim para não destruir o que me resta.

Carlos sorriu e segurou a mão de Olga.

– Eu nunca te odiei. Mas precisava seguir meu caminho, estava adoecendo junto com você.

– Eu sei.

– Fui feliz por nossa filha. Sofri com a morte dela. Antes de morrer, ela pediu que eu a perdoasse, que cuidasse de você por ela. Fiquei louco, não conseguia dizer não, não conseguia te procurar. Quando recebi sua carta, achei que era a hora. Tudo o que passamos me impedia de falar, de te procurar. Vivemos uma tragédia. Mas não foi uma tragédia sem amor. Tivemos uma linda filha e está tudo no passado.

Eles se abraçaram. Olga abriu a última gaiola que a aprisionava e chorou. Ele também chorou, mas não com a mesma carga emocional que Olga, não com o mesmo alívio. Isso porque há alguns alívios que só as mulheres podem sentir. Algumas cargas, só as mulheres compreendem. E quando uma mulher chora aliviada, o universo também sente. Outras mulheres também sentem.

Urze

Olga foi se encontrar com o ex-marido e eu me preparava para comemorar com Jailma. Nosso plano foi um sucesso e a justiça foi feita.

Apesar de muitas cicatrizes, Jailma era bonita. Tinha porte elegante. Parecia uma fidalga. Bem comum para o tipinho de Rômulo: as moças ‘bem criadas’ da sociedade.

Soube que ela era de família rica. Depois do tiro, os advogados da família dela tiraram o que Rômulo tinha. Jailma nem precisava, os pais dela que insistiram.

Ela tem um namorado no interior, um rapaz bem mais jovem que é sustentado por ela.

Deixei um bilhete para Olga dizendo que iria a uma reunião de negócios com uma amiga compradora da floricultura e demoraria.

Nós nos encontramos num restaurante muito apresentável da cidade, o mais caro.

Jailma usava um vestido branco que deixava suas curvas provocantes. Todos os homens do bar a olharam com desejo, inclusive eu. O cabelo longo estava solto e dava uma suavidade de anjo livre à sua aparência. O vestido era longo e solto, nada apertado, ao mesmo tempo, sensual.

Sentamos e conversamos sobre tudo. Tomamos vinho, mais de uma taça, mais de uma garrafa, e chamamos a atenção de todos os presentes.

A felicidade irradiava o lugar, nossas risadas diziam pouco sobre o que fizemos, determinava a nossa força.

Jailma implorou para que eu falasse dos reais motivos do que fiz com Rômulo, preferi manter minha relação com Olga imaculada.

Incrível como fiquei à vontade. O tempo passou e nem vimos.



Depois do encontro com Carlos, Olga foi para casa caminhando. Dispensou a carona dele para refletir sobre a própria vida.

A dose do dia era do recomeço. Reconhecer-se livre para estar nos braços de Marisa.

Ela se doaria e viveria com intensidade cada segundo. Perdoou e facilitou suas relações externas. Seu corpo respirava com suavidade e amor.

A liberdade era tanta que nem sabia o caminho que trilhava, caminhou para casa, essa era a ideia, mas o local onde estava, desconhecia. Era tão incrível que tirou os sapatos para sentir o chão nos pés, para sentir como veio ao mundo.

Quando viu, estava na praia.

Ali, ficou por horas, e sua mente esvaziou. Livre de corpo e alma, foi ao cosmo. A força,

paciência e segurança lhe abraçaram em sonho e em realidade.

Rolou na areia para sentir a origem, entrou na água salgada para limpar as feridas. E tudo pulsava numa única sinfonia: a da harmonia.

Só Cronos que não parava nunca, e mostrou que precisava voltar para casa.

A praia era na Zona Sul da cidade. Receosa, Olga passou pelos bares de cabeça baixa e muito rápido, até encontrar um ponto de táxi.

Mas seu corpo estremeceu, já estava quase na porta do táxi quando ouviu uma risada conhecida. O susto era real. Marisa com outra mulher bebendo vinho.

E ninguém a enganou, ela presenciou quando Marisa segurou na mão daquela linda mulher.

Toda a sua segurança se desfez e a sensação de abandono voltou.

Olga estava desesperada.

Sem ver mais nada à sua frente, foi para os antigos lugares que frequentava com assiduidade: bares.



Estava tarde e precisava voltar para casa antes que Olga sentisse o cheiro de álcool que meu corpo exalava.

Quando cheguei, o bilhete que havia deixado estava do mesmo jeito que deixei. Olga não chegou.

Corri para o banho e a esperei.

Fiquei sentada no sofá da sala e as horas passavam e Olga não chegava. Comecei a cortar os jornais sobre as notícias da prisão de Rômulo.

Já estava preocupada. Era muito tarde.

Gritos vinham da rua e despertaram meus pensamentos sobre Olga.

Fui até a janela e não podia crer no que via. Aos berros, Olga me chamava no meio da rua e alguns vizinhos já saíam para ver.

– Marisa, você me traiu. Você me abandonou. Como pôde fazer isso comigo. Apareça, apareça, Marisa.

Era demais para mim, minhas pernas tremiam e meu rosto foi tomado pela ira.



Agora, todos na rua sabiam do romance de Marisa e Olga. Os vizinhos começaram a se

aglomerar em suas portas, com as línguas malditas trabalhando afiadas.

Sua única reação motivada pela ira foi a de calar Olga; com a tesoura nas mãos, correu para a rua no intuito de silenciá-la.

O que conseguiu foi cravar a tesoura no peito de Olga e vê-la caindo de joelhos no chão, com o rosto encharcado de lágrimas.

Nenhuma das duas acreditava no que acontecia.



E, de repente, não era mais a ira que me cobria as ações; a razão apareceu e parecia tarde.

Olga chorava e todos me olhavam com uma tesoura ensanguentada nas mãos. Eu segurei seu corpo, pedi que resistisse, disse que a amava, minha derme se misturava ao seu sangue. O mundo caiu sobre mim.

Ela se foi.

Verônica

Quatro meses se passaram. Não esqueci do sacrifício de Marisa. Logo será o julgamento. Seria, no mínimo, inocência acreditar que ela não terá uma punição. Uma longa punição. Mas estarei ao lado dela, fiel, sem críticas. Como um dia, quem sabe, uma amiga. Ela se sacrificou por mim. Marisa e Olga se sacrificaram por mim e muitas outras mulheres. Aos poucos, encontro minha mãe. Fomos ao cemitério visitar meu irmão. Não fugi deles. Ainda é lento, um dia de cada vez. Afinal, tornou-se um vício fugir. Mas um dia de cada vez.

No trabalho, volto amanhã. Estava com saudade da galera. Das brincadeiras. Quero aproveitar mais aquelas pessoas. Sentir o que elas têm de melhor para oferecer. Fiquei tanto tempo naquele lugar e sei tão pouco das pessoas.

Estou fisicamente disposta e pronta para bicicleta, velhos hábitos a gente nunca abandona. Meu macacão surrado ainda é o meu predileto. Tem um chapéu de palha, charmoso, e o batom vermelho, que uso algumas vezes. Estou mais fiel a mim. Continuo escrevendo no livro dos sonhos. Hoje, quero ir ao parque, lembrarei de Verônica uma última vez e deixarei a porta aberta ao amor. Para tanto, não pedalei frenética. Fui lenta e suave pela rua, rememorando os poucos lugares em que estivemos juntas.

Dessa vez, escolhi o banco que dava de frente para o lago. Sentei. Contemplei por horas ininterruptas. Meus pensamentos divagaram entre passado, presente e futuro. Numa atmosfera com cheiro de flores, todas as flores. Álamo-branco, Malva-rosa, Verbasco, Cipreste, Nigela, Lilás, Mil-folhas, Rosa branca, Flor-da-paixão, Orquídeas, Escovinha, Petúnia, Glória-da-manhã, Tanaceto, Madressilva, Prímula silvestre, Esporinha, Gengibre, Acanto, Salvia, Áster-italiana, Urze, Verônica, Camélia.

Quando fui interrompida por uma mão fria em meu ombro.

– Trouxe água.

Era ela. Meu coração vibrou.

– Era o que precisava neste momento.

– Imaginei.

Ela sentou ao meu lado, ficamos a contemplar o lago. Em silêncio, apenas sentindo a presença uma da outra.

– Eu senti sua falta – disse repousando a mão sobre a minha.

– E a sua companheira?

– Tudo aconteceu muito rápido.

– Tudo o quê?

– Nós duas, eu e ela. Tentei não ferir ninguém. Acabamos feridas pelo próprio destino.

- Eu também sofri.
- Eu sei. Vi o que aconteceu na TV.
- Sofri por você.
- Não era minha intenção.
- Eu sei.

– Quando ofereci água a você, naquele dia que estava chorando aqui no parque, já havia te visto outras vezes. Já te conhecia, de vista. Você nunca reparou em mim. Certa vez, tentei me aproximar, mas você parecia inacessível. Tinha uma moça com você. Não aquela da festa da abelha, era outra. Resolvi ficar quieta. Na época, estava separada da Eleonor. Depois reatamos. Às vezes, te via no banco, você pagava as contas comigo, mas nunca retribuía o sorriso. Séria. Sisuda.

– Verdade.

– Eu vi você chegando, naquele dia em que nos falamos, de longe. Vi que corria desesperada e confesso que fiquei realmente preocupada. A história de assalto não me convenceu. Então, insisti em conversar com você. Quando foi pagar a conta, na verdade, não dei baixa, te enrolei e fiquei com ela guardada.

Nessa hora, virei o rosto, perplexa, para olhar para Verônica. Era algo extraordinário.

– Não me olhe assim. Atitude infantil, eu sei. Segui, na realidade, meus instintos. Naquele mesmo dia, te convidei para um sorvete e você fugiu. Fugiu como se eu fosse uma pessoa que te causasse repulsa. Me deixou confusa. Mas estava bem com a Eleonor, decidi te deixar em paz. Esqueci a conta, esqueci você. Tentei. Juro.

Aquelas palavras eram loucura demais até para mim.

- Tempos depois, você me procura.
- Por isso fez questão de pagar a conta?
- Sim. Nem parecia real. Mas providencial. Enquanto estávamos juntas, esquecia do

mundo. Quando voltava para casa e olhava o lar que construí com Eleonor, sentia enxaqueca. Depois, meus pensamentos voltavam para você. Sua presença me ajudou a ver o que melhor existe em mim. Prolonguei o tempo o quanto pude. Fui a sua casa para conversarmos depois daquele beijo. Fui por três dias seguidos e não a encontrava. Sem saber do que acontecia, desisti. Fui para casa de bobeira, liguei a TV e a primeira pessoa que aparece é você. Uma foto sua. Relataram o que aconteceu. Fiquei perplexa, porém confusa sobre o que era ou não real, afinal, estamos falando da mídia nacional. Fui ao hospital, mas, dessa vez, meu charme não foi suficiente para conseguir te ver. Soube que estava em coma. Então, vinha para o parque todos os dias na esperança de, um dia, quem sabe, te encontrar.

– Sonhei com você no hospital.

– O que você sonhou?

– Que éramos felizes.

– O que mais?

– Que andávamos de mãos dadas nas ruas da cidade.

– Na sociedade em que vivemos, é um sonho mesmo. Mas não é impossível.

– Você já é casada. Hoje, eu vim disposta a me despedir. Despedir de tudo o que você representou para mim.

– Como assim? O que eu representei?

– Muito. Você representou muito. Ficava ansiosa, desde a primeira vez que te percebi como mulher. Não uma mulher capaz, unicamente, de satisfazer meus anseios físicos, alguém que ocupava meus pensamentos e me colocava de frente com o caos que me habitava há anos.

– Mas você fugia de mim.

– Sim, eu fugia. Não de você. De mim. Fugi de mim todas as vezes que alguém tentou mostrar o que verdadeiramente era. Mas, de você, eu tentei fugir. Não consegui. Todas as vezes que corria, era para não mostrar minha verdadeira face. Crua. Ferida. Com tantas cicatrizes. Você é tão perfeita. Como seria olhar minhas feridas? Até hoje, ninguém resistiu. Naquele dia da água, havia visto meu pai. Por anos, me mantive distante. Evitando o contato. Mas minha mãe precisava que visitasse meu irmão, fui a pedido dela. Quando saí do hospital, ele estava imóvel me olhando, com aqueles olhos devoradores e sedentos por sexo. Eu não suportei. Eu não suportei. Achei que já estava protegida, afinal, ele não era mais uma ameaça. Sou adulta, sei me proteger. Mas não estava. Me via como vítima aos olhos do predador. E eu fui vítima, sim. Sou vítima de um passado que não escolhi. De um passado cruel, que me matava por dentro, que fazia minhas feridas sangrarem – enquanto desabafava, Verônica chorava, como se sentisse na derme o que eu relatava. – Corri o máximo que pude. Parei aqui, esbaforida, cansada e desesperada. Não restava dúvida ao meu corpo que aquelas mãos estavam sobre mim, como se fosse minha própria roupa. Você entende o que é desejar arrancar a própria pele para se sentir limpa? Você entende? Não, você não entende. E mostrar isso a você seria no mínimo cruel. No mínimo inconsequente. O mundo não está pronto para a alma ferida da mulher. Tenta camuflar, massacrar, cada vez que uma mulher fala. Tentam nos calar, alegando que somos loucas e violentas. Faziam isso no passado, fazem isso no presente e, se não tomarmos cuidado, o futuro será pior. Me tornei uma mulher acuada, amedrontada para todos e todas. Para a vida. E o pior, para mim. Sem saber em quem confiar. Então, aparece você, na contraluz, oferecendo água. Água que tudo limpa. Parecendo uma deusa, tão linda. Tão perfeita. Tive medo, mas medo do que sou, do meu passado.

– Você resistiu. Suportou quando ainda era uma criança. Não me importam as cicatrizes da tua alma, não quero a beleza de uma alma perfeita. Quero teu amor – ela segurou em minhas mãos e olhou fixamente meus olhos.

– Eu não vou destruir um casamento.

– Depois que nos beijamos, a Eleonor voltou. Voltamos para nossa vida, porém, ela e eu estávamos diferentes. Tudo havia mudado. Incapaz de corresponder aos anseios de Eleonor, me recolhi em angústia de pensamentos. Pensamentos que oscilavam entre você e a culpa. Dias depois, Eleonor preparou um jantar, muito romântico. O melhor do melhor. Tive medo. Sem saber o que viria dela. Se seria alguma cobrança. Já não fazíamos sexo. E o desejo esvaiu naquele beijo. Minhas mãos suavam frio durante o jantar. Sabendo disso, Eleonor nos serviu. Ela sempre foi elegante em seus gestos, jamais dispensaria as formalidades. Em seguida começou a falar. Disse que não sabia o que acontecia comigo, mas que sentia um prenúncio de paixão, que não era por ela. Ou pior, amor. E, antes que tudo aquilo tivesse um rumo destruidor, era importante sermos honestas. Eu disse sobre nós duas.

– Você disse? – Verônica tinha o dom de me deixar perplexa.

– Sim. Ela chorou, mas com classe. Suas lágrimas desciam suaves. Sem dramas. E ela continuou a falar. Falando suave, chorando e com a classe de sempre. Disse que me amava, jamais conseguiria ser feliz vendo a minha infelicidade. Desconhecia você e seus sentimentos por mim, mas me ajudaria, me libertando para voar. Ela sairia de casa, voltaria a viver com os pais. Pediu que eu não a procurasse, respeitasse a dor dela. Um dia, quem sabe, poderíamos ser amigas. Eu não me senti aliviada, a dor tomou conta do meu coração. Fiquei três dias trancada, chorando para não ir à procura dela. Explicar o que estava acontecendo comigo, mas seria covardia. Egoísmo.

– Uau! Ela é bem madura.

– Ela é decida. Livre e aprendeu a amar.

Ela concluiu a frase e ficou me olhando. Desejando que dissesse algo que acabasse com a aflição dela. O que poderia dizer? Fiz planos para tirá-la da minha vida e ela estragou tudo. Levantei do banco e corri em disparada. Só que, dessa vez, ela foi atrás. Agarrou-me pelo braço, caímos na grama. Ela ficou por cima. Ergueu as mãos e tirou os cabelos que cobriam meu rosto. Uma plateia nos olhava de longe, sem entender direito o que acontecia. Depois, beijou-me a boca. Retribuí. Quando o beijo acabou, novamente esperou por minhas palavras.

– Será mesmo que existe tanta felicidade?

– Eu não sei, mas podemos descobrir juntas.

Rimos. Rimos até não aguentar. E a natureza mais uma vez mandou a chuva. Enquanto todos que nos olhavam, admirados, alguns com nojo, corriam. Ficamos debaixo d'água, nos

beijando como o primeiro beijo de amor. Não que as outras histórias tivessem menos amor, mas esta me fez chorar. E eu chorei, chorei de alívio enquanto a chuva lavava meu corpo de todos esses anos. Deixei a água levar embora tudo aquilo que era inútil para minha nova vida. Chorei como uma criança. Chorei e sorri. Deitada na grama, lado a lado com a mulher da minha vida.

Em seguida, fomos para casa. Me despi e nos amamos para sempre. Verônica me ensinou a chorar. Não chorar de desespero, nem rir de desespero. Chorar para curar. Aliviar. O choro não resolveu meus problemas, nem o tempo, só a sabedoria que o tempo trouxe e o coração que o choro esvaziou para entrar uma nova vida todos os dias.

Minhas cicatrizes foram se fechando, vagarosamente. Me ensinando a ter cama. Verônica tocou em cada uma delas, sentiu cada uma das cicatrizes, as abertas e as fechadas. Eu também toquei sua alma. Todos os dias, um dia de cada vez. Até que decidimos que nossa família estava pequena. E as crianças chegaram uma por uma. E mais uma vez senti que meu corpo se curava, pois aprendia a amar.

Camélia

Ninguém pode dizer que não era amor. Era amor, eu só não sabia o que fazer com ele! Eu nasci, não me preparei para as pessoas. Não me preparei para a eternidade. Deixei-me morrer mais que renascer. E a culpa não é suficiente para essa dor marginal que me consome.

Se a justiça do homem fosse capaz de me fazer pagar por tudo que causei a mim e aos outros, imploraria por cem anos de reclusão. Mas não é a punição humana que me fará esquecer, pagar, redimir.

Para a dor da alma, a culpa é daninha; fui incapaz de vivenciar meus próprios meandros; não me decifrei ou ouvi. Eu tinha que ser filha; pagar contas; ser mãe; esposa; dona de casa; rica; sociável; patroa; nunca fui Marisa. Nunca fui mulher.

Tão pouco de mim restou agora, tão pouco de mim restou agora... Fui incapaz de considerar que tanto amor poderia existir, que poderia bater forte dentro de mim. Tudo aquilo doía. Doía em mim por desconhecer a existência do novo. Por não aceitar que não se controla o amor. Não se controla nem a vida.



Marisa foi taxada como louca pelos psiquiatras da justiça e mandada para um manicômio judiciário. Poderia ser uma assassina, louca, jamais. Marisa nada mais era do que uma mulher que não sabia chorar.



O amor nos coloca em contato com o que temos de pior; quando nos abrimos para amar, sabemos que iremos experimentar, até esgotar e renovar, o melhor; o dilema se contrapõe a isso: entramos em contato com o que temos de pior e responsabilizamos o mundo por isso.

Olga tinha razão, não é colocar expectativas nos outros, é estar preparado para conviver com o caos que nos habita. Nossos defeitos podem ser o que nos protege do mundo, não precisamos nos libertar deles, precisamos aprender a conviver com eles sem nos ferir, exatamente como os espinhos das rosas.

Todo esse ódio é um câncer!

Nota

Quando escrevia este livro, me deparei com a história de *A linguagem das flores*, de Vanessa Diffenbaugh. Lá, encontrei o *Dicionário victoriano das flores*.

Esse dicionário deu vida aos capítulos do livro, então coloco aqui o significado de cada capítulo segundo o dicionário e por ordem de capítulo.

Também me ajudou a refletir na relação das histórias que ouvi de cada mulher que entrevistei e a vida...

Álamo-branco – tempo

Malva-rosa – ambição

Verbasco – tome coragem

Cipreste – luto

Nigela – perplexidade

Lilás – Primeiros sentimentos de amor

Mil-folhas – cura para um coração partido

Rosa branca – um coração inexperiente no amor

Flor-da-paixão – fé

Orquídeas – beleza refinada

Escovinha – felicidade na vida de solteira

Petúnia – sua presença me acalma

Glória-da-manhã – faceirice

Tanaceto – eu declaro guerra contra você

Madressilva – devoção

Prímula silvestre – reflexão

Esporinha – leveza

Gengibre – resistência

Acanto – astúcia

Sálvia – boa saúde e vida longa

Áster-italiana – adeus

Urze – solidão

Verônica – fidelidade

Camélia – meu destino está em suas mãos

Também agradeço a todas as mulheres que confiaram suas histórias mais secretas a mim. Transformei essas histórias em Marisa, Olga, Dulce, Ana e outras.

Poesia do lamento por
Lilian Farias

Eu já não lamento

eu entro
de dentro
no fundo
não caibo
então

eu já não lamento

entendo
ao vento
sem rumo
sem caibo

